

ESPACO

ISSN 0103-7668

INFORMATIVO

TÉCNICO

CIENTÍFICO

DO INES

DOSSIÊ: EUCLIDES
DA CUNHA

Nº 32

JUL-DEZ/2009

Montagem com *Os sertões* (3ª Ed.),
Jornal de Ala (ilustração),
Euclides eleito na ABL (foto) e
reprodução da *Carta a Quindinho*
Imagens gentilmente cedidas pela
Fundação Biblioteca Nacional

Atualidades em Educação

Cem anos sem Euclides

Espaço Aberto

Teses e dissertações em Educação Especial

EDITORES
S. PAULO



SUMÁRIO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

1

EDITORIAL / EDITORIAL

Falando em Euclides

About Euclides

Monique Franco e Janete Mandelblatt

ESPAÇO ABERTO / OPEN SPACE

Análise epistemológica das dissertações e teses em educação especial. 05

Epistemological analyses of theses on Special Education

Régis Henrique dos Reis Silva

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO / NEWS ON EDUCATION

Apresentação: Dossiê Euclides da Cunha 16

Introduction: Euclides da Cunha Dossier

Luiz Fernando Conde Sangenis e Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis

Projeto 100 anos sem Euclides 18

Project "100 years without Euclides" – utopia, construction, action

Luiz Fernando Conde Sangenis e Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis

Engenhos poéticos de Euclides 29

Euclides' poetical engines

Anélia Montechiari Pietrani

Perfil de Euclides da Cunha 34

Euclides da Cunha's profile

Manuel Clístenes de Façanha e Gonçalves

Interdiscursividade, rasuras e leituras de Euclides da Cunha 41

Interdiscourse, erasures and readings of Euclides da Cunha

Leopoldo Bernucci

Iconografia de Euclides da Cunha 56

Iconography of Euclides da Cunha

Felipe Pereira Rissato

O Mecanismo Vitimário em Judas Absverus 67

The victimary mechanism in Judas Absverus

Maria Olívia Garcia Ribeiro de Arruda

Euclides na Rua do Ouvidor – Um Quixote nas “Quebradas” Cariocas 79

Euclides da Cunha on Ouvidor Street –

A modern Quixote in the carioca “quebradas”

Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA / REFLECTIONS ON THE PRACTICE

Língua, identidade e reconhecimento: a questão da educação de surdos 89

Language, identity and recognition: considering the education of the deaf

Michele da Silva Ferreira

CIP - Brasil. Catalogação na fonte Sindicato Nacional dos Editores de livros, RJ

Espaço: Informativo técnico-científico do INES.

nº 32 (jul/dez)

Rio de Janeiro

INES, 2009.

v. Semestral

ISSN 0103/7668

1. Surdos - Educação - Periódicos.

I. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Brasil).

II. Título: Informativo técnico-científico do INES

CDD-371.92

CDU-376.33

94-0100

SUMÁRIO

Os sentidos de ser surdo: um estudo das representações sociais dos jovens surdos do INES. 97

The meanings of being deaf: a study of the social representations of the young deaf people at INES

Simone Conforto e Helenice Maia Gonçalves

MATERIAL TÉCNICO- PEDAGÓGICO / TECHNICAL-PEDAGOGICAL MATERIAL

Direitos das pessoas surdas 106 *Deaf people's rights*

VISITANDO O ACERVO DO INES / VISITING INES COLLECTION

João Rigo e Euclides da Cunha: 105 o escultor e o escritor

João Rigo and Euclides da Cunha: the sculptor and the writer

Solange Maria da Rocha

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO / 107

*GUIDELINES FOR SUBMISSION OF
ARTICLES FOR PUBLICATION*

ESPAÇO

ISSN 0103-7668

MISSÃO

A REVISTA ESPAÇO iniciou sua trajetória acadêmica em 1990 como um informativo técnico-científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Ao longo desses anos, acompanhando as exigências editoriais da atualidade, a revista cresceu e se consolidou como uma referência nacional, mantendo a sua missão de incentivar a discussão dos temas prementes da Educação Especial, num diálogo permanente tanto com a educação geral como com a psicologia, a fonoaudiologia e demais áreas afins, e publicar os estudos daí resultantes.

As seções da REVISTA ESPAÇO recebem artigos, organizados sob a forma de dossiês temáticos, bem como artigos de demanda espontânea, favorecendo, assim, a ampla circulação de pesquisas e ações que compõem o cenário educacional. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos, desde que citados o autor e a fonte. Os trabalhos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores

Governo do Brasil - Presidente da República
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Especial
Instituto Nacional de Educação de Surdos
Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico
Coordenação de Projetos Educacionais e Tecnológicos
Divisão de Estudos e Pesquisas
Edição

Luiz Inácio Lula da Silva
Fernando Haddad
Claudia Pereira Dutra
Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti
Leila de Campos Dantas Maciel
Alvane dos Santos Viana
Maria Inês Batista Barbosa Ramos
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES - Rio de Janeiro - Brasil

Conselho Executivo e Editoria

Prof^ª Ms. Janete Mandelblatt (DESU/INES) - Prof^ª Dr^ª Monique Mendes Franco (INES/UERJ)

Conselho Editorial

Ms. Alexandre Guedes Pereira Xavier (Ministério do Planejamento - MEC/INES) - Dr^ª Cristina Lacerda (UNIMEP) - Dr^ª Elizabeth Macedo (UERJ) - Dr. Henrique Sobreira (UERJ/FEFB) - Prof^ª Ms. Janete Mandelblatt (DESU/INES) - Dr^ª Leila Couto Mattos (INES) - Dr. Luiz Behares (Universidade de Montevidéu) - Dr^ª Mônica Pereira dos Santos (UFRJ) - Prof^ª Dr^ª Monique Mendes Franco (INES/UERJ) - Dr^ª Regina Maria de Souza (UNICAMP) - Dr^ª Sandra Corraza (UFRGS) - Dr^ª Tânia Dauster - (PUC/RJ) - Dr. Victor da Fonseca (Universidade Técnica de Lisboa).

Conselho de Pareceristas Ad Hoc

Dr^ª Azoilda Loretto (SME/RJ) - Dr. Eduardo Jorge Custódio da Silva - (FIOCRUZ) - Dr^ª Eliane Ribeiro (UNIRIO) - Dr^ª Estela Scheimvar - (UERJFFP) - Dr^ª Iduina Chaves (UFF) - Dr. José Geraldo Silveira Bueno (PUC-SP) - Dr^ª Maria Cecília Bevilacqua (USP) - Dr^ª Maria Cristina Pereira (DERDIC) - Dr^ª Maria da Graça Nascimento (UFRJ) - Ms. Maria Marta Ferreira da Costa Ciccone (INES) - Dr^ª Marlucy Paraíso (UFMG) - Dr^ª Nidia Regina de Sá (UFBA) - Dr. Ottmar Teske (ULBRA) - Dr. Pedro Benjamin Garcia (UCP) - Dr^ª Ronice Müller de Quadros (UFSC) - Dr^ª Rosa Helena Mendonça (TVE-BRASIL) - Dr^ª Tanya Amara (UFP) - Dr^ª Vanda Leitão (UFC)

DIAGRAMAÇÃO: I Gráficos Comunicação e Design - IMPRESSÃO: Editora Progressiva LTDA. - TIRAGEM: 5.000 exemplares - VERSÃO PARA O INGLÊS: Janete Mandelblatt - REVISÃO TÉCNICA: Janete Mandelblatt e Monique Franco - ORGANIZADORAS DESTE NÚMERO: Janete Mandelblatt e Monique Franco - REVISÃO: Maria Margarida Simões e Gláucia Cruz - ORGANIZADORES DO DOSSIÊ: Luiz Fernando Conde Sangenis e Anabelle Loivos Considera Considera Sangenis

REVISTA ESPAÇO: INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS - Rua das Laranjeiras, 232 - 3º andar, sala 305 - CEP 22240-003
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - Fax: (21) 2285-5107 - e-mail: comissaeditorial@ines.gov.br

FALANDO EM EUCLIDES

About Euclides

A *Revista Espaço* está em festa. A publicação deste número apresenta o dossiê *Euclides da Cunha* e homenageia o marco do centenário de sua morte (1909-2009). Um diversificado número de trabalhos e pesquisas, coordenados por Luiz Fernando Conde Sangenis e Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis, professores, pesquisadores e estudiosos do autor, oferece aos leitores um passeio sobre a vida e a obra do escritor brasileiro, de forma atual e minuciosa. A densidade dos artigos e a extensa iconografia apresentada nos mesmos nos levaram a suprimir excepcionalmente as seções Debate e Resenha que retornam no próximo número. Mas valeu a pena. Vocês terão contato com textos inéditos que revelam facetas pouco exploradas da vida e produção intelectual deste personagem célebre da história e da literatura brasileira.

No entanto não se assustem. O espaço de debate sobre a Educação Especial e a Educação de Surdos não perdeu sua centralidade, posto que trazemos, neste número, artigos fundamentais para quem estuda e pesquisa na área. Na seção **Espaço Aberto**, no artigo *Análise epistemológica das dissertações e teses em educação especial*, de Régis Henrique dos Reis Silva, encontramos uma preciosa análise das dissertações e das teses desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEEs/UFSCar), durante o período de 1981 a 2002. Segundo o autor, “o objetivo geral é analisar, a partir das abordagens metodológicas, as implicações epistemológicas das dissertações e teses produzidas, levando em consideração suas interrelações com os determinantes sociopolíticos e econômicos.”(p.05) Outro ponto forte e sempre necessário ao diálogo daqueles que dividem seu cotidiano com o “chão da escola especial”, mais especificamente com o universo da surdez, está na seção **Reflexões sobre a Prática**, que traz dois emblemáticos artigos deste desafiador contexto. O primeiro, de Michele da Silva Ferreira, jovem pedagoga, intérprete de LIBRAS, professora das séries iniciais e atuando com alunos surdos, *Língua, identidade e reconhecimento: a questão da educação de surdos*, apresenta como pressuposto “a problematização do processo sócio-histórico da Educação de Surdos, bem como a tentativa de investigação das conseqüências políticas e subjetivas da negação da comunidade ouvinte em relação à Língua de Sinais e seu processo de constituição.”(p. 89) A autora observa e analisa, por meio de uma pesquisa de campo, os mecanismos intrínsecos ao processo de inclusão do sujeito surdo na rede regular de ensino, ou seja, um diálogo fundamental para com os nossos leitores e leitoras. O segundo artigo da seção, intitulado *Os sentidos de ser surdo: um estudo das representações sociais dos jovens surdos do INES*, escrito pela professora da casa Simone Conforto, em colaboração com Helenice Maia Gonçalves, visa buscar indícios das representações sociais de “ser surdo”, produzidas por alunos do ensino fundamental matriculados no próprio INES.

Ainda que com o nosso espaço formal reduzido pela densidade do dossiê, não poderíamos deixar de fora a seção **Material-Técnico Pedagógico**, que traz a mais recente publicação do Instituto, ferramenta importante para os que trabalham na área: a cartilha informativa intitulada *Direitos das pessoas surdas*, idealizada pela assistente social do INES, Rosária Correia Maia.

Voltando ao nosso dossiê, como dizem os apresentadores, “o autor” de *Os Sertões, À Margem da História e Contrastes e Confrontos*, dentre outros, é um escritor *sui generis*, múltiplo, desassombrado e em permanente estado de ebulição literária. Artista científico ou cientista artístico, poeta, cronista, historiador, geógrafo, filósofo, sociólogo,

EDITORIAL

emprestou corajosamente seu discurso à dicção das muitas falas há tempos silenciadas pelos proverbiais processos de exclusão social no Brasil.” (p.18)

O artigo intitulado *Projeto 100 anos sem Euclides – Utopia, construção, ação*, assinado pela dupla de organizadores, relata o empenho de professores e estudiosos da obra e da biografia do escritor na preservação da memória nacional e fluminense, por meio da vida e obra do escritor. Em seguida, *Engenhos poéticos de Euclides*, de Anélia Montechiari Pietrani, apresenta obra e pensamento poético considerando sua produção em versos, seus textos ensaísticos sobre poesia e a narrativa poética de sua obra máxima *Os Sertões*. Em *Perfil de Euclides da Cunha*, de Manuel Clístenes de Façanha e Gonçalves, temos uma análise das características psicossociais da personalidade de Euclides, a partir de fatos biografados e trechos da correspondência ativa do escritor. *Interdiscursividade, rasuras e leituras de Euclides da Cunha*, de Leopoldo Bernucci, analisa a obra *Os sertões* do ponto de vista discursivo e examina “a questão do método de composição do retrato por meio do consórcio História/ Literatura, a partir da análise comparada entre os textos de Euclides da Cunha e as fotos de Flávio de Barros, repórter fotográfico oficial da Guerra de Canudos”.(p.41) *Iconografia de Euclides da Cunha*, de Felipe Pereira Rissato, revela parte do acervo iconográfico do escritores e seus familiares disperso em inúmeras publicações editadas ao longo dos anos ou mesmo inéditas. Em *O mecanismo vitimário em Judas Absverus*, a autora Maria Olívia Garcia Ribeiro de Arruda faz uma leitura de *Judas Absverus* fundamentada na teoria do “bode expiatório”, de René Girard. Fechando o dossiê, Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis nos traz, com seu artigo *Euclides na Rua do Ouvidor. um Quixote nas “quebradas” cariocas* uma proposta de literatura comparada, “em que pesem as aproximações e os afastamentos entre Euclides e todos os intelectuais cariocas e fluminenses que contribuíam para a viragem cultural (pré-) modernista, em finais de século XIX e início do século XX.”(p.79)

Mas a *Espaço* não acaba aí. Solange Maria da Rocha, que assina regularmente a seção *Visitando o Acervo do INES*, traz à cena **João Rigo e Euclides da Cunha, o escultor e o escritor**, e apresenta o artista plástico surdo João Rigo, autor de uma belíssima escultura de Euclides, datada de 1958, inédita nos meios acadêmicos.

Esperamos que a leitura da *Revista Espaço* seja prazerosa, útil e que o nosso diálogo continue nesta e em outras edições. Aguardamos vocês.

Boa leitura!

Monique Franco & Janete Mandelblatt
Conselho Executivo e Editoria

- abordagens metodológicas adotadas pelos autores, especificamente no que se refere: aos critérios de validação científica; às formas de tratamento do objeto; às concepções de causalidade, de ciência, homem, história, realidade, educação/educação especial e deficiência; e
- c) analisar a articulação entre as políticas de pesquisa e pós-graduação brasileiras, a criação e desenvolvimento do PPGEs/UFSCar e as influências desse processo nas características e tendências das dissertações e teses defendidas, no período de 1981 a 2002.

A opção por delimitar nossa análise à produção científica desenvolvida no PPGEs/UFSCar, sob a forma de dissertações e teses, justifica-se, pois dos 27 programas de pós-graduação em educação, no Brasil, em que há registros de trabalhos defendidos na área de Educação Especial, esse Programa destaca-se tendo em vista os seguintes fatores: a) ser o primeiro e, até 2009, o único *stricto-sensu* específico, na área de Educação Especial; b) ser responsável por mais de um terço da produção de dissertações e teses, na área de Educação Especial no Brasil; c) constituir-se em um centro de pesquisa bastante atuante e ativo que completa, em 2009, 31 anos de existência; d) ser fundamental para a formação de recursos humanos em Educação Especial, no Brasil; e) ter sido criado nos anos 1970, época da expansão e apoio governamental ao incremento da pós-graduação nacional, fato que consideramos importante ana-

lisar; e f) desenvolver-se em uma instituição pública, estando mais diretamente relacionado às políticas governamentais de pesquisa e pós-graduação.

Concordamos com Silva (1997) e Vieira Pinto (1979), quando afirmam que a pesquisa científica precisa ser continuamente avaliada, pois entendida como prática social condicionada, constituída entre homens concretos que estabelecem entre si relações sociais de produção, é, de fato, um ato político e, portanto, deve estar acima de tudo comprometido com as necessidades e interesses da sociedade que, de forma indireta, a financia.

Dessa forma, faz-se necessária a realização frequente de avaliações a respeito do que vem sendo desenvolvido, em termos de pesquisa científica, nas diversas áreas do conhecimento e, mais precisamente, nos programas de pós-graduação *stricto-sensu*, visto que estes concretizam espaços privilegiados pelo sistema educacional brasileiro para o desenvolvimento da pesquisa científica (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998; SILVA, 1997). Por isso mesmo são produtores, em potencial, de conhecimentos científicos, o que impõe a necessidade de reflexão crítica, teórica e filosófica sobre seu próprio conhecimento. Negar essa importância contribui “[...] para protelar o exame em profundidade do problema epistemológico, humano e social da pesquisa científica, com prejudiciais reflexos sobre a evolução de nossa incipiente criação cultural” (VIEIRA PINTO, 1979, p.4).

Os estudos que investigam a produção científica de uma determinada área do saber adotam

da Epistemologia elementos que possibilitam o conhecimento dos diversos pressupostos implícitos, nessa forma de produção humana. Buscam na Filosofia os princípios para seu desenvolvimento e na Ciência, seu objeto de investigação (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998).

O mesmo autor (1998) menciona que a função destes estudos não está só em abordar os problemas gerais da relação entre a tradição filosófica e a tradição científica, como também em servir de ponto de encontro entre as duas, o que só se torna possível quando se parte de uma prática concreta. Isso significa dizer que, para falarmos da epistemologia da pesquisa em uma determinada área, é necessário fazê-lo a partir da análise da prática da pesquisa nesse setor. No nosso caso, partimos da prática das pesquisas (dissertações e teses) desenvolvidas no âmbito do próprio PPGEs/UFSCar.

Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na análise das dissertações e teses do PPGEs/UFSCar, no período de 1981 a 2002. Com destaque especial para a utilização da *Matriz Paradigmática*, que nos possibilitou identificar os elementos explícitos e implícitos que constituem uma pesquisa científica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Caracterização da Pesquisa

A pesquisa realizada caracteriza-se como um estudo de caso, do tipo bibliográfico-documental (GIL, 1991). As fontes bibliográficas uti-

ESPAÇO ABERTO ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

lizadas nesta pesquisa foram: periódicos científicos; livros; trabalhos publicados em anais de congressos e outras que se referiram às principais abordagens metodológicas utilizadas nas pesquisas educacionais brasileiras, às políticas de pesquisa e pós-graduação, no Brasil, e ao processo de criação e desenvolvimento do PPGEEs/UFSCar.

As fontes documentais do estudo compreenderam documentos que se referiram à pós-graduação brasileira e ao Programa estudado, neste caso, com ênfase em todas as dissertações e teses defendidas no PPGEEs/UFSCar, entre 1981 e 2002, pois foi a partir destas que coletamos os dados que nos possibilitaram a análise das implicações epistemológicas contidas nas abordagens metodológicas adotadas pelos autores.

Até 2002, de acordo com a listagem obtida na secretaria do Programa em estudo, foram defendidas 258 dissertações e 5 teses, perfazendo um universo de 263 trabalhos. Diante da impossibilidade técnica de leitura de todas as dissertações e teses que foram defendidas no PPGEEs/UFSCar, no período estudado, optamos pela seleção de uma amostragem por meio da técnica de seleção estratificada e sistemática. A partir das listagens obtidas na secretaria do Programa em estudo, as dissertações e teses foram primeiramente organizadas conforme o curso (mestrado e doutorado), fases de organização curricular do programa³ e data de ingresso dos pós-graduandos, dos mais antigos aos mais recentes, e

É necessário situar a análise epistemológica, que realizamos a partir de um entendimento específico de epistemologia, como possibilidade de análise crítica do conhecimento humano, particularmente do conhecimento científico.

em seguida numeradas em ordem crescente.

A partir dessa organização selecionamos, conforme a técnica de amostra sistemática, 10% do total de dissertações e teses de cada estrato. Este percentual correspondeu a um elemento da amostra para cada dez da população. Em cada estrato, o primeiro elemento (n) foi escolhido por sorteio e os demais, segundo o intervalo $n+10$, até cobrir a totalidade da população⁴.

No quadro 01, expomos as fases de organização curricular do PPGEEs/UFSCar e os respectivos números de defesas e amostras selecionadas no curso de mestrado e doutorado separadamente.

Procedimentos de Coleta dos Dados

Utilizamos como técnica de coleta dos dados o levantamento bibliográfico-documental, que compreendeu a obtenção de informações sobre: a) as principais abordagens metodológicas aplicadas às pesquisas educacionais brasileiras; b) as políticas de pesquisa e pós-graduação, no Brasil e c) o processo de criação e desenvolvimento do PPGEEs/UFSCar. Ainda referente ao Programa em estudo, levantamos informações gerais sobre todas as dissertações e teses já defendidas em seu interior, tais como: seus au-

Fases de Organização Curricular	Mestrado		Doutorado	
	Defesas	Amostras	Defesas	Amostras
FASE I	55	06	-	-
FASE II	29	03	-	-
FASE III	125	12	-	-
FASE IV	49	05	05	01
TOTAL	258	26	05	01

QUADRO 01 - Demonstrativo do número de defesas e amostras selecionadas no PPGEEs/UFSCar, no período de 1981 a 2002, de acordo com a fase curricular e o curso (mestrado e doutorado).

³ A estrutura curricular do programa sofreu três grandes reformulações nos anos de 1986, 1990 e 1997, de forma que se pode considerar a existência de quatro fases diferentes do curso, no período de 1978 a 2002 (PPGEEs/UFSCar, 2004).

⁴ O índice de 10% garante o tamanho mínimo da amostra exigido na realização de pesquisas cuja população é finita (GIL, 1991).

tores, orientadores, temáticas mais frequentes, entre outras.

De posse dessas informações, passamos à escolha e desenvolvimento de um instrumento de pesquisa que nos fornecesse diretrizes norteadoras e abrangesse os níveis (metodológico e epistemológico), pressupostos (lógico-gnoseológicos e ontológicos) e aspectos da pesquisa epistemológica.

É necessário situar a análise epistemológica, que realizamos a partir de um entendimento específico de epistemologia, como possibilidade de análise crítica do conhecimento humano, particularmente do conhecimento científico.

Entendemos que a realidade expressa no texto de cada pesquisa traz, de modo implícito ou explícito, uma base metodológica e epistemológica. Estes elementos, expressos nas pesquisas, são resultantes de opções feitas pelo investigador, enquanto sujeito histórico, participante de uma sociedade e época concretas e condicionado na sua perspectiva intelectual por uma determinada visão de mundo (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998).

Assim sendo, a estrutura lógico-gnoseológica deste estudo compreende a leitura do texto, reflexão e crítica a respeito dos elementos que compõem a produção científica, abrangendo não somente aspectos lógicos, históricos, mas buscando entender, entre outros pontos, como o conhecimento na área de Educação Especial é constituído, como os critérios de validação científica, as concepções de ciência, homem, história, realidade, educa-

ção, e educação especial e deficiência são tratados.

Ressaltamos que outros estudos já foram realizados sobre a epistemologia da pesquisa científica⁵, na perspectiva que aqui propomos.

A partir do modelo elaborado por Sánchez Gamboa (1998), denominado pelo autor *Esquema Paradigmático*, e das contribuições do trabalho de Silva (1990 e 1997) e Lima (2003) ao adaptarem aquele aos seus objetos de estudo, desenvolvemos pequenas adaptações que consideramos essenciais, em face das exigências do nosso objeto, o que resultou na criação de uma *Matriz Paradigmática*, que nos serviu como instrumento na coleta das informações referentes às dissertações e teses investigadas.

A amostra selecionada foi lida na íntegra e, na sequência, os dados referentes às pesquisas selecionadas foram coletados a partir de perguntas específicas sobre o texto de cada uma delas, descritas em uma ficha-roteiro. Investigamos indicadores dos níveis metodológico e epistemológico. Apesar da forma dinâmica com que procuramos entendê-los nos textos das dissertações e teses, esses indicadores são apresentados aqui de forma esquemática para uma melhor visualização:

1. *nível metodológico*: diz respeito à abordagem metodológica predominante na pesquisa;
2. *nível epistemológico*: expressa as concepções de validação científica, de causalidade e de ciência, referentes aos critérios de cientificidade implíci-

ta ou explicitamente contidos nas pesquisas;

2.2 *pressupostos lógico-gnoseológicos*: referem-se às maneiras de tratar o real (o abstrato e o concreto), no processo de pesquisa, o que implica diferentes possibilidades de abstrair, conceituar, classificar, nas diversas formas de tratar o sujeito e o objeto na relação cognitiva;

2.3 *pressupostos ontológicos*: relacionados às concepções de Homem, História, Realidade, Educação/Educação Especial e Deficiência, nas quais as pesquisas se fundamentam, e que se referem à visão de mundo implícita em toda produção científica.

A noção de *Matriz Paradigmática* supõe o conceito de paradigma, entendido como uma lógica reconstituída, ou forma de ver, decifrar e analisar a realidade, isto é, a maneira de organizar os elementos presentes no ato de produção do conhecimento, pois neste, ainda que tacitamente, sempre estará presente uma estrutura de pensamento que inclui conteúdos filosóficos, lógicos, epistemológicos e técnicos (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998).

Sánchez Gamboa (2000. In: SANTOS FILHO; SÁNCHEZ GAMBOA, 2000), ao tratar da aplicação da *matriz paradigmática*, afirma que com o auxílio desta é possível elucidar as relações entre os níveis e pressupostos dos textos (dissertações, teses, artigos científicos e outros), desde que se inicie o processo de reconstrução da totalidade ou concreticidade, a

⁵ Procedimento semelhante e que nos serviu de referência foi utilizado por Sánchez Gamboa (1982 e 1987), Silva (1990 e 1997), e mais recentemente, Lima (2003).

variáveis, ou interação de elementos (investigações positivistas).

Nas pesquisas fenomenológico-hermenêuticas, a concepção de causalidade é tida como a relação estabelecida entre fenômeno-essência. Ou procura-se, ainda, entender a causa dos fenômenos pela relação do objeto com o contexto.

Concepções de ciência

Nas pesquisas empírico-analíticas, o entendimento de Ciência está relacionado ao conhecimento e explicação dos fenômenos pelas suas causas, pelos seus antecedentes ou condicionantes. Pautados na racionalidade científica, os estudos desse grupo exigem um processo de experimentação e observação dos fenômenos, de verificação de hipóteses e identificação das relações existentes entre as variáveis, geralmente constatados também nos objetivos e hipóteses de pesquisa formulados pelos autores.

Para as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas, a ciência consiste na compreensão dos fenômenos a partir dos dados coletados em suas várias manifestações, na elucidação dos mecanismos ocultos, das implicações, dos contextos nos quais os fenômenos fundamentam-se. As pesquisas desse grupo não confiam na percepção imediata do objeto que somente proporciona as aparências. No entanto, a partir dela e por intermédio da interpretação se descobre a essência dos fenômenos.

Pressupostos lógico-gnoseológicos

A ênfase da relação sujeito-objeto nas pesquisas empírico-analíticas

está no objeto. Sujeito cognoscente e objeto cognoscível são afastados para assegurar a neutralidade do método, a imparcialidade do pesquisador no processo cognitivo e assim garantir a objetividade do conhecimento produzido. A neutralidade e objetividade científica normalmente são asseguradas pela adoção de procedimentos e instrumentos de coleta de dados que passaram por testes de fidedignidade, por avaliações de juízes ou então são reconhecidos como científicos pela comunidade acadêmica.

As pesquisas fenomenológico-hermenêuticas advogam pela subjetividade do conhecimento. A relação sujeito-objeto caracteriza-se pela dinâmica inferencial do sujeito (cognoscente) que aborda o objeto (cognoscível), desde a experiência fenomênica da pesquisa até a sua essência, e esta é descoberta por meio do processo interpretativo e reflexivo dos dados coletados em suas várias manifestações e contextos.

Pressupostos ontológicos

– *Concepções de homem*

Há, na totalidade das pesquisas empírico-analíticas, o predomínio do entendimento de homem como elemento passível de quantificação, possuidor de variáveis empíricas susceptíveis de aferição e organizações sistêmicas, portanto, passíveis de classificação conforme as categorias elencadas e que também poderão ser expostas num perfil.

Nas pesquisas fenomenológico-hermenêuticas o homem foi concebido sob uma visão existencialista (interesse dialógico e comunicativo). As concepções mais frequentes definiram o homem como *ser*

no mundo, ser com outros (sujeito em interação). O homem é um ser condicionado socialmente – a intersubjetividade pessoal com uma história de vida que participa da comunidade e na sua cultura, em interação constante com outras pessoas, essencialmente social. O homem ainda foi visto como sujeito social, histórico, construtor de mundo, independente de suas especificidades.

– *Concepções de história*

Nas pesquisas empírico-analíticas, a história é reduzida a dados conjunturais, vista de forma estática, e restrita às ocasiões de registro das entrevistas e observações ou de aferição das variáveis, nas realizações do pré-teste e pós-teste. A partir desses dados se fixa um presente e dele se elabora um perfil, uma descrição, um gráfico que demonstra a relação das variáveis, conforme Sánchez Gamboa (1998) – uma visão sincrônica de história.

A história é concebida pelas pesquisas fenomenológico-hermenêuticas de duas formas: 1) como algo que se refere ao tempo passado, num processo acumulativo, no qual as mudanças ocorrem gradativamente – visão sincrônica de história, de acordo com Sánchez Gamboa (1998); e 2) como movimento, evolução e dinâmica dos fenômenos – visão diacrônica de história (abordagens existencialistas e hermenêuticas), segundo o mesmo autor.

– *Concepções de realidade*

Apesar de algumas diferenças, as concepções de realidade das pesquisas empírico-analíticas apre-

para ciência e tecnologia; 3) rigidez das estruturas organizacionais e regimentos internos dos programas; 4) insuficiência de infraestrutura, acervos e recursos para custeio; 5) tempo de titulação elevado, principalmente do mestrado; 6) número excessivo de orientandos para os pesquisadores disponíveis para orientação; e 7) desequilíbrios regionais, intrarregionais (capitais *versus* interior) e de subáreas temáticas. Esses problemas indicam que o modelo de pós-graduação implantado no Brasil a partir dos anos 1960, e principalmente dos anos 1970, não atinge plenamente os objetivos propostos.

Não podemos perder de vista que esse modelo foi orientado por interesses diversos, como por exemplo, os político-econômicos do governo civil-militar (de caráter autoritário) acerca da expansão do capitalismo no Brasil.

Esse modelo de pós-graduação foi o norte-americano. Sua implantação no país levou diversas áreas do conhecimento a um processo de dependência em relação às instituições americanas, tanto de pessoal quanto na formação dos profissionais em nível nacional, o que se viabilizou por meio de convênios, de transferência de tecnologia e compra de equipamentos, laboratórios e matérias-primas para estudos científicos. Estes fatos elucidam tanto o caráter expansionista da política norte-americana quanto os vínculos dos governantes brasileiros com esses interesses expansionistas (SILVA, 1997).

É importante destacar que, ao nos referirmos ao modelo de pós-graduação norte-americano, tratamos não só da sua estrutura orga-

nizacional, mas também do modo como se apresenta, pois este traz consigo uma concepção de ciência sustentada por um entendimento de realidade, por uma visão de mundo (SILVA, 1997). E, no caso específico da pós-graduação em Educação Especial, uma concepção de Educação Especial e Deficiência.

O PPGEs/UFSCar não fugiu à regra e seguiu as orientações gerais dos cursos de nível congêneres, tanto em termos de estruturas organizacionais, quanto no atrelamento às diretrizes políticas nacionais para o setor.

Esses aspectos explicam, até certo ponto, as características das pesquisas desenvolvidas por essa instituição e fornecem elementos para a compreensão, num nível de complexidade mais abrangente, de suas opções epistemológicas.

A produção científica do PPGEs/UFSCar em suas quatro fases de organização demonstra a manutenção de concepções e modelos de pesquisa, sob a abordagem empírico-analítica. Isso significa dizer que as alterações curriculares do Programa estudado não interferiram nas tendências e implicações epistemológicas das dissertações e teses defendidas, no período de 1981 a 2002. Entretanto, apesar das inúmeras dificuldades e problemas enfrentados, não se pode deixar de reconhecer que o processo de criação e desenvolvimento da pós-graduação no Brasil e, em específico, do PPGEs/UFSCar é dinâmico, e expressa diferentes tipos de interesses e contradições. Assim sendo, esse processo também traz alguns avanços, dentre eles o aumento da produção científica, o crescimento do número de mestres

e doutores formados anualmente, assim como dos que atuam nas universidades e nos centros de pesquisas, o aumento no número de artigos assinados por seus docentes e egressos em revistas internacionais indexadas, e o crescimento do número de menções aos trabalhos (citações).

Todavia, apesar do que fora propalado nos documentos oficiais [PNPGs e no documento oriundo do Seminário Nacional (Pós-Graduação, 2001)] e dos avanços alcançados pelo SNPG ao longo de sua existência, a produção científica nacional, em específico do programa analisado, ainda se mantém em patamares críticos, no cenário internacional, e o modelo de pós-graduação continua a apresentar indicadores da necessidade de seu redimensionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito das tendências, na perspectiva epistemológica, apresentadas pelas dissertações e teses defendidas, no âmbito do PPGEs/UFSCar, no período de 1981 a 2002, verificamos então um elevado índice de pesquisas empírico-analíticas (88,9%), a inexistência das abordagens crítico-dialéticas e a inexpressividade numérica dos estudos fenomenológico-hermenêuticos (11,1%). Esses dados podem ser melhor compreendidos se considerarmos o processo lógico-histórico de criação e desenvolvimento da pós-graduação brasileira e, mais precisamente, do PPGEs/UFSCar.

No entanto, ao observarmos as implicações epistemológicas das abordagens empírico-analíticas,

- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.
- KOPNIN, P. V. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Tradução: Célia Neves e Alderico Toríbio. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LIMA, P. G. *Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional*. Artur Nogueira, São Paulo: Amil, 2003.
- MANZINI, E. J. Análise de artigos da Revista Brasileira de Educação Especial (1992-2002). *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, Unesp, v. 9, n. 1, p. 13-23, 2003.
- _____. Análise de dissertações e teses em educação especial produzidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP. Marília (1993-2004). *Revista Cadernos de Educação Especial*. Santa Maria, UFSM, n. 28, 2006. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/>>. Acesso em: 13/02/2007.
- MARQUES, L. P. et al. Analisando as pesquisas em educação especial no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, Unesp, v.14, n.2, p.251-272, mai/ago. 2008.
- NUNES, L. R. O. P.; FERREIRA, J. R.; MENDES, E.G.; *Análise crítica das teses e dissertações sobre educação especial nas áreas de educação e psicologia*: relatório final de pesquisa. Processo CNPq, 2003.
- OMOTE, S. Inclusão: perspectivas em pesquisa. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Eduel, 2003.
- PÓS-GRADUAÇÃO: enfrentando novos desafios. *Boletim Informativo*. Brasília: CAPES, v. 9, n. 2 e 3, p.5-16, abr/set 2001. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2004.
- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UFSCar. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~cech/ppgees.html>>. Acesso em: 11/10/2004.
- SÁNCHEZ GAMBOA, S. A. *Fundamentos para la investigación educativa*: presupuestos epistemológicos que orientam al investigador. Santa Fé de Bogotá: Cooperativa, Editorial Magisterio, 1998.
- SANTOS FILHO, J. C.; SÁNCHEZ GAMBOA, S. A. (Org.) *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, R. V. de S. e. *Mestrados em Educação Física no Brasil*: pesquisando suas pesquisas. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul.
- _____. *Pesquisa em Educação Física*: determinações históricas e implicações epistemológicas. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas: Unicamp, Campinas, São Paulo.
- VIEIRA PINTO, A. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

16

APRESENTAÇÃO: DOSSIÊ EUCLIDES DA CUNHA

Introduction: Euclides da Cunha Dossier

Luiz Fernando Conde Sangenis e
Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis

A presente seção deste número da *Revista Espaço* do Instituto Nacional de Ensino de Surdos é integralmente dedicada ao escritor, jornalista, engenheiro e cidadão brasileiro **Euclides da Cunha**, no marco do centenário de sua morte (1909-2009). O autor de “Os Sertões”, “À Margem da História” e “Contrastes e Confrontos”, dentre outros, é um escritor *sui generis*, múltiplo, desassombrado e em permanente estado de ebulição literária. Artista científico ou cientista artístico, poeta, cronista, historiador, geógrafo, filósofo, sociólogo, emprestou corajosamente seu discurso à dicção das muitas falas há tempos silenciadas pelos proverbiais processos de exclusão social no Brasil. Cabe, portanto, discutir e ampliar as questões teóricas relativas à importância e à perenidade da obra de Euclides da Cunha, um século depois de seu desaparecimento.

Em suas obras, expressou tensões como as que estão presentes no drama coletivo que se desenrolou em Canudos e na epopeia amazônica dos bravos homens e mulheres da floresta, apontando as contradições que abalavam sua própria identidade de intelectual cindido entre a crença nos ideais de progresso e a perplexidade diante dos desmandos que a civilização promovia em sertões e selvas.

O euclidiano Oswaldo Galotti resume bem o encantamento que o escritor exerce em todos que gostam da boa literatura. À pergunta “Por que Euclides?”, responde assim:

Porque sua obra é a preocupação com a organização social do Brasil. Como autêntico patriota ele denunciou o atraso social e econômico de várias áreas do país que viviam à margem da Nação. Porque com sua cultura e sua sensibilidade procurou nos sintonizar com a realidade brasileira.

Porque, de maneira mais específica, procurou conscientizar os brasileiros sobre a verdade do Nordeste, da Amazônia, da questão de nossas fronteiras e da necessidade de um maior entendimento entre as nações sul-americanas. Porque defendeu, com coerência e convicção, o sentido de liberdade, individual e coletiva, que existe no contexto dos ideais democráticos da República. Porque sua linguagem, tão artística e eloquente, se constitui numa das mais belas e originais páginas da literatura brasileira. Ele sentiu, também, que a linguagem emocional pode tornar o fato científico melhor e mais penetrantemente compreendido. Porque, afinal, foi exemplo à juventude e aos adultos na dedicação aos problemas e ao destino de sua terra e de seu povo, com nobreza, com sinceridade e com retidão. Por todos esses aspectos, EUCLIDES merece o intenso culto que lhe é devotado. (in: www.euclidesdacunhafam/porque; site da Família de Euclides da Cunha, acessado em 20-10-2009.)

Acrescenta-se a esta lista apaixonada o fato de Euclides ter sido um ecologista muito antes de isto constituir uma opção “politicamente correta”, abandonando a vida “familiar” para desbravar selvas e sertões por este Brasil afora, para fazer trabalhos seriíssimos de estabelecimento de fronteiras.

O legado euclidiano teve e tem repercussão incontestável em diferentes países do mundo, em função dos contextos histórico-sociais em que se deram as leituras. O impacto, por exemplo, de “Os Sertões” sobre a sociedade letrada da época de sua publicação explica, ainda, o fenômeno de ter-se inoculado em outros escritores brasileiros, perfazendo um lastro estético que deixou marcas em um Graciliano Ramos, em um Jorge Amado e em um João Guimarães Rosa, em cujas obras se identificam influências literárias significativas de Eu-



ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

17

clides da Cunha. A julgar que esta geração brasileira de escritores entre os anos 30 e 50 do século XX também teve influência sobre os neo-realistas portugueses, como Miguel Torga, pode-se mesmo afirmar que a matriz euclidiana personifica um modo de olhar a terra, a gente, a própria língua portuguesa, para além do escopo geográfico brasileiro, enfim.

A inserção histórica de Euclides da Cunha como intelectual de vanguarda naquele momento da história do Brasil é igualmente híbrida: quixotesca, ele se posta como o anti-arauto da *belle époque*, ressentido com o abandono da retidão e do bom-senso apregoado pelos próceres da República, perplexo com as atrocidades que os ex-companheiros de farda foram capazes de cometer contra os patrícios sertanejos e insatisfeito com os rumos do desenho político e das relações internacionais, especificamente nas questões de fronteira da Amazônia brasileira.

O feito linguístico escolhido por Euclides para trazer ao debate estas questões extremamente contemporâneas é, no entanto, anacrônico já para a época: neobarroco, excessivo, caudaloso – mais uma faceta de sua inserção enviesada ao quadro intelectual. Em Euclides, há uma prosa “bárbara”, grandemente retórica, uma maneira muito própria de ressuscitar um vocabulário e formas sintáticas já perecidos, mas que seguem um fluxo linguageiro também apegado às formas do falar brasileiro. Contraditório, cindido entre fontes lusitanizantes e clássicas, de um lado, e de outro buscando dar voz às expressões tipicamente sertanejas (quer seja no episódio de Canudos ou nos ensaios amazônicos), Euclides da Cunha comparece ao escopo da pós-modernidade oferecendo-nos instigantes interrogações sobre a perenidade de sua obra, especialmente sobre a complexidade de sua criação li-

terária – ficção de um modelo de nação com o qual nos confrontamos, dia após dia.

Apesar da amplitude de seu legado, o escritor nascido na pequena cidade de Cantagalo, interior do estado do Rio de Janeiro, não tem merecido detida atenção dos meios acadêmicos e da mídia, no ano que marca o centenário de sua morte. O descaso dos próprios órgãos oficiais de Educação e Cultura fluminenses bem atesta este equivocado quadro de esquecimento de uma figura que deveria ocupar a centralidade dos debates sobre as questões nacionais para iluminá-las inteligentemente – mas nem o único centro cultural dedicado ao escritor em sua terra natal, Cantagalo-RJ (A Casa de Euclides da Cunha), merece a atenção das autoridades, que para ele há muito não possuem políticas públicas de cultura consistentes.

Daí a importância desta iniciativa da *Revista Diálogo*: a de trazer Euclides novamente à cena contemporânea, pelo tanto que sua obra representa de lucidez e brasilidade, colhida pelas tensões de mundos e olhares muito díspares sobre a realidade nacional, mas justamente por isto provocadora de uma necessária tentativa de conciliação. Em sete artigos de diferentes naipes, produzidos por grandes especialistas e, acima de tudo, apaixonados leitores da obra do escritor, esta publicação deseja ser mais uma chave de entrada neste universo euclidiano, provocando o debate em torno desta figura emblemática do século XX. Entre afetos e juízos históricos, ou entre “contrastos e confrontos”, os escritos de Euclides da Cunha permanecem como porta “aberta”, na clave ambivalente da arte e da técnica, e de fundamental importância no construir de uma interpretação da vida do povo brasileiro, em dada época da história das Américas.

Os organizadores

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

PROJETO “100 ANOS SEM EUCLIDES” – UTOPIA, CONSTRUÇÃO, AÇÃO

Project “100 years without Euclides” – utopia, construction, action

Luiz Fernando Conde Sangenis

Professor adjunto da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), responsável pela orientação dos bolsistas de extensão do projeto *100 Anos Sem Euclides* daquela IES. Mestre e doutor em Educação pela UFF, faz parte do corpo permanente do mestrado em Educação da FFP-UERJ e desenvolve atividades de pesquisa, integrando o Grupo Vozes da Educação, inscrito no diretório de pesquisa do CNPq. É avaliador do MEC-INEP-SINAES, cadastrado no BASis desde 2007. Possui quatro livros publicados e uma série de artigos e capítulos de livros, entre eles *Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira*, publicado pela Editora Vozes, em 2006.

E-mail: lfsangenis@uol.com.br

Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis

Professora adjunta do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Literatura Portuguesa e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro dos Conselhos Consultivo e Executivo do Projeto Interinstitucional de Extensão *100 Anos Sem Euclides* (UFRJ/UERJ). Atualmente, desenvolve na FE-UFRJ o projeto de extensão interinstitucional *100 Anos Sem Euclides*, cujas ações culturais, acadêmicas e educativas visam a marcar o centenário de morte do escritor Euclides da Cunha, em 2009, ano nacional do escritor fluminense. O referido projeto conta com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ (PR-5), com a concessão de três bolsas de extensão para o ano letivo de 2009, para as quais foram contemplados graduandos das Faculdades de Educação e Letras da UFRJ. A coordenadora é, ainda, professora do Ciclo de Estudos Euclidianos de São José do Rio Pardo-SP, participando desde 1996 da Semana Euclidiana da cidade que tem por epíteto ser “a meca do euclidianismo”. Nascida no município de Cantagalo-RJ, terra natal de Euclides da Cunha, a professora coordena nessa cidade o grupo de implantação do Cineclubes da Cunha, contemplado através de edital público PROEXT-MEC 2010.

E-mail: analoivos@terra.com.br

Material recebido em julho de 2009 e selecionado em julho de 2009

RESUMO

O projeto interinstitucional de extensão *100 Anos Sem Euclides* (UERJ, UFRJ, ILTC e Cátedras da UNESCO) se insere no conjunto de ações nacionais e internacionais que marcam os 100 anos da morte de Euclides da Cunha. Tem por objetivo aproximar o público dos especia-

listas, com a finalidade de discutir, aprofundar e socializar as produções de professores e estudiosos da obra e da biografia do escritor. Traduz-se, ainda, como um esforço no sentido de preservar a memória nacional e fluminense, considerando que as escolas e seus professores são agentes fundamentais de reelaboração e preservação do patrimônio cultural das gentes brasileiras. As ações

propostas realizam, finalmente, a missão das instituições proponentes do projeto, que é a de promover e democratizar a educação e a cultura, tornando-as mais acessíveis à comunidade – de forma especial a de Cantagalo-RJ, terra natal de Euclides da Cunha.

Palavras-chave: Projeto educativo-cultural. Ações extensionistas. Euclides da Cunha.

ABSTRACT

The extension project 100 Years Without Euclides (UERJ, UFRJ, ILTC and UNESCO Cathedras) fits in the set of domestic and international activities to mark the death centenary of Euclides da Cunha. It aims to approximate the public and the experts, in order to discuss, socialize and deepen the teachers' and scholars' production on the writer's work and biography. It is, also, an effort to preserve the Brazilian and the Rio de Janeiro memory, considering that the schools and their teachers are fundamental agents in the process of preserving the historical and cultural national patrimony. The proposed activities finally achieve the mission of the project proponents, which is to promote and democratize education and culture, making them more accessible to the community – specially the residents of Cantagalo-RJ, where Euclides da Cunha was born.

Keywords: Educational and Cultural Project. Extension actions. Euclides da Cunha.

1. O PROJETO – UTOPIA

O projeto de extensão interinstitucional *100 Anos Sem Euclides* tem a finalidade de promover uma série de ações artísticas, culturais, acadêmicas e educativas, direcionadas a diversos segmentos da sociedade fluminense, como forma de marcar os 100 anos de morte do escritor e acadêmico Euclides da Cunha.

Um dos mais geniais escritores da literatura nacional e do conti-

nente sul-americano, nascido no século XIX, no município fluminense de Cantagalo, Euclides da Cunha é considerado um expoente quando se fala em antecisões da modernidade. De muitas maneiras, Euclides foi pioneiro no jornalismo literário, no tratamento das questões nacionais, enfim, na densidade narrativa que sempre cercaram a sua obra e a sua própria vida.

Vida que teve fim de forma trágica, em 15 de agosto de 1909, na estrada real de Santa Cruz, num momento em que caíam por terra também as primeiras efabulações da República nascente – todas denunciadas com vigor e preciosismo pelo escritor cantagalense, nas páginas conclusas e inconclusas que lapidou sobre sertões e selvas brasileiras.

Portanto, é justo e necessário que, no ano de 2009 (e, até, para além dele...), tenham vez múltiplas iniciativas pelo país afora, a fim de celebrar a vida e a obra do escritor que nos ensinou a ler as entrelinhas de uma história *incompreensível* mas viva e sempre a provocar outras e díspares leituras.

Ainda que a data, simbolicamente, lembre o funesto desfecho de uma vida marcada por um tanto de iluminação e outro tanto de infortúnio, que ela seja representativa de uma vontade pacífica de permanente reconstrução do futuro de nosso país e de nossa gente.

1.1 Objetivos

A partir da mediação de nossos parceiros e convidados, e em articulação com uma comissão especialmente constituída para as-

sinalar o centenário da morte de Euclides da Cunha, planejamos dar ensejo a uma série de ações, desde exposições, colóquios e conferências a provas desportivas.

O projeto educativo-cultural *100 Anos Sem Euclides* cumprirá, assim, o objetivo de engendrar ações que *falem*, de maneira direcionada, a cada local de cultura e de memória em que se consagrou a escrita euclidiana.

As propostas de atividades respei-tarão as particularidades locais e as características dos grupos (públicos e/ou privados) que sustentam os mais diversos processos de leitura, análise, pesquisa e culto à obra e ao pensamento de Euclides da Cunha, no Brasil e no exterior.

A ideia é a de promover variados eventos em campos de ação em que Euclides se distinguiu, como a literatura, o jornalismo, a geologia, a sociologia, a botânica e outras áreas afins, além de aproveitar as vocações naturais de cultura, turismo, lazer e educação dos lugares que se vinculam diretamente à biografia do escritor: sua cidade natal, Cantagalo; o Rio de Janeiro, onde viveu e lecionou; Canudos, que imortalizou em seu clássico; São José do Rio Pardo, a cidade que o acolheu como filho ilustre.

A proposta central do projeto *100 Anos Sem Euclides* é, portanto, a de transitar entre cursos, oficinas, mesas-redondas, eventos culturais, saraus literomusicais, contação de histórias, manutenção de espaço virtual na internet e outras ferramentas de divulgação e acesso ao patrimônio cultural das comunidades envolvidas.

As atividades estarão ligadas à figura do escritor cantagalense

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

como elemento dinamizador dos processos de formação, catalogação e valorização da memória euclidiana e da cultura popular com a qual ela dialoga.

1.2 Resultados esperados e impactos sociais

A partir destes objetivos, espera-se conseguir a intervenção e a congregação do poder público e da sociedade civil organizada para a execução de um processo de permanente discussão e atualização dos referenciais críticos, culturais e literários plantados na escrita euclidiana. A meta é fazer com que as comemorações pelo marco do centenário da morte do escritor sirvam como *gatilho* para uma reavaliação das condições estruturais e sociopolíticas do Brasil retratado em suas obras.

Serão muitos os impactos sociais das ações do projeto *100 Anos Sem Euclides* para a população beneficiada, principalmente no que concerne às atividades educativas e culturais planejadas. Citem-se a pesquisa e a catalogação (via entrevistas e montagem de acervos memorialísticos) do *modus vivendi* das pessoas, suas crenças e seus *links* com o meio ambiente em que plantam, trabalham, se casam e constroem seus sonhos; ou o registro e a análise de suas formas de interação com as novas tecnologias que as ações do projeto trarão para dialogar com a tradição local. Tudo isto pode ser instrumento de avaliação do valor que o projeto socio-cultural terá para a sociedade.

Creemos que abordar essa percepção do meio de vida da po-

pulação possa valer para intuir a sustentabilidade das estratégias de sobrevivência e dos processos identitários da comunidade envolvida. É nosso desejo estar em permanente diálogo com estas falas da comunidade, para que mensuremos em que termos as atividades do projeto podem ser capazes de sustentar o acesso da população atendida a um leque de recursos – sociais, culturais, humanos, ambientais, financeiros e de infraestrutura.

Por exemplo, é sabido que uma pessoa que está em contato com múltiplas leituras e formas de arte torna-se mais apta a fazer interpretações em profundidade da realidade que a circunda, a se inserir no mercado de trabalho, a se socializar, a intervir nos processos político-participativos de sua comunidade, a aumentar, enfim, seu capital cultural e educacional.

É possível, então, dizermos que o projeto *100 Anos Sem Euclides* pretende ser uma alternativa sustentável que, direta ou indiretamente, colabore para a diminuição do trabalho infantil, para o incremento das atividades extracurriculares à escola, para a menor evasão e para o maior aproveitamento escolar, para a fixação dos moradores na comunidade (por meio de condições específicas de manutenção de vínculo, que transitam do cultural ao econômico), para a diminuição da criminalidade e para a melhoria da qualidade de vida e de condições de empregabilidade (por meio do investimento na formação continuada dos participantes do projeto).

Enfim, o projeto *100 Anos Sem Euclides* esboça alternativas, consórcios e diálogos com o universo de Euclides da Cunha, no momen-

to em que se marca o centenário de sua morte, como uma forma simbólica de apontar para o que contraditoriamente nos falta e sobeja: idéias, paixões, esperança na escrita da história de um povo que com orgulho se entende *brasileiro* e melhor – com e depois de Euclides.

2. 100 ANOS SEM EUCLIDES – CONSTRUÇÃO

O projeto *100 Anos Sem Euclides* tem realizado uma série de atividades de cunho cultural, artístico e educacional, transitando entre cursos, oficinas, mesas-redondas, eventos culturais, saraus literomusicais, contação de histórias, manutenção de espaço virtual na internet e outras ferramentas de divulgação e acesso ao patrimônio cultural – principalmente àquele local, o da comunidade de Cantagalo-RJ, terra natal do escritor. As atividades estão sempre ligadas à figura de Euclides da Cunha, cidadão cantagalense e um dos mais geniais escritores da literatura nacional e do continente sul-americano, como elemento dinamizador dos processos de formação, catalogação e valorização da cultura popular do município.

O objetivo primordial é dialogar com as lideranças locais e buscar uma interface com seus projetos político-pedagógicos já implantados. Em linhas gerais, ao encetar ações nas áreas do pensamento e da memória, a partir do legado de Euclides, o projeto pretende comunicar-se com a comunidade e com a rede de ensino do

município de Cantagalo. Algumas destas iniciativas dialógicas estão descritas a seguir.

2.1 Ações prioritárias do projeto

Livro *Quatro cantos de Euclides*

Autorizado pelo Ministério da Cultura a captar recursos por meio da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura, o projeto pretende publicar 10 mil exemplares do livro infanto-juvenil *Quatro cantos de Euclides*, do jovem autor Thiago Cascabulho, com ilustrações de Miguel Carvalho. Os exemplares serão destinados a bibliotecas e salas de leitura de escolas públicas.

Paralelamente à distribuição dos livros, mil exemplares do projeto pedagógico serão impressos para capacitação de professores, a fim de que eles possam ter mais um instrumento de trabalho com o material relativo à vida e à obra de Euclides da Cunha.

Haverá um ciclo de 20 palestras com o autor do livro e com a coordenação pedagógica do projeto *100 Anos Sem Euclides*, que serão realizadas nas escolas públicas das cidades atingidas pelo Projeto.

O desenvolvimento de um *site* específico para o livro *Quatro cantos de Euclides*, por meio do qual se poderá baixar gratuitamente a obra, bem como as músicas que reinterpretem os poemas, será uma importante porta para divulgação do projeto e para a ampliação de sua mensagem. Além disto, espera-se que a *homepage* seja um espaço a mais para intercâmbio entre o autor, os coordenadores do Pro-

jeto, os professores e os pequenos leitores.

2.2 Ações complementares ao projeto

2.2.1 Atividade inclusiva e continuada

Implantação de um centro de referência digital para a discussão da obra de Euclides da Cunha, que:

- catalogue e classifique a produção acadêmica sobre o assunto (publicações periódicas, artigos e obras de referência);
- divulgue e dê espaço à organização de eventos concorrentes, destinados tanto ao público acadêmico quanto ao não-acadêmico (seminários, exposições, oficinas, concursos e palestras);
- promova a permanente troca de informações, constituindo-se num espaço aberto à colaboração de pesquisadores de outras instituições nacionais e/ou estrangeiras;
- proponha e organize (em parceria) o lançamento de uma coleção temática sobre temas euclidianos (impresa e digital);
- organize interseções em outros espaços virtuais e *homepages* ligadas à área da cultura e da literatura, mantendo nesses sítios-parceiros um *link* para a disseminação das pesquisas realizadas e para a divulgação de atividades correlatas aos estudos euclidianos oriundas dos meios acadêmico e não-acadêmico;

- oriente e dê suporte ao acolhimento de estagiários das áreas de ciências sociais, história e letras, encaminhando-os como leitores e multiplicadores voluntários às instituições de pesquisa e extensão que trabalhem com os diversos tópicos do pensamento euclidiano.

2.2.2 Abertura oficial do Ano Nacional de Euclides da Cunha em Cantagalo-RJ

Outra importante ação do projeto *100 Anos Sem Euclides* aconteceu em janeiro de 2009, quando se deu a abertura oficial do Ano Nacional de Euclides da Cunha, em Cantagalo-RJ, com a participação de representantes de diversos segmentos da sociedade (intelectuais, autoridades, poetas, ícones da cultura fluminense e a população em geral).

O evento cívico-cultural foi realizado na Praça João XXIII, no centro da cidade, em frente ao busto do escritor. A solenidade foi promovida por meio de uma parceria que contou com participação da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, da Fundação de Artes do Estado do Rio (FUNARJ), da Casa de Euclides da Cunha (Cantagalo-RJ), da Câmara Municipal de Cantagalo, da Prefeitura Municipal de Cantagalo e do projeto *100 Anos Sem Euclides*.

Na ocasião, por meio de uma parceria do projeto com a Petrobras, foram doados mais de 100 livros para a biblioteca da Casa de Euclides da Cunha, do acervo de publicações patrocinadas por aquela empresa. No encerramento, a cida-

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

de recebeu de presente um show da Orquestra de Violinos Cartola Petróbras, do Centro Cultural Cartola, da Mangueira, no Rio de Janeiro.

2.2.3 Ponto de cultura *Os serões do Seu Euclides*

Com o Ponto de Cultura *Os serões do Seu Euclides*¹, a ser instalado em Cantagalo-RJ, pretende-se resgatar a memória euclidiana e ressaltar o patrimônio material e imaterial que a obra do escritor faz circular, em manifestações artístico-culturais e ações interdisciplinares.

Serão três anos de vigência, sob os auspícios de verba pública específica, podendo ser prorrogado o prazo de vigência de acordo com o sucesso de implementação das ações ou, até mesmo, mantendo-se o ponto de cultura de forma autossustentável.

Pretende-se sediar a maior parte destas atividades em um centro cultural já existente na cidade de Cantagalo, a Casa de Euclides da Cunha (Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro/FUNARJ), que receberá, via edital MinC-SEC/RJ, investimentos para informatização e equipamentos que viabilizem o funcionamento das diversas vertentes do Ponto de Cultura – como um cineclub, apresentações de saraus literomusicais, centro de documentação e memória, cursos de extensão, manutenção de espaço virtual na internet e oficinas de jornalismo e histórias em quadrinhos.

O desafio do projeto encontra-se na proposta de formar novas gerações com um sentimento de pertencimento à comunidade, por meio da história e da memória de outros cidadãos que marcaram seu tempo. Para tanto, partiremos da figura emblemática de Euclides da Cunha.

O projeto *Os serões do Seu Euclides* concorreu ao Edital do MinC e da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, tendo passado pelas duas primeiras etapas de avaliação da comissão julgadora, e atualmente está entre os 80 projetos finalistas a serem contemplados na segunda fase do edital.

2.2.4 Curso de extensão *Letras verdes em Euclides da Cunha*

O curso de extensão *Letras verdes em Euclides da Cunha* é ministrado pela Professora Anabelle Loivos Considera Conde Sangenis, da Faculdade de Educação da UFRJ, para professores das redes pública e particular de ensino dos municípios envolvidos no projeto *100 Anos Sem Euclides*.

No curso, o grupo de docentes toma contato com fontes histórico-literárias sobre Canudos (BA) e discute sobre fatos da *belle époque* amazônica e carioca. A ementa do curso de extensão ressalta a presença de Euclides da Cunha neste cenário cultural, descrevendo, com sua paixão peculiar e seu rigor científico, tanto o sertão quanto a selva.

São realizadas leituras expressivas e comparadas de trechos de *À margem da História, Peru versus Bolívia e Contrastes e confrontos*,

os trabalhos da fase amazônica de Euclides da Cunha. O objetivo do curso é ser uma atividade de formação continuada, para que esses profissionais da educação sejam multiplicadores da obra euclidiana junto aos alunos das escolas da educação básica.

Os professores que participam do curso têm acesso a materiais didáticos sobre o tema e dicas para sua utilização em sala de aula. São vídeos, fotos, músicas e outros meios que dinamizam a linguagem euclidiana, para torná-la mais acessível aos estudantes dos ensinos fundamental e médio.

2.2.5 Atividades pedagógicas

Um dos principais objetivos do projeto *100 Anos Sem Euclides* é o de envolver educadores formais e informais e a escola neste processo de fórum permanente sobre a obra e o pensamento euclidiano.

O trabalho direto com mestres e alunos visa à descoberta de novas metodologias para o trabalho com o texto histórico-literário e de valorização da interpretação euclidiana da sociedade brasileira, em seu tempo e, até, para além dele.

Para cumprir esta tarefa fundamental, que é a de formação continuada de divulgadores e leitores da obra de Euclides da Cunha, o projeto propõe algumas atividades de cunho educativo e pedagógico, a saber:

I. Auxílio ao trabalho docente – Produção de um manual do professor para nortear as atividades educativas, com explicações sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha

¹ Entendendo serões na sinonímia de festival dos saraus poéticos e como trocadilho que faz referência a uma das maiores obras literárias brasileiras, *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

e sugestões de atividades para a sala de aula, orientadas por especialistas em educação e em literatura. A ideia é compartilhar as sugestões dos professores envolvidos com o projeto por meio do *site*, criando um *blog* para troca de experiência e postagem do material didático produzido.

II. Material didático para os alunos – Produção de livros de literatura infanto-juvenil e histórias em quadrinhos, como forma de dialogar com a obra de Euclides da Cunha, apresentando-o às crianças, por meio de pequenas histórias que estimulem os pequenos leitores.

III. Conversas euclidianas – Programa de capacitação de professores, educadores e estudiosos de várias áreas que falarão sobre o legado de Euclides da Cunha, a fim de que os mestres possam melhor se instrumentalizar para trabalhar os textos e as ideias euclidianas com seus alunos.

IV. Concurso para os mestres – Um concurso premiará o professor do ensino fundamental e outro professor do ensino médio que desenvolver o melhor projeto pedagógico de uso da obra de Euclides da Cunha em sala de aula.

V. Olimpíada de Euclides – Realização da *Olimpíada de Euclides*, que estimulará os aprendizes a produzirem obras escritas ou audiovisuais, inspiradas na vida e nos escritos do autor de *Os sertões*.

2.2.6 Ato Solene pelo centenário de morte de Euclides da Cunha em praça pública de Cantagalo

O projeto *100 Anos sem Euclides*, em parceria com a Câmara Municipal, realizou, em 1º de agosto de 2009, às 10h, no centro do muni-

cípio de Cantagalo, um ato solene em homenagem ao escritor Euclides da Cunha, como forma de marcar o centenário de seu desaparecimento.

A praça central da cidade, chamada João XXIII (antiga praça dos Melros), foi animada por uma apresentação da *Furiosa* (Sociedade Musical XV de Novembro de Cantagalo), e teve ainda a encenação teatral *Cantos de Euclides*, com o Coletivo Teatral Sala Preta, de Barra Mansa, uma adaptação do mesmo espetáculo que foi realizado na última FLIP (Feira Literária de Paraty) 2009 e baseado no livro infanto-juvenil do projeto, *Quatro cantos de Euclides*, do autor Thiago Cascabulho.

Durante o ato solene, foi acesa uma chama simbólica, posteriormente levada para São José do Rio Pardo, no interior do estado de São Paulo, que iluminou uma pira euclidianas, acesa do dia 15 de agosto – data da morte de Euclides – até o final da semana rio-pardense em homenagem ao escritor, em 10 de outubro de 2009.

2.2.7 Concurso internacional de trovas sobre Euclides da Cunha

Uma importante parceria para o projeto aconteceu através de iniciativa da poeta cantagalense Ruth Farah Nacif Lutterbach, que organizou um concurso de trovas sobre Euclides da Cunha, no âmbito dos países de língua portuguesa. Os temas propostos foram *sertão e vida e obra de Euclides da Cunha*.

O evento compôs o concurso *IV Jogos florais de Cantagalo* e a premiação às trovas vencedoras aconteceu dentro da programação do Seminário Internacional *100 Anos*

Sem Euclides, em 26 de setembro de 2009. A seguir, estão as duas trovas vencedoras de cada categoria (âmbito estadual e âmbito nacional), para atestar a fecundidade artística que o projeto fomentou através da iniciativa cultural do concurso de trovas:

- 1º lugar – âmbito estadual:
Canudos, o grão plantou,
germinou... se fez colheita.
E para Euclides gerou
“Os sertões”, obra perfeita.
(Dyrce Pinto Machado – Cantagalo – RJ)
- 1º lugar - âmbito nacional:
O GRANDE LIVRO fechou...
“Canudos não se rendeu”.
Mas, Euclides nos mostrou
o que o Brasil esqueceu!
(José Valdez C. Moura – Pindamonhangaba – SP)

Vale destacar, ainda, que os professores de língua portuguesa e literatura brasileira das escolas conveniadas com o projeto trabalharão curricularmente as trovas vencedoras em suas salas de aula, como uma forma de disseminação do valor poético daqueles textos centrados na figura de Euclides da Cunha.

2.2.8 Edital PROEXT-MEC 2010

O projeto *100 anos sem Euclides* foi contemplado com uma verba do PROEXT 2010, que prioriza ações inovadoras na área de extensão universitária em todo o país. Será disponibilizada pelo MEC e pelo MinC, em convênio com a UFRJ, uma verba de 30 mil reais para ser aplicada na infraestrutura do *Cineclube da Cunha*, na Casa de Euclides da Cunha, em Cantagalo. O projeto será conveniado por um período de um ano e via-

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

bilizará recursos para o fortalecimento e a manutenção dos grupos de expressões artísticas, memória social, cultura popular e local, inclusão digital e audiovisual, no âmbito daquele município fluminense. Essa atividade vai possibilitar o acesso ao cinema por parte dos cidadãos cantagalenses, que atualmente têm que se deslocar cerca de 70 quilômetros até Nova Friburgo, única cidade próxima a possuir salas de cinema, para assistir a um filme.

O PROEXT é uma política de incentivo e fomento à extensão universitária criada numa parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Cultura (MinC). O programa garante a extensão como parte integrante do

tripé universitário composto por ensino, pesquisa e extensão.

As ações previstas pelo projeto, por meio do Edital PROEXT 2010, representarão um salto de desenvolvimento cultural para Cantagalo, uma vez que devem ser salientados os benefícios que a implantação do projeto trará para a produção e a difusão de bens e serviços culturais em uma pequena cidade da região serrana-norte fluminense. Devem-se destacar as características intrínsecas de originalidade das atividades propostas, além de sua variedade estética, sua excelência e sua qualidade.

São projeções de filmes, debates, acesso à internet, *blog* interativo e apoio a pesquisas e produção de conteúdos, sempre acompanhados por professores e agentes culturais – todas as iniciativas gratuitas e de abrangência comunitária, facilitando o apoderamento das novas tecnologias e a fruição dos bens culturais (locais e globais). A importância do projeto para a sociedade cantagalense assenta na sua capacidade de dar resposta a questões como memória, patrimônio simbólico, valorização das personagens cantagalenses, democratização do acesso à cultura, integração com outros agentes e criadores, proximidade com seus públicos e, por último, oferta de alternativas qualificadas de leitura e cidadania.

Será uma oportunidade ímpar para revitalizar a memória de Euclides da Cunha, como valor da cultura local e como forma de remexer o imaginário coletivo da população, de pouco menos de 20 mil habitantes. Na prática, a ousadia do projeto é fazer com que as pessoas, com acesso restrito

aos aparelhos de cultura, possam formular questões, participar dos processos de implantação das atividades, produzir cultura, fruir de espetáculos literomusicais e interferir decisivamente nos moldes dos quatro subprojetos previstos, a saber:

1. Sarau do Seu Euclides: um total de 12 saraus literomusicais, no período de um ano, com cerca de três horas de atividades em cada um, ou 36 horas totais;
2. Cineclubes da Cunha: 24 filmes no período de um ano, com cerca de três horas de atividades em cada um (já previsto o tempo de debate), ou 72 horas totais;
3. Blogosfera Euclidiana: concepção, produção e realização de conteúdos para o *blog* do projeto, alimentado semanalmente, em 40 semanas e 20 horas de trabalho distribuídas em cada uma delas, ou 800 horas totais.
4. Realização de dois cursos de capacitação de professores da educação básica e treinamentos diversos com monitores, estagiários e voluntários para a gerência dos subprojetos a serem implantados, com oito horas de atividades para cada curso, num total de 16 horas.

As propostas de extensão de duas das maiores universidades públicas do país – UERJ e UFRJ – cumprirão, assim, um papel de suma importância nesse contexto, realizando-se, sob uma perspectiva dialógica, na idealização de eventos, na pesquisa de material de suporte às atividades previstas, no acompanhamento da execução das pro-

**O projeto será
conveniêdo por um
período de um ano e
viabilizará recursos
para o fortalecimento
e a manutenção dos
grupos de expressões
artísticas, memória
social, cultura popular
e local, inclusão
digital e audiovisual,
no âmbito daquele
município fluminense.**

O seminário internacional *100 Anos Sem Euclides* contou, em sua programação, com conferências, mesas redondas e comunicações – com pesquisadores convidados e abertura de inscrições de trabalho, no Brasil e no exterior.

postas, no diálogo produtivo com a comunidade atendida pelas ações extensionistas e demais demandas que se fizerem necessárias, no período de vigência do financiamento previsto no edital PROEXT 2010.

3. SEMINÁRIO INTERNACIONAL – AÇÃO

Uma das ações prioritárias do projeto interinstitucional de extensão *100 Anos Sem Euclides*, o Seminário Internacional *100 Anos Sem Euclides* reuniu pesquisadores, especialistas sobre a obra de Euclides da Cunha, acadêmicos, professores e estudantes de diversos níveis de ensino, em três dias de trabalhos, no Centro de Convenções do Hotel Fazenda Pesqueiro da Aldeia, em Cantagalo-RJ.

Foram promovidos debates interdisciplinares entre as diversas áreas de pesquisa e os diversos parceiros envolvidos na execução do projeto, quais sejam: UFRJ; UERJ, as Cátedras da UNESCO (Cidade e Meio Ambiente; Economia Global e Desenvolvimento Sustentável) e o Instituto de Lógica, Filosofia e Teoria da Ciência (ILTC).

O Seminário Internacional *100 Anos Sem Euclides* contou, em sua programação, com conferências, mesas redondas e comunicações – com pesquisadores convidados e abertura de inscrições de trabalho, no Brasil e no exterior. Participaram desta grande celebração acadêmica e cultural em torno de Euclides da Cunha professores e pesquisadores de universidades nacionais e internacionais, estudantes dos cursos de mestrado e doutorado nas áreas das ciências humanas, estudantes de graduação (bacharelado e licenciatura), professores das redes públicas e privadas do estado do Rio de Janeiro, profissionais que atuam nas ONG's e movimentos sociais com finalidades educativas e culturais e estudantes de ensino médio, em especial, dos cursos de Formação de Professores.

Além de atividades vinculadas ao mundo acadêmico, o evento também promoveu ações de cunho cultural, artístico e educativo, com inscrições abertas à comunidade acadêmica e escolar.

Um dos objetivos mais caros ao projeto do seminário foi exatamente o de dar visibilidade às pesquisas culturais e euclidianas desenvolvidas em diferentes estados do Brasil e por diversos atores socioculturais, mormente aqueles que tomam como perspectiva teórico-metodológica as

possibilidades do trabalho memorialístico no cotidiano escolar e na formação de professores, tendo por mote os estudos euclidianos.

Os inscritos nas diversas modalidades de participação, como ouvintes ou com apresentação de trabalho (painéis e comunicações), receberam certificados específicos (de participação e de apresentação). Os resumos dos trabalhos inscritos e os textos completos dos conferencistas convidados estão presentes no CD-ROM do seminário. As sínteses de todos os trabalhos apresentados estão publicados no livro de resumos.

O Seminário Internacional *100 Anos Sem Euclides* teve a ousadia de trazer a público, no ano do centenário de morte de Euclides da Cunha, um amplo e sólido conjunto de projetos de pesquisa e de abordagens teórico-críticas sobre o autor cantagalense e sua obra, em quatro eixos temáticos: 1) Euclides da Cunha: pensamento, discurso e imagens fundantes do Brasil; 2) Sertão, sertões: presença, importância e perenidade da escrita euclidianas; 3) Escritos amazônicos de Euclides da Cunha: letras verdes; e 4) Euclides na sala de aula: processos formativos a partir da obra euclidianas.

Todos os esforços das instituições parcerias e coproponentes foram feitos no sentido de socializar e aprofundar o debate sobre a produção do conhecimento no campo da história da cultura nacional e fluminense, especificamente aos aspectos atinentes à obra e à biografia de Euclides da Cunha.

Nos quase dois anos de preparação das atividades que tiveram termo em Cantagalo, entre os dias

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

25 e 27 de setembro de 2009, foram estabelecidas profícuas parcerias com as esferas e os sistemas de ensino, em especial, com as universidades públicas e privadas, com as redes municipais e estaduais de educação públicas e privadas, vi-

sando a incentivar os estudos euclidianos e a preservação da história e da memória nacional e fluminense.

Creemos que as produções acadêmicas e escolares aqui registradas, agora aproximadas pelo objetivo comum de exercitar a força

crítica do pensamento sobre literatura, história, ciências sociais, ciências exatas e demais aspectos culturais suscitados através dos debates empreendidos, possam lançar novas luzes sobre o legado euclidiano – aberto, sempre, a (re)visitações.

Referências bibliográficas:

ABDALA JR., Benjamin; ALEXANDRE, Isabel (Orgs). *Canudos: palavra de Deus, povo da terra*. São Paulo: Editora Senac, Boitempo Editorial, 1997.

ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Rocco/Funarte, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995.

_____. (Org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 2008.

BRANDÃO, Adelino. *Euclides da Cunha: bibliografia comentada*. Jundiaí: Literarte, 2001.

_____. *Euclides da Cunha e a questão racial no Brasil: a antropologia de Os sertões*. Rio de Janeiro: Presença, 1990.

_____. *Paraíso perdido: Euclides da Cunha – vida e obra*. São Paulo: Ibrasa, 1997.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: EUCLIDES DA CUNHA. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002.

CALASANS, José C. Brandão da Silva. *A edição do livro vingador*. A Tarde Cultural. Salvador, 28-11-1992.

_____. *Canudos não euclidiano: fase anterior ao início da guerra do Conselheiro*. In: NETO, José Augusto Vaz Sampaio et al. *Canudos: subsídios para sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Monteiro Aranha S.A., 1986. p. 1-21.

_____. *Algumas fontes de Os sertões*. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, (6):91-125, jul./dez. 1971 (separata).

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

- LUTTERBACH, Edmo Rodrigues. *Euclides, enfim, no chão em que nasceu*. Cantagalo: Dinigraf, 1996.
- _____. *A eternidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. *A reinvenção do sertão: a estratégia organizacional de Canudos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial S/A, 1984.
- NETO, José Augusto Vaz Sampaio et al. *Canudos: subsídios para sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Monteiro Aranha S.A., 1986.
- OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides: a espada e a letra – Uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- PINTO, Carla. Empowerment: uma prática de Serviço Social. In: BARATA, O (Coord.), *Política Social*. Lisboa: ISCSP, 1988.
- SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo: HUCITEC, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1992.
- VENEU, Marcos Guedes. *A cruz e o barrete: tempo e história no conflito de Canudos*. Disponível em: <http://casaruibarbosa.gov.br>
- VENTURA, Roberto. A nossa Vendéia: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação da identidade cultural no Brasil (1897-1902). In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (31), 1990.
- _____. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. In: ABDALA JR., Benjamin; ALEXANDRE, Isabel (Orgs). *Canudos: palavra de Deus, povo da terra*. São Paulo: Editora Senac, Boitempo Editorial, 1997. p. 89-99.
- _____. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. In: *Limites: III Congresso da ABRALIC*. São Paulo/Niterói: EDUSP/ABRALIC, 1995.
- VILLA, Marco Antônio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995.
- ZILLY, Berthold. Quadros e cenas de uma guerra: a história encenada em Os Sertões, de Euclides da Cunha. In: *Revista Eletrônica Brasil de Literatura*. Disponível em: <http://www.rbleditora.com/revista/abertura.html>
- _____. *A guerra do sertão como evento de mídia na Europa de 1897*. Anos 90. Porto Alegre (7):59-87, jul. 1997.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

um cientista, um matemático, com seu incontestável caráter positivista, debruça-se detalhadamente em seus estudos científicas e documentais, deixando resvalar uma mente desconcertada frente às respostas aparentemente inquestionáveis da teoria e das fórmulas científicas: o indecifrável do ideal, da crença, dos brilhos da ilusão que, “mesmo na esfera aparentemente seca do mais estreito racionalismo”, nos perseguem, tal a estrela que os reis magos seguiram sem que se pudesse fixá-la. A paixão pela ciência do Euclides-engenheiro ronda a palavra do Euclides-escriptor que, comungando também pela paixão da história, da técnica, da arte, do estilo, da sensibilidade, do engenho, recria a sua engenharia artística: a paixão da palavra.

É difícil precisar em suas obras onde termina a ciência, onde começa a literatura, o que já gerou debates acalorados sobre o papel de uma e de outra em seus escritos, especialmente em *Os sertões*. Antes, no entanto, de se isolarem em lugares estanques, ciência e literatura se inter-relacionam e, das imagens mais corriqueiras de uma pedra, terra, árvore, surge a metáfora insólita do sertanejo forte e do cerne da nacionalidade: rocha viva, pedra – antes de tudo – da história e da arte.

A expressão *antes de tudo* que modula a antológica definição (pretendida positivista) do sertanejo (“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”) já é por si só reveladora dos repensares a que se volta o Euclides engenheiro e jornalista, refazendo-se nos anos em que se dedica à escrita da história de Canudos. Assim, o livro *Os sertões* passa a ser também uma escrita de si, de um

eu que, imerso em seu interior, não é mais apenas histórico, mas se torna um eu que reflete sobre as limitações de suas certezas. A luta dos jagunços no sertão baiano contra a indiferença e a espoliação é também a luta de um homem que revê a história, o conhecimento, a ciência, o determinismo, a evolução, a civilização de mãos dadas com a barbárie, a rua do Ouvidor e as caatingas, em 500 páginas de um livro de ataque, como o próprio Euclides adverte na nota preliminar; um livro escrito por vingança contra os que contaram e contam a História, estavam e estão

(...) sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã.

Antes de tudo (para continuar a empregar a expressão moduladora de Euclides), em meio às equações binômias, aos sigmas, alfas e gamas e seguindo um ramo de parábola, os numerais têm seu lugar tomado pelas palavras de Castro Alves, iluminando a folha toda do pertinaz e obscuro estudante de matemática, como é revelado pelo próprio Euclides da Cunha, em conferência de 1907, intitulada *Castro Alves e seu tempo*. O poeta abolicionista faz com que o já maduro Euclides releia no jovem que foi um dia o contraste e o confronto entre o que é razão e o que é mistério: “Assim andávamos nós naqueles bons tempos: pela positividade em fora, e a tatear no sonho...”

Essa mesma preocupação passa o prefácio escrito por Euclides para o livro *Poemas e canções*,

de Vicente de Carvalho, também datado de 1907. O ensaísta, que considera agourentos os profetas que dizem da absurda morte próxima da poesia, é o mesmo que chama de idiotice o culto parnasiano da forma, assim como define por loucura as ideias, segundo ele, exageradamente subjetivas dos simbolistas. A advertência não é somente contra a morte da poesia, alardeada já desde então, mas jamais executada, e nem o será, revelar-nos-ia um Euclides utópico. Ela se dirige também a quem ousar dividir em espaços diferentes e antípodas a literatura e a matemática, àqueles que se surpreenderem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, a respeito dos quais Euclides replica: “nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas”.

Também os poemas de Euclides põem em discussão os tênues limites entre arte e ciência. E, assim, a engenharia matemática passa a tomar forma no engenho da palavra poética de Euclides da Cunha, tornando seus poemas merecedores de atenção, embora até então pouco estudados, especialmente pela magnitude, receptividade e repercussão que tomou sua obra máxima, *Os sertões*.

Contando apenas 18 anos e ainda aluno do Colégio Aquino no Rio de Janeiro, que preparava para o ingresso nas escolas de ensino superior do Império, como a Politécnica e a Militar, o estudante Euclides, cansado dos trabalhos matemáticos, compôs em 1884 o poema *Amor algébrico*, que integra o livro *Ondas, primeiras poesias de Euclides da Cunha*. Nele, deixa vislumbrar as difíceis e indecifráveis,

também estrelas, aqui representadas pela incógnita X:

Acabo de estudar – da ciência fria e vã,
O gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente,
Acabo de arrancar a fronte minha ardente
Das páginas cruéis de um livro de Bertrand.

Bem triste e bem cruel decerto foi o ente
Que este Saara atroz – sem aura, sem manhã,
A Álgebra criou – a mente, a alma mais sã
Nela vacila e cai, sem um sonho virente.

Acabo de estudar e pálido, cansado,
Dumas dez equações os véus hei arrancado,
Estou cheio de spleen, cheio de tédio e giz.

É tempo, é tempo pois de, trêmulo e amoroso,
Ir dela descansar no seio venturoso
E achar do seu olhar o luminoso X.

O soneto acima transcrito, composto em versos alexandrinos, recebeu um título anterior àquele, *Álgebra lírica*. O deslocamento do substantivo *álgebra* no título primeiro para seu adjetivo cognato (*algébrico*) na escolha definitiva, enquanto o adjetivo *lírico* se desloca para o substantivo *amor*, sugere a preeminência do amor e da lírica sobre a objetividade da ciência, a mesma ciência fria que desconsola o eu lírico. A frialdade ali destacada é marcada por termos que, como o gelo da primeira estrofe, se desdobram nas imagens do Saara e da

Álgebra, da segunda, e do giz e das equações, da terceira. Em plano paralelo de significação, no nível metonímico, pode-se afirmar que, assim como a álgebra criou o Saara, o giz escreveu as equações.

Grande admirador que era Euclides da Cunha de Victor Hugo e dos nossos românticos, Fagundes Varela e Castro Alves, o Romantismo é recorrente nesse poema, assim como em sua vida futura: a esse respeito, é curiosa a passagem de uma carta a Oliveira Lima, datada de 1908, em que nos diz Euclides: “Reivindico o belo título do último romântico, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários!”. Ecoando o Romantismo, o papel do eu lírico, nesse poema euclidiano, é aqui alhear-se do mundo dos livros e dos cálculos, para no seio venturoso da musa, só imagem, procurar decifrar o X, não mais agora o X algébrico das dez equações que conseguiu solucionar, e sim o X do olhar que deixa o eu lírico, não só trêmulo e amoroso, mas ofuscado pela intensa luminosidade. Esse X talvez seja mais difícil de achar do que qualquer solução matemática, fazendo com que, para a sua equação, a ciência não se apresente mais do que simplesmente fria e vã.

Para compreendermos o pensamento e o comportamento intelectual de Euclides desde sua formação educacional até a sua opção pela engenharia, convém, nesse momento, reconstruirmos as ideias que nortearam a formação do pensamento científico no Brasil, reportando-nos às observações de Antonio Paim, em *História das ideias filosóficas no Brasil*. Segundo Paim, o exemplo primeiro de cien-

tista brasileiro se encontra na figura de José Bonifácio Andrade e Silva (1763-1838). Formado pela Universidade de Coimbra em Ciências Naturais, em 1787, curso então ministrado na Faculdade de Filosofia, e, no ano seguinte, em Leis, foi logo admitido na Academia das Ciências de Lisboa. Até retornar ao Brasil, em 1819, ocupou-se de atividades científicas – seja no magistério, seja na Academia, da qual foi secretário – e administrativas, na repartição de mineração. Aqui chegando, as questões políticas tomaram o lugar das aspirações científicas, mas, ainda assim, José Bonifácio acabou por representar o novo estado de espírito da elite luso-brasileira. O próprio Euclides, na já citada conferência sobre Castro Alves, atenta para a “lucidez genial de José Bonifácio”, ao se referir ao pensamento da autonomia política que passa a preponderar no Brasil a partir de 1822.

Durante o Primeiro Império, em 1827, criaram-se as duas Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais, em Olinda e em São Paulo, enquanto no período da Regência (1831-1840) criou-se, em 1837, o Colégio Pedro II, onde já se procurava um equilíbrio entre os estudos literários e os científicos, passando a ser conferido aos formandos o grau de bacharel em Letras. Somente em 1858, com a transformação da Escola Militar em Escola Central, é que foi conferido pela primeira vez no Brasil o grau de bacharel em Ciências. A formação do pensamento científico somente receberia impulso, no entanto, a partir das reformas implementadas pelo Visconde de Rio Branco, na década de 1870, principalmen-

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

te com a reestruturação da Escola Central, sendo criada a Escola Politécnica, que formava exclusivamente engenheiros civis, enquanto que a formação dos oficiais de Engenharia e de Artilharia continuou a ser realizada na Escola Militar da Praia Vermelha. Sucedendo a Escola Politécnica, a primeira faculdade de Engenharia no Brasil, foram criadas a Escola de Minas de Ouro Preto (1876) e a Escola Politécnica de São Paulo (1894). Logo a seguir, a influência positivista abrangeu o sistema educacional brasileiro, especialmente a partir de 1891, com a reforma de Benjamin Constant, de quem Euclides teria sido aluno tanto no Colégio Aquino quanto, mais tarde, na Escola Militar, tornando-se, portanto, importante personagem na sua formação científica e política.

Tendo escolhido a carreira de Engenharia, Euclides da Cunha ingressou em 1885 na Escola Politécnica, ficando lá por pouco tempo e transferindo-se para a Escola Militar, onde assentou praça em 1886. Do ponto de vista intelectual, não havia grandes diferenças entre as duas escolas, já que a base de ambas era a Matemática. A diferença, conforme destaca Nelson Werneck Sodré, em *Revisão de Euclides da Cunha*, estava na questão de classe, pois seguramente foi a falta de recursos que o levou a tornar-se engenheiro militar em vez de engenheiro civil, uma vez que o curso da Escola Militar era gratuito e lhe assegurava subsistência, quando concluído, pela condição de oficial do Exército.

“Só se pode conhecer bem um fenômeno quando é possível exprimi-lo por meio de números”. As

palavras de Kelvin, físico escocês de origem irlandesa (26/6/1824-17/12/1907), criador da escala de temperaturas absolutas Kelvin, se tornaram uma espécie de divisa da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Esse lema supostamente indissolúvel, assim como os estudos matemáticos do engenheiro Euclides na Escola Militar, aonde ocorriam as ideias de August Comte, parecem ser desconstruídos, ou ao menos questionados, pelos engenhos poéticos do escritor Euclides. De fato, esse vacilar de intenções e buscas entre emoção e razão, entre amor e equação, marca o jogo de opostos que se repete em outros poemas de Euclides, e não apenas no escrito pelo jovem aluno do Colégio Aquino, o já citado *Amor algébrico*. A título de curiosidade, o leitor atento pode reportar-se às estrofes de *Verso e reverso*, *A rir e Mundos extintos*, para ficarmos apenas em três exemplos de poemas, e observar, tanto no plano do enunciado quanto no da enunciação, a força antitética das palavras e gestos do eu lírico.

Além disso, lê-se nos poemas citados mais do que a subordinação à ciência como tema. A ciência – presença indiscutível a repetir-se em seus textos – é deslocada por sua só-certeza, revelando-se, simultaneamente, a impotência científica e a potência poética que se faz de questionamentos e reflexões.

O homem que retorna de Canudos, o repórter de guerra do jornal *O Estado de São Paulo*, ressumbra nas contradições humanas e nas palavras que, agora, se mostram impossíveis de ser arrumadas, positivamente, em uma frase escorreita e definitiva. À incapa-

cidade humana de harmonizar-se, somam-se os impasses do dizer e do não dizer, como neste poema, intitulado *Página vazia*, com data de 1897, que merece um lugar de destaque na história da lírica social da literatura brasileira:

Quem volta de região assustadora
De onde eu venho, revendo, inda
na mente,
Muitas cenas do drama comovente
De guerra despiedada e aterradora.

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe ou canto ou ditirambo
ardente
Que possa figurar dignamente
Em vosso álbum gentil, minha
senhora.

E quando, com fidalga gentileza,
Cedestes-me esta página, a nobreza
De nossa alma iludiu-vos, não
previstes

Que quem mais tarde, nesta folha
lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão
tristes?”

A musa, gentil e nobre senhora da escrita, ali está. Os versos não. Esses estão em silêncio, mal feitos, tristes, porque o que seria dito é indigno de ocupar a página de um livro. Assim como Adorno, que oscila ante a negação da possibilidade de produzir poesia depois de Auschwitz e a busca na própria arte de um refúgio diante de um mundo que o chocava, mas que ele não podia deixar de olhar e denominar, podemos afirmar (sem temor ao

exagero da comparação) que Euclides da Cunha prenuncia o filósofo alemão, buscando a significação (que não há, nem pode haver) do terror da guerra fratricida entre dois Brasis, relatada na página poética em que diz nada haver ou nas 500 páginas de *Os sertões*. Não à toa diz-nos Manuel Bandeira, em *Os poemas de Euclides da Cunha*, texto de 1965, que tudo que havia na alma de Euclides

“de poder transfigurador poético está é na sua prosa máscula, um tanto bárbara às vezes, mas sempre magnífica, na prosa de *Os sertões* sobretudo”.

Nesse sentido, o poema transcrito merece ser cotejado com a página fatídica de *Os sertões*, aquela que Euclides denominou *Canudos não se rendeu*, por também esta tematizar a impossibilidade e a fragilidade da palavra. Ali, quase nas últimas palavras do livro, o homem desconcertado reaparece. Suas certezas positivistas são corrompidas; seus ideais republicanos estão destronados. “Fechemos este livro”, diz-nos o narrador.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem... Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormemores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...
E de que modo comentaríamos, com

a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antonio Beatinho, que se nos entregara confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sob esta fase obscura da nossa história?

Diante de todas essas interrogações e reticências, pouco comuns ao ideário positivista, comumente recheado de certezas e definições, o Euclides-narrador está em vertigem: Canudos lá embaixo, em fogo; o Brasil das caatingas, em deserto; o homem forte sertanejo, isolado. Com a visão de cima do morro, ou do distante litoral, ou do alto da

intelectualidade branca e restrita a poucos, só a vertigem de quem, ainda, apesar de tudo e antes de tudo, se enxerga no outro, vendo-se à margem da história. Assim está o Euclides-poeta: à margem do texto, apesar de seu tom grandiloquente, provindo das alturas de quem ousa dizer o inenarrável, com a pena que se vinga, com a pena que alguns poucos homens têm, movidos pela compaixão humana que os faz estrelas, as mesmas e sempre indecifráveis, “malgrado os recursos da mais perfeita das ciências”, mas estão sempre – por isso mesmo – a recordar os homens do quão longe estão – ainda – dos sonhos.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Manuel. Os poemas de Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995. p. 695.

CUNHA, Euclides da. À margem da história. In: _____. *Obra completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995. p. 247-425.

_____. Ondas e outros poemas esparsos. In: _____. *Obra completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995. p. 697-730.

_____. Os sertões. In: _____. *Obra completa*. v. 2. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.

PAIM, Antonio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SODRÉ, Nelson Werneck. Revisão de Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995. p. 11-59.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

PERFIL DE EUCLIDES DA CUNHA

Euclides da Cunha's profile

Manuel Clístenes de Façanha e Gonçalves

Juiz de direito, titular da Vara da Infância e da Adolescência de Maracanaú (CE) e especialista em Direito Público pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, dedica-se à pesquisa e estudo dos autos dos processos criminais das mortes de Euclides da Cunha e Euclides da Cunha Filho, ocorridas em 1909 e 1916, respectivamente. Dr. Clístenes busca empreender uma análise canônica e estritamente jurídica dos fatos que ficaram conhecidos como *A Tragédia da Piedade*. Em paralelo a esse estudo, prepara um livreto com aspectos biográficos do escritor, para um público-alvo leigo, fruto do garimpo de documentos que realizou durante sua pesquisa de campo.
E-mail: mclistenes@uol.com.br

Material recebido em julho de 2009 e selecionado em julho de 2009

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo traçar características psicossociais da personalidade de Euclides da Cunha, a partir de fatos biografados e trechos da correspondência ativa do escritor, a fim de avaliar a influência desses fatos na condução de sua vida e na composição de sua obra.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. Personalidade. Correspondência ativa. Vida e obra.

ABSTRACT

The present paper aims to trace Euclides da Cunha's personal psycho-social characteristics, based on biographic facts and excerpts from his active correspondence in order to evaluate their influence in the author's private life as well as in his composition process.

Keywords: Euclides da Cunha. Personality. Active correspondence. Life and work.

Houve poucas vidas de brasileiros eminentes, que fossem tão abertas à curiosidade pública, como a de Euclides da Cunha e que exercitassem tão vivamente o gosto do sensacional e da discussão, como a do engenheiro, escritor e homem privado que ele também foi. Porque a obra de Euclides não foi menos trágica do que a vida do homem. À sua elaboração ele deu toda a energia de que dispunha, todas as suas reservas de sensibilidade e de inteligência. Daí, talvez, o poder explicar-se muito de seu desajustamento às condições normais da vida, da vida doméstica e da vida profissional, que quase absorvia ou abafava aquela. E também, a instabilidade, as vacilações, as incoerências, a tristeza, o sentimento de desamparo, o seu orgulho silencioso.

(Sylvio Rabello. *Euclides da Cunha*.¹)

Euclides da Cunha deixou uma grande correspondência ativa. Na extensa lista de destinatários, encontram-se parentes e amigos e personalidades da nossa história,

tais como Machado de Assis, Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Afonso Arinos, Oliveira Lima e outros. Os mais cuidadosos guardaram os documentos e, ao longo de muitos anos, pesquisadores foram trazendo-os ao conhecimento público.

Corresponder-se era um *hobby*. Quando não estava redigindo algum ensaio, lendo ou executando suas tarefas profissionais, rotineiramente escrevia cartas.

Embora demonstrasse grande afeto, amizade e companheirismo, elaborar cartas, na maioria das vezes, trazia angústia para o escritor, posto que o obrigavam a mergulhar na realidade da distância daqueles a quem amava. Em muitas oportunidades, Euclides simplesmente interrompia o assunto, ou evitava mencioná-lo, para não agravar a saudade derivada de suas recordações.

A quase totalidade das cartas por ele escritas tinha a marca da pressa: eram elaboradas *em quartos de hora*, sem o tempo necessário para burilar ou excluir um pen-

¹ RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1966. p. 3.

samento, que terminava por fluir livremente da cabeça, revelando, muitas vezes, bem mais do que o remetente talvez desejasse. As cartas refletiam o ânimo e os mais diversos cenários, de onde algum dia esteve. Sob o afluxo de uma emoção qualquer, nas selvas, nas praias ou nos sertões, Euclides escrevia àqueles por quem tinha afeição.

Sempre que se dirigia aos amigos, Euclides se desculpava pela demora na resposta da correspondência que havia recebido e pela forma descuidada com que escrevia. Informava, constantemente, as mesmas causas para o atraso: excesso de trabalho, pressa para concluir alguma tarefa, fadiga emocional ou física, além, é claro, da saúde continuamente comprometida e fragilizada.

Seu tempo nunca era o bastante. Permanentemente, havia alguma obrigação esperando-o em sua escrivaninha: a pátria precisava dele. Euclides, como ser humano, ficava em segundo plano e não se dava ao direito de aproveitar corriqueiros prazeres do homem comum. O lado pragmático sempre prevalecia. E, assim, ele se comunicava: precipitadamente, em curtos intervalos, no lombo de um cavalo, em barcos, às margens de um rio, ou à sombra de uma árvore. Apesar disto, o conjunto das mensagens forma uma obra direta e intensa, qualificada não pelo refinamento, mas, sim, pela espontaneidade e franqueza. Vistas com cuidado, as cartas revelam fotografias de sua alma.

À medida que as missivas são lidas, sobrevém a estranha sensação de conhecer alguém que morreu há cem anos. Aos poucos, vão emer-

gindo todos os papéis que Euclides desempenhou em sua vida: o marido, o pai, o filho, o amigo e o profissional. O que se vê é o homem. Um homem em toda a sua complexidade de sentimentos, com suas inúmeras virtudes e acertos, mas também com suas deficiências e erros. Embora presente, o escritor está em segundo plano, camuflado nos períodos simples e desprovidos de ornamentos linguísticos.

No trato familiar, sobressai o tipo angustiado, que não conseguia adequar as carências de sua mulher e de seus filhos com os deveres da profissão que exercia ou as missões de que aceitava participar: foi uma relação marcada pela ausência. Apesar de causar-lhe uma terrível sensação de culpa, por diversas vezes ausentou-se de casa por dias ou meses e, naquela viagem que selaria a sua ruína sentimental e, em última análise, a sua própria morte, afastou-se por um ano.

Muito embora a alma humana guarde segredos impenetráveis,

algumas pistas podem ser encontradas, examinando-se um pouco do que foi a sofrida existência do escritor. Ao tentar-se decifrar as causas para seu comportamento, esbarra-se em uma série de dramas que o acompanharam desde a mais tenra idade.

Euclides nunca teve uma base familiar sólida. Na sua conturbada infância, ao perder a mãe, com apenas três anos de idade, foi abandonado pelo pai que, após a viuvez, optou por entregar os filhos a familiares e ganhou o mundo. Começaria uma peregrinação em casas de parentes que prosseguiu até a fase adulta.

Manuel da Cunha nunca assumiu seu papel de pai. Para Euclides, o modelo masculino de chefe de família não passou de uma figura gélida, ausente e egoísta, cuja preocupação gravitava em torno da própria vida. Durante quase toda a sua formação infanto-juvenil, ele foi obrigado pelas circunstâncias a enxergar a figura paterna

Seu tempo nunca era o bastante.

Permanentemente, havia alguma obrigação esperando-o em sua escrivaninha: a pátria precisava dele. Euclides, como ser humano, ficava em segundo plano e não se dava ao direito de aproveitar corriqueiros prazeres do homem comum. O lado pragmático sempre prevalecia.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

como um homem sem mulher, distante de seus filhos e em busca de resolver seus problemas pessoais. Sem dúvida, esse fato exerceu forte influência no modo como ele mesmo conduziu sua família. Enquanto esposo e pai, seu caráter refletiria as mazelas sofridas na infância e na adolescência.

Por outro lado, o papel de *mãe*, se é que assim se pode chamar, foi executado por algumas mulheres: uma tia solteira, que morreu um ano depois de tê-lo sob seus cuidados; outra tia, que era casada e tinha filhos, não podendo dedicar a devida atenção que uma criança exige; a avó, que ficou apenas um ano com ele. Como a imagem paternal, a personagem materna não passou de um vulto vago, passageiro, indiferente e distante.

O menino era uma bola de *ping-pong* ao sabor da próxima raquetada dos parentes. Em um espaço de 15 anos, ou seja, dos 3 aos 18 anos de idade, Euclides morou intercaladamente em quatro cidades², alterando de unidade familiar por seis vezes e passando por, no mínimo, seis colégios distintos. À medida que surgiam obstáculos, os responsáveis eram simplesmente substituídos, numa danosa sucessão que perdurou durante toda a formação da criança e do jovem Euclides. Mal havia tempo de adaptar-se aos novos protetores. Para Euclides, amar, apegar-se a alguém, representava apenas e tão somente sofrer as dores das constantes despedidas que era obrigado a enfrentar.

Euclides nunca sentiu a plenitude de ser filho. Na importante

Euclides nunca sentiu a plenitude de ser filho.

Na importante etapa compreendida entre a infância e a juventude, quando se é o centro das atenções e cuidados em uma casa, ele exerceu um papel secundário, desprovido de carinho e de vontade própria.

etapa compreendida entre a infância e a juventude, quando se é o centro das atenções e cuidados em uma casa, ele exerceu um papel secundário, desprovido de carinho e de vontade própria. Durante esse crucial período de sua formação, não pôde sedimentar laços de parentesco e socioafetivos. Quando adulto, o escritor refletira o comportamento errante e desapegado de seu pai. Este fator seria determinante para sua infelicidade conjugal e a tragédia da qual foi a primeira das vítimas.

Euclides não tolerava permanecer por muito tempo em uma mesma cidade. Autodefinia-se como o *nômade*, que constante-

mente levantava sua *tenda árabe*. Passava boa parte do tempo sonhando com terras distantes, onde pudesse aprender algo útil, crescer intelectualmente ou simplesmente contemplar a natureza, ver coisas belas, observar os seres e entrar em contato com o homem do mato. Este foi o seu principal laboratório, onde realizou suas experiências mais eficazes e produziu as obras que o eternizaram.

Porém, para não se fazer um dimensionamento errôneo e fora do contexto de época, convém salientar que, no passado, os homens eram bem mais afastados das atividades familiares do que são hoje. Os patriarcas geralmente mantinham um ar de distanciamento da esposa e dos filhos. A eles competia trabalhar e ganhar o sustento para prover o lar. A criação e educação das crianças era tarefa das matriarcas e suas criadas, assim como o restante das funções predominantemente domésticas. As mulheres não executavam trabalhos externos e, sequer, tinham o direito de votar.

No universo masculino do início do século XX, embora não fosse uma regra, Euclides estava bem longe de ser considerado uma exceção. Seu comportamento era o de um desbravador. Nos dias atuais, ainda temos indivíduos que vivem à moda euclidiana. Tipos aventureiros como Amir Klink, Júlio Fiadi, Lars Grael e muitos outros que vagueiam mundo a fora, em defesa de ideais e na busca da realização de seus sonhos. Mas, afinal, como seria o mundo sem a marca desses homens? No

² Teresópolis, São Fidélis, Rio de Janeiro e Salvador.

caso do autor de *Os sertões*, seria pouquíssimo provável que o gênio brotasse em circunstâncias diferentes, já que a maior parte de sua obra era caracterizada na essência pelo isolamento em territórios remotos. Nessa hipótese, Euclides jamais viria a ser Euclides da Cunha.

A falta de uma estrutura familiar estável no seu passado influenciou, ainda, para outra faceta do seu caráter: a misantropia. O escritor sempre demonstrou dificuldade de adaptar-se à vida das grandes cidades. Era pouco comunicativo e algumas vezes sombrio, intensificando as mágoas e tristezas. Raramente participava dos eventos sociais. Essas atividades eram negligenciadas. No decorrer de sua tumultuada vida, praticou alguns comportamentos julgados inadequados ou inconvenientes, que ocasionaram prejuízos de ordem familiar e social. Na realidade, ele sempre viveu sem calcular o peso de suas ousadas palavras e atitudes. Resultado: sem se aperceber, ofendeu muita gente. Os afastamentos dos pseudoamigos, que sumiam de sua vida sem dar qualquer explicação, causavam-lhe incompreensão e desalento. Transformou-se num colecionador de decepções e, quando não resolvia por sua própria conta afastar-se de determinada pessoa, era esta quem tomava a iniciativa de desaparecer de sua convivência. À medida que foi amadurecendo, seu retraimento só fez crescer. Pouquíssimas amizades foram preservadas. Na verdade, quase ninguém o conseguiu entender. O intelectual sempre esteve muito além do seu tempo e de seu lugar.

Euclides defendia com afinco suas ideias e isto desagradou a várias pessoas. Um dos principais traços que definem a literatura de Euclides da Cunha é a crítica aberta a tudo aquilo que ele julgava equivocado ou abusivo. Em muitas ocasiões, suas denúncias ultrapassaram as raias da prudência e do senso comum. Incompreendido em alguns momentos e compreendido até demais em outros, ele sofreu inúmeros prejuízos por suas opiniões. Porém, apesar das pancadas que foi colecionando ao longo de sua vida, nunca deixou de escrever de forma sincera e mostrar-se através de seus textos. Quem lê Euclides tem a rara oportunidade de enxergar o homem que está por trás das letras.

Dotado de um estilo singular, que o diferencia sobremaneira dos demais escritores, Euclides não se apercebeu de que suas críticas ide-

ológicas, em grande parte, eram encaradas como ataques pessoais. Ao mesmo tempo e na mesma proporção em que se tornava conhecido e admirado por muitos, angariava inimigos que não sabiam diferenciar os julgamentos conceituais de ofensas de caráter individual.

Alguns o ignoravam, outros partiam para atacá-lo. Diversas portas fecharam-se, porém, muitas vezes ele não alcançava a razão. Euclides tardava para notar-se perseguido por alguém e, desta forma, era alvo fácil para quem queria prejudicá-lo. Mas, nos últimos anos de vida, as bordoadas que sofreu transformaram-no em um tipo desconfiado e com mania de perseguição.

Apesar disso, Euclides era demasiado humano. Acima de tudo, acreditava nos homens. Essa crença ilimitada, que carregou até o úl-

Dotado de um estilo singular, que o diferencia sobremaneira dos demais escritores, Euclides não se apercebeu de que suas críticas ideológicas, em grande parte, eram encaradas como ataques pessoais. Ao mesmo tempo e na mesma proporção em que se tornava conhecido e admirado por muitos, angariava inimigos que não sabiam diferenciar os julgamentos conceituais, de ofensas de caráter individual.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

timo dia de sua vida, assumia ares de ingenuidade e terminou por redundar nas várias traições que sofreu e nas desilusões que experimentou.

O escritor nunca gozou de saúde completa. Desde a infância, adquiriu uma pneumonia persistente que o acompanhou até o fim de sua vida. Durante as crises, permanecia por vários dias acamado. Além disto, sempre se queixou de *neuralgias*. A situação agravou-se quando, em 1906, retornou do Acre com as sequelas de uma malária contraída nas inóspitas terras amazônicas.

Suas emoções eram vigorosas e profundas. Euclides não era homem de meios termos: para ele *ou era oito ou oitenta, ou tudo ou nada*. Seus comportamentos eram notadamente marcados pelo excesso. Ele agia como uma espécie de montanha russa que acelerava descontroladamente para as alturas, mas descia sem freios, realizando curvas difíceis e *loopings* sucessivos, numa viagem de intensidade única. Porém, ao final de cada percurso, o trem e os trilhos estavam desgastados de tal forma, que seria impossível uma segunda volta. Na verdade, nunca soube dosar até onde poderia ir, sem exaurir completamente todas suas forças e comprometer a sua saúde. A vida inteira arcou com sérias consequências, sendo permanentemente invadido pela fadiga e sensação de perda total de energia. Quando atingia o fundo do poço, até mesmo as tarefas mais leves pareciam de extrema complexidade e poderiam levar dias, custando-lhe grandes esforços.

Assim, momentos de alta produtividade profissional eram en-

tremeados com períodos nulificados, onde só restavam ansiedade, o desânimo e a penumbra de um quarto fechado. Não foram à toa as inúmeras licenças para tratamento de saúde, ao longo de sua vida. Algumas se deveram à pneumonia, mas a maioria delas se justificou pelo esgotamento físico e mental, decorrente do regime de esforço desmedido ao qual ele sempre estava submetido. Nesses períodos, o abatimento era tão grande que Euclides suspendia até mesmo os hábitos que lhe davam prazer, como estudar ou escrever aos amigos, mal conseguia comer e passava dias e dias deitado, sem coragem sequer para levantar-se.

Nele, as alterações de ânimo foram uma constante. Estados de intensa satisfação evoluíam, rapidamente, para episódios fortemente depressivos. Para se ter uma ideia do nível de alternância comportamental que caracterizava a personalidade do escritor, algumas de suas cartas são iniciadas por um homem contente e sonhador, com um caminho florido e sem obstáculos a percorrer, e concluídas por uma figura lúgubre e sombria, que não conseguia enxergar nada de positivo no horizonte de sua percepção.

A maior parte de seu tempo, porém, era dominada pelo tipo triste e desesperançoso, cuja capacidade de alegrar-se, embora fosse ilimitada, era de extrema efemeridade. Para ele, a felicidade eram migalhas apetitosas que saboreava em raras ocasiões.

Nessas circunstâncias, tudo que o cercava perdia rapidamente o encanto e lhe parecia fútil,

sem importância, vazio. Assim, na quase totalidade de seu tempo, sentia-se inútil e ansiava por uma mudança repentina, a fim de fazer algo efetivamente de valor. Mas, ao mudar de atividade, o ciclo repetia-se: do êxtase ao desalento; dos trabalhos gratificantes para as *terríveis e desprezíveis obrigações*.

Em várias fases de sua vida, Euclides mostrou dificuldade de tomar decisões. Dessa maneira, embora certa coisa lhe causasse um grande incômodo, o ato de livrar-se, para alcançar a solução

Em várias fases de sua vida, Euclides mostrou dificuldade de tomar decisões.

Dessa maneira, embora certa coisa lhe causasse um grande incômodo, o ato de livrar-se, para alcançar a solução era algo de extrema complexidade.

Essa característica foi especialmente marcante em seu lado profissional.

Era irritadiço, aborrecia-se com facilidade e, quando atingia determinados limites, tomava decisões drásticas e imprevisíveis. Foi dessa forma que agiu no episódio do florete na Escola Militar; no momento em que subitamente pediu demissão do cargo de engenheiro sem ter qualquer perspectiva de trabalho à vista; e, por fim, no dia em que saiu de casa pela última vez para duelar com Dilermando de Assis.

era algo de extrema complexidade. Essa característica foi especialmente marcante em seu lado profissional.

Euclides foi militar, engenheiro, jornalista, comissionado do Ministério das Relações Exteriores e professor. Em todas as atividades que exerceu, uma constante: baixa persistência. O entusiasmo com a nova atribuição era fugaz. Às vezes, não durava mais que alguns dias. Porém, o ato de mudar de rumo não era uma operação simples. Envolveria um processo de angústia, caracterizada pelo medo de um futuro desamparado. Mesmo assim, desistiu de todas as funções que exerceu, uma após outra, ex-

ceto as duas últimas em que atuava, quando foi morto. Saliente-se que, em relação a estas, Euclides já demonstrava claros sinais de fadiga e desestímulo dos trabalhos que executava no Ministério das Relações Exteriores e, quanto aos poucos dias de magistério no Ginásio Nacional, é de se recordar que ele já havia abdicado, anteriormente, de experiência semelhante³. Provavelmente, seria apenas uma questão de tempo enfatiar-se delas e trocá-las por algo que lhe desse o combustível da novidade, afinal, ele não suportava nada do que fazia por muito tempo e sempre se autodenominou como o *destruidor de carreiras*.

Era irritadiço, aborrecia-se com facilidade e, quando atingia determinados limites, tomava decisões drásticas e imprevisíveis. Foi dessa forma que agiu no episódio do florete na Escola Militar; no momento em que subitamente pediu demissão do cargo de engenheiro sem ter qualquer perspectiva de trabalho à vista; e, por fim, no dia em que saiu de casa pela última vez para duelar com Dilermando de Assis.

Por fim, a última de suas características: ser péssimo homem de negócios. Euclides exerceu várias profissões bem remuneradas. Além disto, a partir do começo da década de 1890, passou a ganhar dinheiro com seus escritos, tanto pela colaboração em alguns jornais, como pelos livros que publicou, especialmente *Os sertões*. Por outro lado, seu modo de vida foi espartano e simplório: nunca teve casa própria, nem gozou de conforto ou luxo. Desta forma, seus ganhos eram razoáveis e os gastos aparentemente comedidos. Porém, ao abrir-se o inventário, constatou-se que ele morreu pobre. A maioria dos bens era inexpressiva. Apenas dois sobressaíam: um terreno em São Paulo e uma conta bancária, com a soma de doze contos de réis, valor equivalente a três meses de salário, da época em que exercia a chefia da comissão do Alto Purus.

³ Ocasão em que foi professor na Escola Militar, no início da década de 1890.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *Literatura Brasileira*. São Paulo: CULTRIX, 1994.

_____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). v. 1. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1966.

_____. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). v. 2. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1966.

_____. Os sertões. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.). *Intérpretes do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, v. 1.

FREIRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Osvaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

GAMA, Domício da. Euclides da Cunha. *Revista do Grêmio Literário Euclides da Cunha*. 15 ago de 1925.

GARCIA, Marcia *Japor de Oliveira*; FURSTENAU, Vera (Org.). *Acervo de Euclides da Cunha na Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: UNICAMP/Fundação Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, 1995.

LIMA, Oliveira. Recordações de Euclides. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*. Ago, 1915.

PONTES, Elói. *A vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1938.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

REVISTA DO GRÊMIO LITERÁRIO EUCLIDES DA CUNHA. *Araripe Júnior, Tristão de Alencar* – Dois Vulcões Extintos. 15 ago de 1922.

RODRIGUES, Antônio da Gama. *Euclides da Cunha: engenheiro de obras públicas*. São Paulo: Indústria Gráfica José Ortiz Júnior, 1956.

TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1992.

TOSTES, Joel Bicalho; BRANDÃO, Adelino. *Águas de amargura: o drama de Euclides da Cunha e Anna*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.

VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. Mário César Carvalho Santana e José Carlos Barreto de Santana(Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha a seus amigos*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1938.

_____. *A glória de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

INTERDISCURSIVIDADE, RASURAS E LEITURAS DE EUCLIDES DA CUNHA

Interdiscourse, erasures and readings of Euclides da Cunha

Leopoldo Bernucci

Doutor em Literatura Latino-americana pela Universidade de Michigan, ocupa a cátedra Russel H. e Jean H. Fiddymen em Estudos Latino-americanos da Universidade da Califórnia, em Davis, EUA. Foi professor visitante na USP e também lecionou nas universidades de Yale, do Colorado e do Texas (EUA). Tem apresentado contribuições relevantes para os estudos euclidianos, dentre elas a publicação de *A imitação dos sentidos* (Edusp) e de uma edição crítica de *Os sertões* (Ateliê Editorial). Além disso, organizou o volume de ensaios *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha* (Edusp) e, com Francisco Foot Hardman, *Euclides da Cunha: poesia reunida* (Editora Unesp, no prelo). Em espanhol, escreveu *Historia de un Malentendido* (Peter Lang, 1989), sobre *La Guerra del Fin del Mundo*, de Mario Vargas Llosa.

E-mail: lmbernucci@ucdavis.edu

Material recebido em julho de 2009 e selecionado em julho de 2009

RESUMO

Do ponto de vista discursivo, *Os sertões* se constitui como o livro mais híbrido da história da literatura brasileira. Seu autor, Euclides da Cunha, é o escritor que melhor soube articular o diálogo que se dá entre as ciências e as artes. O presente artigo procura analisar a construção desse hibridismo que tão bem caracteriza escritor e obra, desenvolvendo algumas ideias em torno do discurso historiográfico, um dos mais férteis e relevantes nos textos euclidianos. Examinará, ainda, a questão do método de composição do retrato por meio do consórcio História/Literatura, a partir da análise comparada entre os textos de Euclides da Cunha e as fotos de Flávio de

Barros, repórter fotográfico oficial da Guerra de Canudos.

Palavras-chave: Interseções entre Literatura e História. Reportagem de guerra. Discurso. Imagem. Consórcio entre ciência e arte.

ABSTRACT

From the discursive point of view, Os sertões is constituted as the most hybrid book in the history of Brazilian literature. Its author, Euclides da Cunha, is the writer who best articulated the dialogue between science and art. The present article tries to analyse the construction of the hybridism that characterizes author and work, by developing some ideas around the historiography discourse, one of the most fertile and relevant aspects in the Euclidian texts. It will

also examine the question of the portrait composition method through the association History/ Literature, from the comparative analysis between texts by Euclides da Cunha and Flavio de Barros, the official photographer in Canudos War.

Keywords: intersections between Literature and History. War report. Discourse. Image. Science and art.

Um dos aspectos mais notáveis da personalidade e escritura de Euclides da Cunha é a sua diversidade. No homem, conjugam-se o militar, o poeta, o engenheiro, o jornalista, o funcionário público, o cientista, o historiador, o cartógrafo. Na sua prosa, intersectam-se os discursos da geologia, da botânica, da poesia, da astronomia, fazendo dela, do ponto de vista discursivo, possivelmente o livro mais híbrido

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

da história da literatura brasileira; e do seu autor o escritor que melhor soube articular o diálogo que se dá entre as ciências e as artes.

Na impossibilidade de oferecer hoje a vocês uma visão mais ou menos completa desse hibridismo que tão bem caracteriza escritor e obra, optei por desenvolver algumas ideias em torno do discurso historiográfico, porque este me parece ser um dos mais férteis e relevantes em seus textos.

Não foi uma, nem foram duas vezes que Euclides teceu excelentes considerações históricas sobre questões relacionadas à nossa vida política e à nossa raça. Mas ele também, utilizando método semelhante, iria nos surpreender com um esboço histórico sobre a estrela de Belém, assunto que à primeira vista parecia não ser do seu domínio.¹ Aparentemente, ele considerava tudo com uma enorme curiosidade histórica, como fica tantas vezes claro em *Os sertões*. Tome-se como exemplo, a comparação entre Antônio Conselheiro e os primeiros ascetas cristãos, o que o leva à leitura não somente da *História do cristianismo*, de Ernest Renan, mas também a uma síntese de um período dessa história para o leitor. Além disso, como já examinei alhures, o próprio desenho historiográfico de *Os sertões* segue as linhas gerais daquele riscado por Martius para uma história ideal do Brasil.² No prefácio dessa mesma obra,

Euclides exhibe a sua consciência historiográfica ao falar do narrador sincero de Taine e, finalmente, na *Nota à 2ª. Edição*, respalda-se no rigor do método de composição da *História do Peloponeso*, de Tucídides, para se defender. Em *Plano de uma cruzada*, ensaio que se complementa com *As secas do Norte*,³ a perspectiva historiográfica não é menos visível, quando o nosso autor analisa os estragos das secas do norte. Torna-se ainda mais patente sua perspectiva histórica em *Da Independência à República* e nesse pouco conhecido *Apontamentos para a História da Geografia Brasileira*, da lavra também de Teodoro Sampaio.⁴

Se entendermos o discurso da História mais como aquele que melhor representa a capacidade que tem a palavra escrita de unir as duas forças, a artística ou a retórica, que “[constrói] e [ajuda a] entender a trama” de um conjunto de eventos, como afirma Paul Ricoeur, e menos aquele que busca narrar “fatos verdadeiros”,⁵ estaremos, então, mais próximos daquela concepção tainiana do narrador sincero esboçada por Euclides na *Nota preliminar* de *Os sertões*. Mas a questão não é tão simples como veremos em seguida, já que as noções de *verdadeiro* e *falso* não iriam desaparecer do debate entre aqueles preocupados com a narração de sucessos históricos e, muito menos, do universo conceitual de Euclides,

porque segundo ele, e ecoando Taine mais uma vez, as meias-verdades são as meias-falsidades.

Há, portanto, queiramos ou não, uma relação entre Ciência e História, já que ambas se vêem permeadas pelo conceito de verdade, fundamental para que sejam operantes e aceitáveis como mais adiante destacaremos. Agora, é preciso somente sublinhar, mesmo de modo provisório, a importância de se adotar uma perspectiva científica no lidar com a Arte (em Euclides *linguagem* ou *discurso*) ou, ao contrário, uma perspectiva artística no manejo da Ciência.

Se outros, como Sílvio Romero e Martins Júnior, por meio de um viés nacional ou intuitivo, já haviam visto no consórcio entre Arte e Ciência uma possibilidade para definir os rumos da nova escritura finissecular, foi Euclides quem sistematizou e redefiniu o acasalamento da ciência com a Arte, conforme já havia anunciado Leconte de Lisle na França, por volta de 1870.

É proveitoso invocar essa feliz união para melhor entendermos a relação da História com a Literatura, já que a primeira compartilha com as ciências as noções de *evidência* e de *verdade*, que tanto interessavam a Euclides, enquanto que a segunda privilegia o conceito de *verossimilhança*. Assim, a historiografia requer do historiador uma disposição mental e ética que

¹ Ver *Estrelas Indecifráveis*, em *À Margem da História*. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa* (OC). Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1966, p. 377-84.

² Consultar o meu ensaio Pressupostos historiográficos para uma leitura de *Os sertões*, *Revista USP*, p. 6-15, jun.-ago./2002.

³ Ver esses dois ensaios, respectivamente, em *Contrastes e Confrontos* (p. 130-141) e em *À Margem da História* (p. 487-496).

⁴ Apesar da dúvida que ainda paira sobre a verdadeira colaboração de Euclides nesse projeto histórico nunca publicado, reconhece-se facilmente que a parcela a ele atribuída se compõe de ensaios alinhavados em *Contrastes e Confrontos*. Ver CHIACCHIO, Carlos. Euclides e Teodoro Sampaio. *Jornal de Ala*. Suplemento I, Salvador, p. 4-10, 11 de janeiro de 1940.

⁵ Consultar RICOEUR, Paul. *Time and Narrative*. Vol. 2. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1985.

não existe no campo da ficção. E a razão é relativamente simples, porque o romance, novamente, lida com o conceito de verossimilhança e não de veracidade; e se, por acaso, os elementos de uma representação ficcional dos fatos coincidirem com os de uma narração de sucessos históricos, não se deverá pensar que o romancista quis aderir a um preceito verdadeiro da mesma maneira como o faz o historiador. Aliás, na eventualidade de que sua preocupação seja realmente com a realidade, esta é admissível somente quando considerada como categoria das coisas possíveis do mundo da ficção. Portanto, mesmo se a comunicação do verdadeiro ou do verídico for prioridade do artista, esta só será concebida como representação e jamais como narração veraz de acontecimentos.

Tal observação se faz necessária, posto que, na poesia euclidiana, esse aspecto tem recebido mínima atenção e, na sua prosa, tem sido examinada de forma pouco sistemática ou obliterada, em estudos que não cuidaram de contemplar nos textos do autor instâncias que, embora sendo pouco óbvias, não deixam, porém, de iluminar a compreensão de sua filosofia de composição. É o caso, por exemplo, do magnífico e já mencionado ensaio *Estrelas indecifráveis*, em que Euclides analisa a trajetória dos estudos astronômicos, a partir do mito da estrela de Belém segundo o evangelho de São Mateus, até as últimas inquirições científicas sobre a natureza desse astro, a sua aparência e frequência no céu. Esse ensaio é uma das melhores amostras que temos da projeção da

teoria do consórcio entre Ciência e Arte sobre uma estória bíblica.⁶

Vale a pena recordar que Euclides manifesta pela primeira vez o seu modo de composição artística como poeta, aos dezessete anos de idade. Parte da sua poesia, por precoce e rechaçada que fosse por ele, voltará sempre a interessar ao autor, que continuou, ao longo da vida, reescrevendo alguns versos e compondo outros novos com a parcimônia e o empenho de quem lapida uma pedra preciosa. Assim sendo, convém abriremos um parêntese e considerarmos agora a poesia euclidiana como esse outro interdiscurso. É naquele caderno dos primeiros exercícios poéticos de Euclides, *Ondas* (1883-1884), onde o jovem escritor expressa pela primeira vez, de forma claramente romântica, a sua *ars poetica*. Esse acervo de versos oferece-nos momentos de espontaneidade em que o poeta, declaradamente romântico, desabrocha os seus sentimentos e sua sensibilidade em poemas que são verdadeiras confissões do seu estado de espírito. Em outras peças, que incorporam conceitos ou ideias sobre a sua arte de composição, o poeta se compraz em mostrar-se rebelde às regras poéticas de uma época em que elas já se faziam sentir entre os bardos, porque eram assimiladas pela escola parnasiana que já tinha plantado suas raízes no nosso solo. É necessária uma clara compreensão dessa faceta de um Euclides como poeta romântico para poder entendê-lo também na sua dimensão mais complexa anos depois, quando o seu estro moldado pela escola de Varela ou Castro

Alves convive com o modo de cantar parnasiano de outros poetas.

Dos primeiros momentos impulsivos daquele ardente e precoce republicano até 1905, data que marca o final de seu exercício poético com o soneto *Se acaso uma alma se fotografasse*, vamos vê-lo às voltas com o impasse que surgiu na sua vida entre Ciência e Religião e todas as consequências que essa dualidade produziu no seu espírito e escritura. Era tarefa por demais penosa, senão inútil, para ele e outros membros de sua geração, tentar se liberar desse embaraço que é o ponto que justamente define toda a riqueza do ser romântico da época. Por isso é que, em veredas mais firmes, ele e outros jovens poetas iriam caminhar também, já para compensar a perda da fé religiosa ou da crença nas *grandes verdades* da História. Para alcançar esse feito, a trilha que ele usou, e de fato muito mais segura, foi a da glorificação da Natureza, representada na sua mais singela, embora sublime, aparência e, vez ou outra, para realçá-la, lançando invectivas contra a cidade (*As catas*):⁷

Que outros adorem vastas capitais
Aonde, deslumbrantes,
Da Indústria e da Ciência as triunfais
Vozes se erguem em mágico concerto;
Eu, não; eu prefiro antes
As Catas desoladas do deserto,
Cheias de sombra, de silêncio e paz...

Estamos agora em 1906, ouvindo Euclides discursar aos membros da Academia Brasileira de Letras, quando da sua posse a essa institui-

⁶ *Estrelas indecifráveis*, pp. 373-390.

⁷ Ver, de Fagundes Varela, *A cidade e Em viagem*.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

ção. Ei-lo já transformado e falando de uma nova escritura

[...] me desviei, sobremodo, dessa literatura imaginosa, de ficções, onde desde cedo se exercita e se revigora o nosso subjetivismo [...]

Escritor por acidente – eu habituei-me a andar terra-a-terra, abreviando o espírito à contemplação dos fatos de ordem física adstritos às leis mais simples e gerais [...]⁸

Fraturada a crença nos “desfalecimentos de um romantismo murcho” e nas “demacias de um falso Realismo”, nosso autor procurou encontrar a sua voz, quando encontrá-la significava também um exercício fútil de poder situar-se num ponto fixo a partir do qual ele pudesse olhar a sua literatura de modo mais seguro:

[...] não é fácil saber, hoje, onde acaba o racionalismo e principia o misticismo – quando a própria matéria parece espiritualizar-se no *radium*, e o concreto desfecha no translúcido e no intáctil [...].⁹

Mas voltemos a 1888, àquele período que precede a escritura de *Os sertões* para traçar outras considerações sobre a sua estética que, em tudo, ainda é extraordinariamente romântica, pois se define nas bases da união dos contrastes,

das antinomias, das antíteses. “A própria existência humana”, diria ele, “emerge da reação contínua dos contrastes”;¹⁰ e, explodindo nessa profissão de fé, afirma:

Eu acho-me no início da vida, nunca me foi necessário [...] apelar para a rigidez fria da razão, ter necessidade da calma, com o sangue a ebulir nas veias, o coração a estuar doloridamente e a vida combalida, oscilando, num desequilíbrio cruel de todo o sistema nervoso.

A existência ainda é para mim uma quimera dourada e fascinante que eu guardo com um ciúme alucinado de avaro; faço da dor um brinqueado; e fantasio-me de descrente, por desfrute.¹¹

E atacando os críticos que lidam com a Literatura com as luvas antissépticas de um saber defeituoso, faz ecoar mais uma vez o mentor intelectual, Victor Hugo:

Para essa gente, a síntese suprema da realidade é a lama... [ou], abroquelados em um misticismo anacrônico, entendem que ela só deve existir no que é belo e no que é puro [...] Tratem de andar pelo meio. [...] O mal através de um temperamento bem feito pode ser belo e o bem visto através de outro, pode ser medonho.¹²

Embora a presença do autor de *Os miseráveis* nestas formula-

ções seja inquestionável, Euclides, repousando em outro princípio essencialmente romântico, o da originalidade, procura amenizar o enorme impacto que a “cabeça olímpica de Victor Hugo” exerce sobre ele e toda uma geração de poetas. É o caso, por exemplo, de sua defesa de Castro Alves contra “[o]s que lhe denunciam nos versos a autoridade preponderante de Victor Hugo”, [porque]

[...] esquece-lhes sempre que ela existiu sobretudo por uma identidade de estímulos. Não foi o velho genial quem nos ensinou a metáfora, o estiramento das hipérboles, o vulcanismo da imagem, e todos os exageros da palavra, a espelharem, entre nós uma impulsividade e um desencadeamento de paixões, que são essencialmente nativos.¹³

Nativos! E a palavra ressoa intensamente para designar também esse “gênio obscuro da nossa raça”. É evidente que a especificidade nacional atribuída ao poeta de *O navio negreiro* adquire um alcance que transcende a esfera do escritor baiano para tocar também a sua, onde o conceito de imitação artística é particularmente relevante.¹⁴ Basta recordar o emprego que Euclides faz de uma imagem de Pascal com o

⁸ *Discurso de Recepção*, Academia Brasileira de Letras. OC, vol. I, p. 206.

⁹ Idem, p. 207.

¹⁰ *Críticos*, OC, vol. I, p. 520.

¹¹ Idem, p. 520.

¹² Idem, p. 520.

¹³ *Castro Alves e seu Tempo*, OC, vol. I, p. 430. Nessa mesma linha de pensamento, Euclides diria em outro lugar: “Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política”. Nessa mesma linha de pensamento ver ainda *preâmbulo ao Inferno Verde*, de Alberto Rangel, em OC, vol. I, p. 452.

¹⁴ Ver meu estudo *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1995.

intuito de colocar Victor Hugo, Castro Alves e a si próprio num mesmo círculo e em relação contígua e desierarquizada, demonstrando a contribuição formidável dos poetas e escritores à humanidade ao longo dos anos.

Pascal, numa alegoria – em que exprime brilhantemente a lei da continuidade dos esforços humanos –, sintetiza a humanidade num indivíduo singular, enorme e eterno – que irrompe através dos séculos e cuja existência se prolonga pela extensão indefinida das idades:

Essa entidade abstrata, que cresce e se avoluma a todo instante – cuja vida é feita de experiências das gerações desaparecidas, traduz uma lei no seu movimento firme, retilíneo e invencível para o futuro.¹⁵

Será a partir de 1890 que Euclides reconfigurará a poética que vinha alimentando os seus escritos para revesti-los de uma complexidade ainda maior. Preso ainda aos preceitos da gramática romântica, e com certeza muito mais à do Romantismo alemão do que qualquer outra, porque aquela tinha a vantagem de ser totalizante e totalizadora,¹⁶ ele foi buscar ainda suporte

teórico em Herbert Spencer para estabelecer a conjunção entre a arte e a ciência, no que diz respeito à noção de troca de saberes e à relação de codependência e complementaridade entre ambas as partes:

Sonhador e artista – artista como os que ainda hoje dedicam-se a essas feições supremas da arte, com íntima ignorância do salutar conselho de Herbert Spencer – que as subordina a uma sólida educação científica – a sua grande alma era impotente para refletir, completas e fulgurantes, as manifestações da vida.¹⁷

Esta citação, que só se entende se soubermos que Euclides está se referindo a Victor Hugo, tem um duplo valor, o de uma afirmação e o de uma forte ressalva ao grande mestre do Romantismo. Hugo, segundo o raciocínio euclidiano desse momento, era incontestavelmente genial; porém o seu defeito era não haver contemplado também no seu horizonte poético o saber das ciências. Revisitando novamente Spencer em 1892, para repisar a sua nova poética, Euclides assevera que:

Evidentemente não quer isto dizer que se vá metrificicar os teoremas da

Geometria ou os princípios da Física; o que a ciência faz é sobrepor, para iluminá-la ainda mais, a fulguração da consciência à afetividade do artista; estabelece um contato mais íntimo entre a existência geral, de modo que, com maior conhecimento de causa, nos transmita tudo o que nela exista.¹⁸

Chegamos às vésperas de 1902. Central para sua filosofia de composição aplicada ao grande livro, *Os sertões*, é a noção do narrador sincero que Euclides nos adiantará e que, como vimos, fora extraída de Taine. Com ela, o nosso escritor parece assentar as bases para responder, mais aderindo que rejeitando, às regras de composição para a historiografia e a literatura de sua época. Mas o que seria realmente o narrador sincero além do que encontramos naquelas últimas linhas da *Nota preliminar de Os sertões*? Não haverá quase nada que acrescentar à definição tainiana, posto que ela reflete as muitas outras, idênticas ou semelhantes, dos manuais de composição do século XIX.¹⁹ A “arte científica”, tal como foi plasmada pela mentalidade da *belle époque* é aquela derivada da indagação e da demonstração da *verdade*,²⁰ de raiz positivista, porquanto as ciências agora procuravam ordenar e controlar os fulgores do espírito. Todavia, a ideia de que a verdade

¹⁵ *Questões sociais*, II, OC, vol. I, p. 547. Para expansão e nosso deleite dessa ideia, consultar Jorge Luis Borges, La Esfera de Pascal. In: *Otras Inquisiciones*, Obras Completas. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974, p. 636-38.

¹⁶ Observe-se o que ainda diz o autor: “Somos uma raça romântica. Mas romântica no melhor juízo desta palavra proteiforme, que é definida de mil modos, e ajusta-se às incontáveis nuances do sentir humano, de sorte a passar-se dos lenços encharcados de lágrimas, de não sei quantos delinquentes prantivos, para a ironia lampejante das páginas de Henrique Heine”. In: *Contrastes e confrontos*. Obra completa, I, p. 435.

¹⁷ *Divagando*. OC. vol. I, pp. 575-576.

¹⁸ *Dia a dia* (8.5.1892). OC. vol. I, p. 609. Consultar: Walnice Nogueira Galvão, A prole de Victor Hugo. *Jornal do Brasil*, Suplemento “Idéias”, 19.10.2002.

¹⁹ Cf. Salvador Arpa y López, Manual de estética y teoría del arte (Madrid: Librería de Victoriano Suárez, 1895): “El objeto de la Historia es la bella narración y exposición de los hechos más importantes de la humanidad, con el fin último de ir mostrando su común naturaleza y su destino. De esta definición se deduce que el objeto o asunto de la Historia ha de ser marcadamente artístico, así como lo es su expresión y forma”. (p. 74)

²⁰ Cf. Arpa y López, p. 13.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

46

estava ligada também ao conhecimento dos fenômenos naturais e das ciências está de longa data prescrita nas preceptivas do passado.

[...] porque compreende a faculdade Poética todas as Ciências, e Artes. Em primeiro lugar, deve todo o poeta não ignorar a Astrologia; [...] Igualmente é necessária no Poeta a notícia da Geografia. [...] Da notícia, que também deve ter da Música, ninguém se atreverá a duvidar. [...] Muito necessita o Poeta de saber os costumes das nações, os princípios, e aumentos das Cidades. [...] Se Homero, ou Virgílio ignorassem a História, ou [a] Geografia, nem um descreveria as peregrinações de Eneias, nem outro as de Ulisses; [...] nem um, e outro usariam de comparações tão próprias, se ignorassem a História natural. [...] Igualmente o estudo das Leis não deve ser desconhecido do Poeta [...] não deve ignorar a Aritmética, a Ótica, a Dialéctica, nem a Medicina [...].²¹

Sobre os métodos científico e historiográfico, empregados na construção da narrativa de *Os ser-*

tões, e já estudados por nós há mais de uma década, não iremos aqui discorrer.²² Porém, para maior clareza sobre as preferências composicionais de Euclides nessa obra e em seus ensaios posteriores, tenhamos ainda em conta o seu gosto pelo *retrato* e a *descrição da paisagem*, os quais, para a sua plena realização, estariam sendo informados pelas regras gerais de um manual de composição que fez parte da biblioteca particular do autor: *La description et le portrait*, de Mario Roustan.²³ Neste também, o conceito de narração verdadeira se emparelha com o já visto de Taine:

Só há um tipo de narração aceitável: a narração verdadeira. Que o fato tenha ocorrido realmente ou que tenha sido imaginado, em qualquer um dos casos, o discurso deve nos dar logo de início toda a impressão da viva realidade.²⁴

Contudo, examinemos a questão do método de composição do retrato com o qual, segundo Roustan, o escritor poderá incorrer em dois defeitos, isto é, compô-lo de forma não verdadeira ou compô-lo

de forma insincera.²⁵ Já se discutia entre os antigos filósofos da história a questão da verdade *de re* ou dos fatos (*res gestae*) e da verdade *de dicto* ou da narração (*rerum gestarum*).²⁶ Cícero abordou o problema da verdade moral que concerne à narração dos fatos, enquanto que Plínio se interessou pelo conceito da verdade natural que afeta as próprias coisas. São duas maneiras de lidar com um único conceito resultante de dois métodos: um empírico, porque necessita a verificação dos dados na *arqueologia* que a atividade historiográfica poderá pressupor; e outro de maior densidade moral, porque implica uma articulação da linguagem que não somente possa convencer, do ponto de vista retórico, mas que também logre comunicar com grande eficiência, e de forma ética, a verdade dos fatos tal como esta é concebida através da pena de cada historiador.

Na ficção, os conceitos são outros. Se não é possível determinar com consistência a aplicação das regras de verossimilhança aos vários discursos ficcionais existentes, é possível, entretanto, entender com precisão o funcionamento das diversas realidades verossímeis.

²¹ Francisco Joseph Freire. *Arte poetica ou regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico*, tomo I (Lisboa: Offc. Patriarcal de Francisc. Luiz Ameno, 1759, pp. 45-49

²² Ver os meus estudos: *A Imitação dos Sentidos*; Prefácio à edição de *Os sertões* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2001), pp. 13-49 e Pressupostos Historiográficos para uma Leitura de *Os sertões*, *Revista da USP*, 54 (2002): 6-15.

²³ Sou grato ao meu saudoso amigo, Dr. Oswaldo Galotti, por ter-me cedido há duas décadas uma cópia manuscrita do inventário dos livros da biblioteca particular de Euclides da Cunha. O manual de Roustan, ao que parece popularíssimo na época, apresenta um problema de datação considerável. Conjecturamos que a primeira edição seja de 1900. M. Roustan, *La Description et le Portrait*. Paris: Librairie Classique Paul Delaplane.

²⁴ "Il n'y a qu'une narration acceptable: la narration vraie. Que le fait se soit passé réellement ou qu'il soit imaginé, le récit doit nous donner avant tout l'impression de la réalité vivante." Idem, p. 10. Veja-se também esta observação do autor sobre a paisagem: "Tout le monde a lu les poétiques descriptions des paysages d'Amérique par Chateaubriand. On soupçonnait l'auteur d'avoir dépeint plus de tableaux qu'il n'en avait observé; mais on n'osait se hasarder à préciser, ce qui prouve bien que là même où Chateaubriand avait vu les contrées à travers les livres, son évocation de la nature américaine n'était ni moins vraie ni moins sincère." p. 25.

²⁵ Idem, p. 64.

²⁶ Cf. M. Kneale, *Modality De Dicto and De Re*. In: Nagel, Suppes and Tarski (eds.). *Logic, Methodology and Philosophy of Science*. Stanford: Stanford UP, 1962.

As regras da verossimilhança num conto de fadas são muito diferentes das de um conto realista, mas em ambos os casos a finalidade é uma só, manter a coerência interna do texto. Lorenzo Duccio, por exemplo, define a história como *narração verdadeira de ações verdadeiras*. Na sua definição se enfatiza a narração (*rerum gestarum*) e não as ações (*res gestae*).²⁷

Jerônimo de São José em seu tratado *Gênio da história* (1651) afirma que “[...] a História propriamente verdadeira é narração verdadeira de fatos verdadeiros” e prossegue:

Parecerá dificultoso que haja narração verdadeira e que seja de coisas falsas, porque a verdade ou a falsidade da narração se toma das coisas narradas. Mas bem considerada a natureza da verdade e da falsidade, encontraremos que se pode juntar de algum modo e sentido a verdade da narração com a verdade das coisas narradas.

Trata-se de combinar, segundo o frei historiador, a verdade natural (objetiva) com a verdade moral (subjetiva).²⁸ E esta, sem dúvida, era cara a Euclides como ele mesmo anunciou:

O meu livro sobre a interessantíssima luta nos sertões [...] ainda não apareceu. Está, porém, agora, finalmente pronto e ainda que seja o

primeiro a considerá-lo lardeado de defeitos sérios, entre os quais avulta certa falta de unidade oriunda das condições em que foi escrito – tem preponderantemente, uma qualidade que o nobilita – a sinceridade com que foi traçado.²⁹

Concluindo essa porção da nossa fala, podemos dizer que, como narrador, Euclides desempenhou para a cultura brasileira papel decisivo ao redimensionar a importância que os seus escritos têm tido no contexto de produção onde se definiram primordialmente como história ou afins à história; e no contexto de recepção onde adquiriram também *status* de literariedade. Bem poucos escritores puderam e podem caminhar em ambos os terrenos da literatura e da história com tanta destreza e lucidez de espírito. Se o objetivo da História é também, como quer um crítico do final do século XIX,

[ser] a bela narração e exposição dos fatos mais importantes da humanidade, com o fim último de ir mostrando sua comum natureza e seu destino, Euclides certamente incorporou esses atributos na sua escritura a tal ponto que desta definição se deduz que o objeto ou assunto da História há de ser marcadamente artístico, assim como o é sua expressão e forma.³⁰

Estão terrivelmente marcadas, duramente estigmatizadas. São feias,

megeiras, bruxas, viragos, zanagas. Uma autêntica caqueira humana, que o autor parece ter tido o prazer de debuxar. Há, todavia, naquele imenso deserto de beleza, um “rosto formosíssimo”, aclarado por uns “olhos grandes e negros”, verdadeiro oásis de graça feminina.³¹

Estas palavras de um estudioso de Canudos, o sempre recordado amigo José Calasans, serviram-lhe para encetar um ensaio sobre as mulheres de *Os sertões*, publicado há exatamente 50 anos. O tema veio à baila justamente a propósito da afirmação disparatada e um tanto cômica de Afrânio Peixoto que certa vez afirmou que o próprio Euclides acreditava, e inclusive se jactava, de que as mulheres não apareciam nos seus livros. Interessa-nos menos rever os ponderados argumentos de Calasans do que aproveitar a conclusão de suas pesquisas:

[...] temos que considerar destituída de fundamento a suposta declaração do nosso escritor [segundo Afrânio Peixoto, é claro] negando a presença do elemento feminino nos seus livros.³²

Da minha parte, dou-me por satisfeito ao constatar em *Os sertões* que a presença feminina, possivelmente omitida ou *rasurada* na prosa de Euclides cedeu lugar, na feliz expressão de Cícero Antônio F. de Almeida, à “capacidade dis-

²⁷ Cf. Walter Mignolo, *El Metatexto Historiográfico y la Historiografía Indiana*, Modern Language Notes, 96 (1981): 367.

²⁸ Idem, p. 371.

²⁹ OC, vol. II, p. 612-13.

³⁰ Arpa y López, op. cit. p. 74.

³¹ Cf. José Calasans, *As Mulheres de Os sertões*. In: Fernandes, Rinaldo de (Org.) *O Clarim e a Oração: Cem Anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p. 192.

³² Idem, p. 197.

³³ Cícero Antônio F. de Almeida (textos). *Imagens da Guerra*. Fotografias de Flávio de Barros. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. / Museu da República, 1997, p. 24.

ATUALIDADES EM ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● EDUCAÇÃO

Todos nós que folheamos as páginas de *Os sertões* não podemos passar por alto tão comovente cena em que cerca de cem mulheres, mais algumas crianças e alguns homens, se colocam em primeiro plano, sentados no chão, sob o olhar de mais ou menos uma meia centena de soldados no fundo.

cursiva da fotografia”.³³ Ademais, José Calasans fala no “prazer de debuxar” as mulheres; e a expressão não poderia ser mais correta. Trata-se justamente disso, de pintar com palavras, como o fez Euclides, segundo a melhor tradição literária

da *ut picturas poesis*, e em seguida complementar essa paisagem humana construída com a moderna técnica fotográfica. Todavia, para que representar o mesmo objeto duas vezes ou de dois modos? Essa é fundamentalmente a pergunta que gostaríamos de tentar responder agora.

Se é verdade que por volta de 1865 a credibilidade na fotografia como meio para registrar a realidade ainda estava ameaçada³⁴ devido aos processos utilizados para a impressão da imagem, quer dizer, a xilografura ou a litografia como técnicas que permitiam que estas fossem “[tiradas] do natural em fotografia”,³⁵ por outro lado, na época da publicação de *Os sertões*, a técnica para se obter a imagem fotorealista já estava bastante desenvolvida. Portanto, naqueles alvares do século XX,

[...] acreditou-se que a humanidade estava diante de uma invenção que seria capaz de registrar a realidade tal como ela era, graças à sua natureza química de fixação de imagens num suporte sensível à luz. Difundida a sua credibilidade como prova definitiva dos fatos, a fotografia passou a representar a própria verdade, pre-

tensamente capturada pelo olhar do fotógrafo.³⁶

O caso de *Os sertões* parece ser único no Brasil, somente comparado ao livro de Alexander Gardner, *Gardner's Photographic Sketch Book of the War*, lançado em 1865-1866.³⁷ Em toda a história do livro no Brasil, desconheço outro exemplo que combine tão cedo, tão bem e de forma tão complementar imagem e texto como neste caso.³⁸ É como se Euclides estivesse já respondendo aos críticos que lhe faziam esta pergunta: onde estão as mulheres? Resposta: na impressionante e inesquecível foto das jagunças presas de Flávio de Barros.

Todos nós que folheamos as páginas de *Os sertões* não podemos passar por alto tão comovente cena em que cerca de cem mulheres, mais algumas crianças e alguns homens, se colocam em primeiro plano, sentados no chão, sob o olhar de mais ou menos uma meia centena de soldados no fundo.³⁹ Poucos olhares se dirigem à câmera e aqueles que sim o fazem parecem comunicar indiferença, algo de surpresa e desconfiança. A foto foi tomada de tão perto que nos coloca, como espectadores, no campo de sua visão, obrigando-nos a “pisar” em terreno tão incômodo. Em uma palavra, a foto obrigatória-

³⁴ Cf. Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, *A Fotografia de Guerra e o Episódio de Canudos ou A Documentação como Alvo*. In: Cadernos de Fotografia Brasileira (Canudos), 1 de dezembro de 2002, São Paulo, Instituto Moreira Sales, p. 238-69.

³⁵ Idem, p. 250

³⁶ Almeida, p. 24.

³⁷ Berthold Zilly já fizera uma observação semelhante. Ver o seu texto *Flávio de Barros, o ilustre cronista anônimo da guerra de Canudos: as fotografias que Euclides da Cunha gostaria de ter tirado*. História, Ciências, Saúde: Manguinhos. Publ. da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, vol. 5, julho 1998, p. 316-20. Outros exemplos de livros de fotografias de guerra surgiram na época. Entretanto, registros em forma de livro, cujo texto se complementa com a imagem, é algo raro.

³⁸ Macedo Soares em *A guerra de Canudos* (Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903) utilizou também quatro fotos de Flávio de Barros (“Panorama de Canudos”, “Igreja Velha”, “Igreja Nova”, “Antônio Conselheiro Após a Exumação”) complementadas por uma galeria de retratos dos principais oficiais do exército. Nota-se, contudo, o critério apologético da seleção para representar os “troféus” da vitória.

³⁹ Esta foto conhecida como a dos *400 Jagunços Prisioneiros* (Euclides a intitulou *As Prisioneiras*) induz a erro. Na verdade o número de prisioneiros (homens, mulheres e crianças) da foto não passa de 300.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

fotos das 68 que tomou Flávio de Barros e que chegaram até nós. O melhor que podemos fazer agora é tentar adivinhar a sua intenção e entender o seu critério. A primeira que Barros tomou em Monte Santo, intitulada *Monte Santo (base de operações)*, é um primor de composição que mostra modernos canhões Canet no plano frontal e, no fundo, metralhadoras e caixas

de munição. Esse aparato bélico aparece flanqueado por soldados bem vestidos e limpos, dando ideia da perfeita correção do exército, e todo esse conjunto, ao ser circundado por casas e uma igreja, está protegido, como ele parece estar também, pela serra de Monte Santo no plano posterior da imagem.

A segunda foto, supostamente do 7º Batalhão de Infantaria, inti-

tulada por Euclides *Acampamento dentro de Canudos*, apresenta outra realidade muito diversa da anterior.⁴⁰ Não há alinhamento no grupo de indivíduos que o compõe, a mescla étnica inclusive é patente, como o fica sendo também a disparidade hierárquica, oficiais e soldados misturados, mas diferenciados pela indumentária. Aqui, temos a impressão de que já estaria Euclides dizendo o que disse do 5º Batalhão da Bahia em ação: “lançava-se o jagunço contra o jagunço”.⁴¹ Se na foto anterior, em palavras de Cícero de Almeida, “idealiza-se” a ordem, disciplina e correção do exército, nesta será todo o contrário. No primeiro plano, soldados em sandálias de couro que contrastam com outros em botas, um casebre parcialmente destruído, uma lata possivelmente vazia ao lado de um pedaço de pano ou papel grosso lançado sobre a terra e um jarro d’água, objeto precioso, atado por uma corrente. O desalinho do grupo e o desequilíbrio da composição estão em franco contraste com o da foto anterior. E o indivíduo da porta do casebre poderia ser um de nós, estranha e esquivadamente situado como está no limiar da porta ou apoiado à janela; em todo caso, querendo ao mesmo tempo participar e não participar da cena montada pelo fotógrafo. *Montada* é o termo, porque essa foto poderá ter parecido a Euclides a melhor para explicar a natureza caótica da campanha de Canudos, pois, mesmo ensaiando uma cena para a câmera, as armas em riste que se misturam



Monte Santo (Base de Operações), Flávio de Barros



Acampamento dentro de Canudos, Flávio de Barros

⁴⁰ Não seguimos necessariamente a mesma ordem dada às fotos por Euclides. Já a partir da primeira edição de *Os sertões*, a ordem é a seguinte: Monte Santo (Base de Operações), Acampamento dentro de Canudos e As Prisioneiras.

⁴¹ Euclides da Cunha, *Os sertões (OS)*. Ed. comentada de Leopoldo Bernucci. São Paulo: Ateliê, 2009, p. 762.

às cornetas, às espadas, a uma bandeira esgarçada e ao lixo prejudicam a organização da composição e comprometem a suposta ordem das tropas do exército.

Ora, Euclides, que tinha predileção pela fotografia e que levou uma câmera portátil para Canudos, infelizmente não nos deixou nenhuma imagem dos sertões ou do arraial baiano.⁴² Mas talvez sentisse, num dado momento, que não precisava dessa ajuda fotográfica, já que era adestradíssimo no manejo da linguagem. E que fique para os incrédulos os múltiplos exemplos de pinturas com palavras, numa mostra de que a sua linguagem escrita também dialogava com a linguagem pictórica, reafirmando outro caso de interdiscursividade na sua obra.

É difícil saber se as fotos da guerra de Canudos de Flávio de Barros chegariam até nós como chegaram sem Euclides, porque foi este que a bem dizer, em 1902, mostrou para o mundo, em palavras e imagens, a realidade dessa guerra.⁴³ Mas, certamente, nunca ficará claro para nós até que ponto Euclides confiava na total possibilidade da palavra escrita ou na inteira capacidade da imagem de comunicar essa realidade, pois

ele mesmo, sempre cético, atesta o limite da primeira ao reconhecer a “fragilidade da palavra humana”:

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com só a fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?⁴⁴

Não havendo propriamente intenção do autor de criar em *Os sertões* um equilíbrio entre imagem e texto, como no gênero *foto texto* (*photo text*), tampouco se deu nele o que Jefferson Hunter chama de “*simple texts and complicated pictures*” (textos simples e imagens complicadas).⁴⁵ Obviamente, se assim fosse seria mais fácil entender Euclides e *Os sertões*. Todavia, todos nós, seus leitores, sabemos muito bem

que simplicidade de linguagem é noção que não pertence ao mundo do escritor fluminense.

III

Já faz uma dúzia de anos que a tese lançada sobre a desleitura de Ludwig von Gumplowicz por Euclides⁴⁶ em *Os sertões* rendeu algumas páginas em *Terra ignota*, de Luiz Costa Lima. Ali o crítico fala do “embarço que causa a leitura [incorreta de Gumplowicz] feita por Euclides” e fustiga os críticos por não terem prestado atenção a esse deslize. Antes de mais nada, é preciso dizer que as ideias de Costa Lima mudaram ligeiramente três anos depois, quando ele as retoma para expandi-las, mas também para reavaliá-las. O que não mudou, porém, foi o seu tom de perplexidade, tanto para com a falha do escritor quanto para o pouco caso da crítica que continua desinteressada do assunto. “O desentendimento de Euclides é, portanto, bastante estranho”⁴⁷ diz o crítico e acrescenta:

Desde que *Os sertões* esteve publicado, seus resenhadores, comentadores e intérpretes têm dado por assente

⁴² Ver Andrade, p. 263-64. É útil também lembrar o fascínio que tinha o autor pelo retrato, como modo de composição em prosa e o seu próprio retrato fotográfico sobre o qual lançou poemas enviados a amigos. Outro exemplo de seu namoro com a fotografia ficou registrado em uma foto tirada no Amazonas em 1905 com a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, na qual ele escreve o interessante soneto [“Se acaso uma alma se fotografasse”]. Finalmente, nos objetos pessoais deixados pelo escritor e que estiveram sob a guarda de Oswaldo Gallotti, encontrava-se um estereoscópio, instrumento fotográfico muito popular na sua época.

⁴³ Se bem o fotógrafo divulgou suas fotos meses depois da guerra na capital federal, utilizando o recurso de projeção elétrica, não há nenhuma garantia de que elas se tornassem conhecidas do grande público. Ver Almeida, p. 285.

⁴⁴ OS, p. 779.

⁴⁵ Cf. Jefferson Hunter. *Image and Word: The Interaction of Twentieth-Century Photographs and Texts*. Cambridge, Mass./London, England: Harvard UP, 1987, p. 28.

⁴⁶ Luiz Costa Lima. *Terra Ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 31.

⁴⁷ Luiz Costa Lima. *Euclides da Cunha*. Contrastes e Confrontos do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto / Petrobrás, 2000, p. 44.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

que o apoio que Euclides encontrara no 'ferocíssimo gênio saxônico' era indiscutível. Ninguém parece haver-se dado ao trabalho de saber o que de fato continha a fonte. E, à medida que o evolucionismo biológico perdeu seu prestígio, a própria possibilidade desta curiosidade se tornou mais distante.⁴⁸

Não sou tão velho para pertencer a essa primeira geração dos críticos de Euclides, mas reconheço que Costa Lima pede de nós também, estudiosos atuais, uma explicação para, no melhor dos casos, a nossa apatia diante da má leitura de Gumpłowicz por Euclides e, no pior deles, a nossa miopia ou cegueira de não poder enxergar as contradições ou incoerências de Euclides nesse caso em particular.

Foi motivado por essa chamada para entrar no debate que decidi então oferecer a minha modesta contribuição e que, espero, possa esclarecer um pouco mais a questão dessa leitura de Euclides. Falei em *expansão e avaliação* da parte do crítico feita posteriormente em ensaio publicado sob o título *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Neste, surpreendentemente, Luiz Costa Lima parece ter-se dado conta da complexidade da questão, que parecia num primeiro momento muito simples: Euclides leu incorretamente Gumpłowicz e por quê?

Como questão hermenêutica, as indagações iniciais do autor de

Terra ignota eram válidas, mas as conclusões um tanto apressadas, até que em publicação posterior, quando da retomada das mesmas ideias, Costa Lima parece ter encontrado a chave que lhe permitiu abrir a porta para outro horizonte interpretativo que lhe possibilitou, agora, ver "dois quadros simultâneos: o da essencialidade e o da perdição".⁴⁹ Como tais, e essa palavra nunca aparece no seu texto crítico, esses dois modos de se aproximar da questão são a meu ver complementares, embora também formem uma *contradictio in terminis*. Eis a questão, portanto: Euclides estaria incorretamente atribuindo à teoria de Gumpłowicz sobre *a luta das raças pela dominação* um significado biológico que inexistia nela, pois o sociólogo austríaco privilegia fatores sociológicos, mesmo falando de etnias e raças que, quando combinadas com o impulso natural de dominação por meio da guerra, os povos vencidos são os mais fortes. *Forte* aqui, ao contrário de uma concepção biologicamente racista que marcaria os indivíduos, relaciona-se, no entanto, ao maior ou menor grau de sentimento de um corpo coletivo com respeito aos laços de união entre seus membros participantes (singenetismo).

O ponto delicado da questão para Costa Lima é a seguinte passagem da *Nota Preliminar* de *Os sertões*:

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável 'força

motriz da História' que Gumpłowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.⁵⁰

Em outra passagem que, curiosamente, Costa Lima cita, mas de forma truncada, o seu argumento só se justifica pela forma como o crítico seleciona as partes do parágrafo, descontextualizando, assim, a ideia principal. Vejamos:

Sou um discípulo de Gumpłowicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocíssimo gênio saxônico. E admitindo com ele a expansão irresistível do círculo singenético dos povos, é bastante consoladora a ideia de que a absorção final se realize menos à custa da brutalidade guerreira do 'Centouro, que com as patas hípicas escavou o chão medieval', do que à custa da energia acumulada e do excesso de vida do povo destinado à conquista democrática da terra.⁵¹

Grifei em itálico a parte citada por Costa Lima que, ao não considerar todo o parágrafo, parece ter oferecido uma interpretação caprichosa desse Euclides que, a meu ver, em nenhum lugar dessa passagem alude a possíveis ramificações biológicas de cunho racista. Aliás, aqui encontramos um Euclides no melhor desses momentos quando, olhando para a história, vê com otimismo o re-

⁴⁸ Luiz Costa Lima. *Euclides da Cunha*. Contrastes e Confrontos do Brasil. p. 41.

⁴⁹ Luiz Costa Lima. *Euclides da Cunha*. Contrastes e Confrontos do Brasil. p. 48.

⁵⁰ OS, p. 66.

⁵¹ Na correspondência dirigida a Araripe Júnior em 7.2.1903. Ver *Euclides da Cunha*. Correspondência. Walnice Nogueira Galvão; Oswaldo Galotti (Orgs.). São Paulo: Edusp, 1997, p. 151.

Nem uma palavra sequer foi mencionada que pudesse sugerir superioridade ou inferioridade raciais com base em pressupostos biológicos, mas suficiente clareza existem nessas frases para dar a entender que esse mais ou esse menos se mede no plano intelectual ou no da destreza e preparo bélicos.

sultado dessa “absorção final”, isto é, comunidades ou populações que se aglutinam (*energia acumulada*) como resultado de um processo mais pacífico (*menos à custa da brutalidade guerreira*) do que aquele vislumbrado por Gumplowicz e produzindo, enfim, um sistema de dominação menos impositivo (*conquista democrática da terra*).

Não arriscaríamos chamar de tendenciosa a vontade do crítico de destruir a leitura que faz Euclides de Gumplowicz. Digo apenas que ela se baseia em dados incompletos. Tanto é assim que, já em 1900, o escritor se havia familiarizado com a teoria do autor das *Lutas de raças* e, voltando à ideia principal (a luta de raças como a força propulsora da história), o cita no final da Parte I do ensaio “Olhemos para os sertões”:

[...] O embate das raças é a força motriz da história; e as feições mais características desta, quer se estadeiem

nas criações intelectuais quer numa escala descendente nos grandes feitos da guerra, nada mais exprimem além da concorrência vital entre os povos, transfigurados pela seleção natural em nacionalidades triunfantes. Ora, temos acaso vitalidade nacional que nos faculte enterrar o estrangeiro nesse duelo formidável?⁵²

Nem uma palavra sequer foi mencionada que pudesse sugerir superioridade ou inferioridade raciais com base em pressupostos biológicos, mas suficiente clareza existem nessas frases para dar a entender que esse mais ou esse menos se mede no plano intelectual ou no da destreza e preparo bélicos.

Perguntamos, então, porque a despeito das provas em contrário e das novas interpretações realizadas por ele mesmo, que o levaram a concluir que há uma dupla maneira de ler Euclides, Costa Lima radicaliza a leitura que o escritor faz de Gumplowicz? Não saberíamos responder a essa pergunta, mas

ofereço mais outro dado. O crítico encontraria evidência suficiente se conhecesse as notas manuscritas e inéditas que deixou Euclides sob o título de *Páginas resumidas de Gumplowicz*. Ali o nosso autor esboça claramente a teoria escoimada do professor de Graz, como ela aparece, de influências genéticas:

30 Influência do Grupo Social sobre o Indivíduo – A nossa conduta é determinada não por motivos psicológicos, mas por motivos sociais. Porque andamos vestidos nos climas quentes? Obedecemos à moda. É de fato inegável a servidão da vontade individual às tendências coletivas.

31 Bases Naturais da Evolução Histórica – Em cada foco de vida histórica – nas tribos – os mais fortes se tornam classes dominadoras, fundam organizações e, pela divisão forçada do trabalho, o progresso. Durante esse processo se extinguem as diferenças primitivas das raças e se acentuam as das classes e do estado social.⁵³



Manuscrito do Arquivo do Grêmio Literário Euclides da Cunha, S. José do Rio Pardo, SP

⁵² OC, vol. 1, p. 499.

⁵³ Caderneta manuscrita do acervo do Grêmio Literário Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo, SP.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

Por fim, aceitemos que a Euclides não desagradava o fato de essencialismo e cientificismo se combinarem, como não lhe perturbava o uso da teoria de Gum-

plowicz ao lado de outra teoria, agora racial, fundamentada numa ordem biológica das coisas. Instiga-nos ainda pensar que, na contiguidade dessas ideias, pos-

sa haver alguma contradição ou incoerência de pensamento, mas esta será uma outra questão que certamente as futuras investigações irão elucidar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. (Textos.) *Imagens da guerra*. Fotografias de Flávio de Barros. Rio de Janeiro: Lacerda Ed./Museu da República, 1997.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. A fotografia de guerra e o episódio de Canudos ou a documentação como alvo. In: *Cadernos de Fotografia Brasileira* (Canudos), São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

ARPA Y LÓPEZ, Salvador. *Manual de estética y teoría del arte*. Madrid: Librería de Victoriano Suárez, 1895.

BERNUCCI, Leopoldo. Pressupostos historiográficos para uma leitura de Os sertões. *Revista USP*, p. 6-15, jun.-ago./2002.

_____. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1995.

_____. Edição anotada de Os sertões. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BORGES, Jorge Luis. La Esfera de Pascal. In: *Otras inquisiciones*. Obras completas. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974. p. 636-38.

CALASANS, José. As Mulheres de Os sertões. In: FERNANDES, Rinaldo de. (Org.). *O Clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

CHIACCHIO, Carlos. Euclides e Teodoro Sampaio. *Jornal de Ala*, suplemento I, Salvador, p. 4-10, 11 de janeiro de 1940.

COSTA LIMA, Luiz. *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto/Petrobrás, 2000.

ATUALIDADES EM ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● EDUCAÇÃO

ICONOGRAFIA DE EUCLIDES DA CUNHA

Iconography of Euclides da Cunha

Felipe Pereira Rissato

Pesquisador independente sobre Euclides da Cunha. Descobriu, entre outros inéditos, o único artigo de Euclides até hoje conhecido datado de 1893, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*. Atualmente, dedica-se à pesquisa iconográfica sobre o escritor Euclides da Cunha e seus familiares, através de fotografias dispersas em inúmeras publicações editadas ao longo dos anos e encontradas em acervos públicos e particulares.

E-mail: lipecran@yahoo.com.br

Recebido em julho de 2009 e selecionado em julho de 2009

RESUMO

Esta pesquisa resgata e reúne o máximo de fotografias do escritor Euclides da Cunha e familiares dispersas em inúmeras publicações editadas ao longo dos anos ou mesmo inéditas, – como é o caso de duplicatas – encontradas em acervos públicos e particulares, num conjunto de imagens jamais visto. Retrata de forma resumida e ilustrada a biografia do escritor, desde sua infância à sua morte, documentando, de certa forma, o seu envolvimento com a sociedade de seu tempo. Além das fotografias, faz levantamento de datas, locais e fotógrafos, informando, para efeito de pesquisa bibliográfica, onde cada imagem foi publicada pela primeira vez.

Palavras-chave: Iconografia. Euclides da Cunha. Biografia. Bibliografia.

ABSTRACT

This research rescues and collects the largest possible amount

of photographs of Brazilian writer Euclides da Cunha and his family. These photos had been dispersed in several publications over the years, or even unpublished, – which is the case of some duplicates – found in public and private collections, a never seen image combination. It shows, in a short and illustrated way, the writer's biography, from his childhood to his death, also documenting his involvement with the society of his time. Besides the photos, the work surveys dates, places and photographers, informing, for bibliographic research purposes, where each picture was published for the first time.

Keywords: *Iconography. Euclides da Cunha. Biography. Bibliography.*

ICONOGRAFIA DE EUCLIDES DA CUNHA (EXCERTO)

Felizmente muito já se escreveu sobre Euclides da Cunha. Em inúmeros destes escritos, esparsos em livros, jornais, revistas, edições especiais e outros, encontram-se estampadas diversas fotografias suas.

No entanto, nunca houve o intuito de reunir, em uma única publicação, o máximo de fotografias do escritor e também de seus familiares, ficando assim uma lacuna na vastíssima bibliografia Euclidiana.

A primeira publicação a reunir substancial iconografia relativa a Euclides foi o livro *“Por Protesto e Adoração: in memoriam de Euclides da Cunha”*, editado pelo Grêmio Euclides da Cunha em 1919. A partir daí, uma grande consolidação da imagem euclidiana foi feita pela revista *“Dom Casmurro”*, em número duplo, especial de aniversário, de maio de 1946, totalmente dedicado a Euclides da Cunha; feito também repetido pelo álbum *“Os Sertões: 80 anos de publicação”*, de 1982. Em tempos atuais, tivemos a edição dos Cadernos de Literatura, pelo Instituto Moreira Salles em 2002, reunindo um trabalho que vinha sendo desenvolvido pelo professor Roberto Ventura e que também se encontra na biografia que ele preparava sobre Euclides e que saiu postumamente: *“Euclides da Cunha: esboço biográfico”*, em

2003. Outras publicações, como dito anteriormente, foram mais esporádicas, tanto de aparição quanto de conteúdo.

A presente pesquisa, inserida no Seminário Internacional “100 Anos sem Euclides”, uma das comemorações acerca do centenário de falecimento de Euclides da Cunha, tenta reparar esta lacuna, trazendo a público tudo o quanto foi possível reunir de fotografias de Euclides da Cunha e seus familiares, numa reunião de imagens jamais vista.

Além da divulgação das fotografias, há também as indicações, quando encontradas, de data, local, fotógrafo e comentários afins, bem como da bibliografia pertinente, indicando onde cada uma das fotografias foi publicada pela primeira vez.

Somente de Euclides vivo, até o momento, foram arroladas 46 fotografias diferentes, todas aqui abordadas. Entretanto, o número de fotografias encontradas chega a 67, contando duplicatas com

dedicatórias distintas, sem contar outras três fotografias que, apesar de se saber, não foram localizadas.

Com relação aos familiares, foram arroladas 43 fotografias, aqui abordadas parcialmente.

A versão completa da pesquisa, em forma de livro, que será lançada oportunamente, trará todas as imagens obtidas, desta vez abrangendo as duplicatas, algumas até mesmo inéditas.

A inovação desta “Iconografia de Euclides da Cunha” acaba por ser a sua forma diferenciada de divulgar resumidamente a biografia do escritor, uma vez que as fotografias abrangem desde sua infância até sua morte.

Na próxima página, inicia-se o Álbum Fotográfico, trazendo primeiramente as fotografias de Euclides e depois as de seus filhos e familiares.

ÁLBUM FOTOGRÁFICO



Aerervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Euclides da Cunha aos 9 anos, [1875]. (Algumas publicações estampam a idade de 10 anos, mas preferi manter a indicação do Grêmio Euclides da Cunha, também defendida pelos biógrafos Eloy Pontes e Francisco Venâncio Filho).

Por protesto e adoração: in memoriam de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Gremio Euclides da Cunha / Typ. Aurora, 1919.



Aerervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Euclides aos 12 anos, [Salvador, Bahia], [1878]. In: ELUF, Luiza Nagib. *Matar ou morrer: o caso Euclides da Cunha*. São Paulo: Saraiva, 2009.



Aerervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Euclides aos 20 anos, Rio de Janeiro, [1886]. Há ainda outro exemplar desta fotografia. In: RANGEL, Alberto. *Euclides da Cunha: um pouco do coração e do carácter*. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Commercio”, 1913.



Aerervo Sr. Joel Bicalho Torres

Euclides (aos 21 anos) e mais 8 colegas da Escola Militar, Rio de Janeiro, [1887]. Euclides é o segundo, a contar da direita. In: PEREGRINO, Umberto. *História e Projeção das Instituições Culturais do Exército*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.

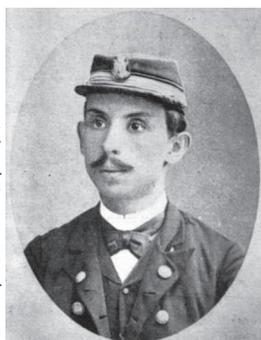
A versão completa da pesquisa, em forma de livro, que será lançada oportunamente, trará todas as imagens obtidas, desta vez abrangendo as duplicatas, algumas até mesmo inéditas.

ATUALIDADES EM ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● EDUCAÇÃO



Acevo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Euclides em forma na Escola Militar da Praia Vermelha, Rio de Janeiro, 1888. Euclides é o quinto da primeira fila, a contar da direita. Por protesto e adoração: in memoriam de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Gremio Euclides da Cunha / Typ. Aurora, 1919.



Acevo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Euclides aos 25 anos, 1º Tenente do Exército, Rio de Janeiro, [Janeiro, 1892]. O Imparcial, Rio de Janeiro, 31 out. 1914.



Acevo Sr. Pedro Corré do Lago

Euclides e grupo na cidade de Campanha, Minas Gerais, em frente à Tipografia de Bernardino Saturnino da Veiga, onde era impresso o jornal Monitor Sul-Mineiro, no qual Euclides colaborou com poemas, [1894]. Euclides é o primeiro sentado, a contar da direita, com chapéu e guarda-chuva na mão. Sentado ao seu lado, está o amigo João Luís Alves. Revista do Gremio Euclides da Cunha, Rio de Janeiro, 15 ago. 1935.



Acevo Foto Araújo, Campanha/MG

Euclides e grupo na cidade de Campanha, Minas Gerais, [1894], (outra versão). In: ANDRADE, Juan Carlos Pires de. Vida e obra de Euclides da Cunha: imagens. Fotografias, pinturas e desenhos de Euclides da Cunha. Disponível em: <www.euclides.site.br.com>. Acesso em: 07/10/2003.



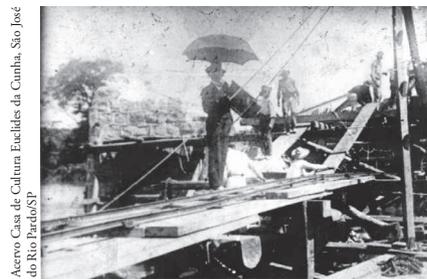
Acevo Museu da República, Rio de Janeiro/RJ

Euclides em missa campal em Cansanção, Bahia, celebrada pelos frades franciscanos Pedro Sinzig e Gabriel Grömer, alemães, na presença do marechal Carlos Machado de Bittencourt, 05 set. 1897. Euclides está à esquerda do cruzeiro. Fotografia de Flávio de Barros, fotógrafo da Campanha de Canudos, sendo o único registro fotográfico do escritor durante a guerra. In: ALMEIDA, Cícero Antônio F; Museu da República (orgs.). Canudos: imagens da guerra. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.



Acevo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Euclides, de paletó branco, na balsinha de Melchior, procedendo com um varejão a estudos preliminares no Rio Pardo, para reconstrução da ponte metálica. São José do Rio Pardo, São Paulo, [1898]. [Kosmos ?, Rio de Janeiro, s. d.]. Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano 10, n. 439/40, p. 38, maio 1946. Especial de Aniversário, dedicado a Euclides.



Acevo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo/SP

Euclides durante a reconstrução da ponte sobre o Rio Pardo, São José do Rio Pardo, São Paulo. Globo News Especial: Euclides – uma vida em linha reta, Rio de Janeiro, 23 ago. 2009. Programa do canal de TV a cabo Globo News, apresentado por Claufe Ferreira Rodrigues.



Acevo Sr. Samuel Gorberg (Reprodução)

Euclides sentado sobre uma das peças da ponte em construção; em pé, Mateus Volota, guarda da ponte. São José do Rio Pardo, São Paulo, [1901]. Kosmos, Rio de Janeiro, ano 5, n. 3, mar. 1908.



Arquivo do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro/RJ

Euclides, de pé, ao fundo, em almoço realizado no Hotel Rio Branco, organizado pela famosa "panelinha" da Academia Brasileira de Letras para festejar a publicação do livro "Horas do Bom Tempo", de Lúcio de Mendonça. Rio de Janeiro, 1901. (Em pé, da esquerda para a direita: José Veríssimo, Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Rodolpho Bernardelli, Guimarães Passos e Rodolpho Amoedo. No mesmo sentido, sentados: Machado de Assis, Heitor Peixoto, João Ribeiro, Rodrigo Octavio, Inglês de Sousa, Silva Ramos, Filinto de Almeida, Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Arthur Azevedo e Sousa Bandeira). [Em 1901, com o apoio de

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

59

José Veríssimo e Lúcio de Mendonça, Euclides foi ao Rio de Janeiro à procura de um editor para “Os Sertões”. Apesar de seleta, a “panelinha” foi criada para promover encontros de escritores e artistas não necessariamente membros da Academia, o que explicaria a sua presença ali, dois anos antes de ser eleito para a ABL na vaga deixada por Valentim Magalhães]. Época, São Paulo, n. 541, 29 set. 2008.



Euclides vestindo terno de risca-de-giz, fotografado por Joseph Vollsack, São Paulo, 1903. (Fotografia mais conhecida de Euclides, tendo enviado este exemplar a Coelho Netto. Outros exemplares foram enviados a Filinto de Almeida [01/10/1903], José Veríssimo [18/10/1903], Lúcio de Mendonça 26/12/1903, Gabriela Sena [22/09/1904], Firmo Dutra [1905], entre outros).

Almanaque Brasileiro Garnier: para o ano de 1905. Ano 3. Paris: Typ. H. Garnier, 1905.



Euclides e grupo na Ilha dos Búzios, litoral santista, 1904. Euclides está no alto, à esquerda, com as mãos cruzadas sobre a perna esquerda. (Fotografia enviada a José Veríssimo em 31/08/1904).

Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano 10, n. 439/40, p. 43, maio 1946. Especial de Aniversário, dedicado a Euclides.



Acervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Euclides e grupo na Ilha dos Búzios, litoral santista, 1904 (outra versão). Euclides está com a mão esquerda encostada à maçã do rosto. (Fotografia enviada a José Veríssimo em 06/09/1904). Revista do Gremio Euclides da Cunha, Rio de Janeiro, 15 ago. 1926.



Acervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Euclides com os amigos Domício da Gama e Tenente Argollo Mendes, fotografados por Luiz Musso & Cia., Rio de Janeiro, [1904]. (Muitas publicações referenciam esta foto como sendo de 1905, porém, tanto Euclides, quanto Argollo, encontravam-se na Amazônia, não no Rio de Janeiro).

In: VENÂNCIO FILHO, Francisco. Euclides da Cunha: ensaio bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1931.



Acervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Fotografia oficial da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto-Purús, da qual Eu-

clides era chefe. Manaus, Amazonas, 1905. (Da esquerda para a direita: Alf. Francisco Lemos, Cel. Rodolpho Nunes Pereira, Ten. Alexandre Argollo Mendes, Eng. Manoel da Silva Leme, Euclides da Cunha, Dr. Thomaz Catunda, Eng. Arnaldo Pimenta da Cunha [primo de Euclides], Fotógrafo Egas Chaves Florence, Alf. Antonio Carlos Cavalcanti de Carvalho). Euclides enviou um exemplar desta fotografia a José Veríssimo em 02/02/1905 e outro a João Baptista Regueira Costa em 08/02/1905.

Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 5, n. 18, 06 maio 1911.



Acervo Biblioteca Arthur Vianna (Centro), Belém/PA (Reprodução)

Euclides com a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto-Purus, ausente o Ten. Argollo Mendes. Manaus, Amazonas, 1905. (Nesta foto, Euclides escreveu seu famoso e provavelmente último soneto: “Se acaso uma alma se photographasse...” e enviou a diversos amigos. Esta traz a data de 02/02/1905 e foi enviada a Rodrigo Octavio. Outros amigos que a receberam: José Veríssimo [02/02/1905], Dr. Antonio Barreto Prager [05/02/1902]. Há ainda outro exemplar, sem o soneto, apresentando apenas os integrantes numerados).

Renascença, Rio de Janeiro, ano 3, n. 34, p. 276, dez. 1906.



Acervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Euclides com a Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto-Purus, ausente o Ten. Argollo Mendes. Manaus, Amazonas, 1905, (outra versão). Dedicatória à irmã Adélia e ao cunhado Octaviano Vieira, datada de 07/02/1905. Há ainda outro exemplar desta fotografia, sem dedicatória. Por protesto e adoração: in memoriam de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Gremio Euclides da Cunha / Typ. Aurora, 1919.

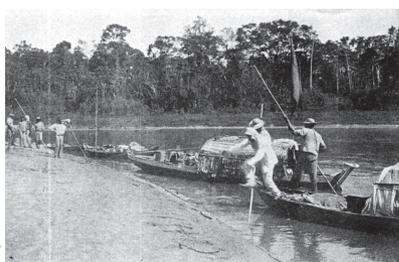
ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



Acervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

“A nossa flotilha”. Euclides escreveu na fotografia tirada no baixo Purus, onde aparecem o bote-lão Manoel Urbano e as lanchas Cunha Gomes e Nº 4. Euclides está na proa desta última, em pé, destacadamente. 1905. In: CUNHA, Euclides da.

O Rio Purus. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960.



Acervo Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba/PR (Reprodução)

Euclides saltando de uma canoa, com a cabeça protegida dos piuns por um capuz improvisado, 1905.

In: TOCANTINS, Leandro. Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.



Acervo Pontificia Universidad Católica Del Perú, Lima, Peru (Reprodução)

Acampamento da comissão brasileira em determinada praia do rio Purus, 1905. Euclides está no centro da fotografia, sentado sob um guarda-sol.

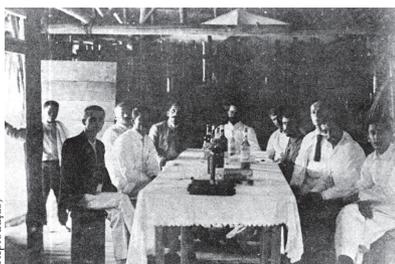
In: ARCHIVO Especial de Límites. Informes de las Comisiones mixtas peruano-brasileras encargadas del reconocimiento de los ríos Alto Purús i Alto Yuruá de conformidad con el acuerdo provisional de Río Janeiro de 12 de julio de 1904. Lima: Oficina Tipografica de “La Opinión Nacional”, 1906.



Acervo Pontificia Universidad Católica Del Perú, Lima, Peru (Reprodução)

Euclides observando uma anta morta por marinheiros peruanos no rio Chandless, 1905. O escritor está no centro da fotografia, com uma das mãos ao peito e outra na cintura, tendo ao seu lado, de quepe, o chefe da comissão peruana, Pedro Alejandro Buenaño.

In: ARCHIVO Especial de Límites. Informes de las Comisiones mixtas peruano-brasileras encargadas del reconocimiento de los ríos Alto Purús i Alto Yuruá de conformidad con el acuerdo provisional de Río Janeiro de 12 de julio de 1904. Lima: Oficina Tipografica de “La Opinión Nacional”, 1906.

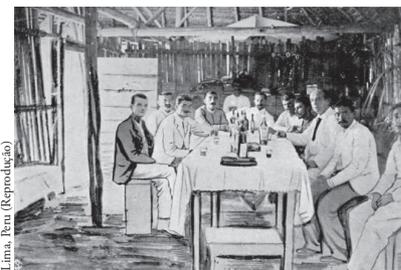


Acervo Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba/PR (Reprodução)

Euclides em banquete com os peruanos, oferecido na casa comercial de Carlos Sharff. Curanjá, 03 jul. 1905. Euclides está sentado ao lado do chefe da comissão peruana, que está na cabeceira da mesa. (Foi esta a famosa ocasião em que, ao entrar no barracão, Euclides observou a presença de diversas bandeiras peruanas e nenhuma do Brasil. Tomando de golpe a palavra, agradeceu a “inteligência” dos peruanos por terem colocado a bandeira brasileira ali sem terem a necessidade de comprá-la, causando espanto em todos. A decoração era feita com “folhas de palmeira, cujas faces internas de um amarelo muito intenso contrastavam no verde do resto da folhagem”. Terminou dizendo: “Porque, Srs. peruanos, a minha terra é retilínea e alta como as palmeiras...”). [A data, 03. jul. 1905, foi extraída de um trecho não oficial do relatório, escrito pelo próprio Euclides. Entretanto, no “Diário da Marcha”, escrito sob a sua supervisão, está registrada a data de 30 de junho de 1905, tendo o almoço sido servido às 11 horas. O escrevente do “Diário”, que nesta data foi o auxiliar técnico

Arnaldo Pimenta da Cunha, tinha liberdade de expressão, mas Euclides corrigia alguns deslizes à margem. Outras publicações trazem a data de 28 de junho, sendo esta apenas a data em que a comissão chegara àquela localidade. E há ainda informações sabidamente equivocadas a respeito do proprietário do barracão, com algumas publicações estampando ser o peruano Eloi (ou Elia) Barbarán].

In: TOCANTINS, Leandro. Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.



Acervo Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, Peru (Reprodução)

Euclides em banquete com os peruanos, oferecido na casa comercial de Carlos Sharff. Curanjá, [03 jul. 1905], (outra versão). (Fotografia provavelmente feita por Ernesto Nettofen, fotógrafo da comissão peruana).

In: ARCHIVO Especial de Límites. Informes de las Comisiones mixtas peruano-brasileras encargadas del reconocimiento de los ríos Alto Purús i Alto Yuruá de conformidad con el acuerdo provisional de Río Janeiro de 12 de julio de 1904. Lima: Oficina Tipografica de “La Opinión Nacional”, 1906.



Acervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Euclides, com a cabeça tapada, assinando o termo da Comissão de Reconhecimento do Alto-Purus, observado pelo chefe da comissão peruana, [Agosto], 1905.

Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano 10, n. 439/40, p. 38, maio 1946. Especial de Aniversário, dedicado a Euclides.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

61



Aerervo Sr. Pedro Cortés do Lago

Euclides em perfil, fotografado por George Huebner & Libânio do Amaral. Manaus, Amazonas, Novembro, 1905. Fotografia entregue a Joaquim Pereira Teixeira em 10/11/1905. (Um exemplar desta fotografia foi entregue ao senador pelo Pará, Antonio José de Lemos; sendo outros enviados a: João Baptista Regueira Costa [01/12/1905], Barão do Rio Branco [02/12/1905], Rodrigo Octavio [02/12/1905] e Oliveira Lima 11/12/1906).

In: CUNHA, Euclides da. *Contrastes e Confrontos*. 2. ed. Porto: Empresa Litteraria e Typhographica, 1907.



Aerervo Sr. Samuel Gøberg (Reprodução)

Euclides com Machado de Assis, José Veríssimo e Walfrido Ribeiro, na Confeitaria Castelões. Rio de Janeiro, Abril, 1907. Euclides está de costas para a câmera, à direita da foto, de chapéu e terno escuros.

Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, 04 maio 1907.



Aerervo Sr. Rui Souza e Silva

Euclides e estudantes paulistas em visita ao Barão do Rio Branco, fotografados por Augusto Malta, 1907. (Em pé, da esquerda para a direita: Euclides da Cunha, Araújo Jorge, Graça Aranha, Eduardo Vergueiro de Lorena, César Lacerda de Vergueiro, Raimundo Pecegueiro do Amaral, Cásper Líbero, Paulo Quartim e Tapajós Gomes. Sentados: Affonso Arinos, Barão Homem de Mello, Barão do Rio Branco e Gastão da Cunha). [Com exceção das duas primeiras publicações, que a estamparam sob a epígrafe: "Visita do Sr. Barão do Rio Branco a S. Paulo", todas as outras indicam que a fotografia teria sido feita no Itamaraty ou ainda na residência do Barão, no bairro da Westfália, em Petrópolis, na visita de estudantes paulistas convidando-o a comparecer à homenagem que lhe seria prestada na Faculdade de Direito de São Paulo, de 04 a 07 out. 1907].

Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 1, n. 29, 26 out. 1907, e O Malho, Rio de Janeiro, ano 6, n. 267, 26 out. 1907.



Aerervo Casa de Cultura Euclides da Cunha. Sro. José do Rio Pardo/SP

Euclides e estudantes paulistas em visita ao Barão do Rio Branco, fotografados por Augusto Malta, 1907 (outra versão). Há ainda outro exemplar desta fotografia.

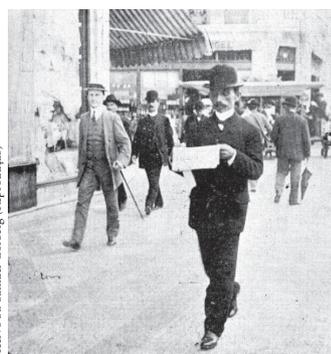
Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 4, n. 47, ago. 2009.



Aerervo Sr. Arnaldo Pimenta da Cunha Neto

Euclides ladeado pelos primos Arnaldo (esquerda) e Nestor (direita), fotografados por Luiz Musso & Cia., Rio de Janeiro, 1907. Há ainda outro exemplar desta fotografia.

Jornal de Ala, Salvador, Bahia, v. 2, n. 3, mar. 1940.



Aerervo Sr. Samuel Gøberg (Reprodução)

Euclides em plena Avenida Central (atual Rio Branco), Rio de Janeiro, 1908.

Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, 25 abr. 1908.



Aerervo Sr. Samuel Gøberg (Reprodução)

Euclides com Alberto de Oliveira a caminho da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1908.

Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, 30 maio 1908.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



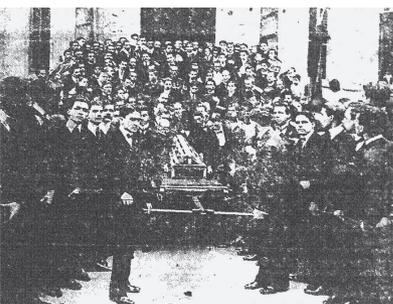
Acervo Sr. Samuel Gorberg (reprodução)

Euclides sentado, fotografado por Guimarães & Cia., Rio de Janeiro. Há outros dois exemplares desta fotografia e ambos com distinção em relação à rubrica do fotógrafo.
Caretta, Rio de Janeiro, ano 2, n. 64, 21 ago. 1909.



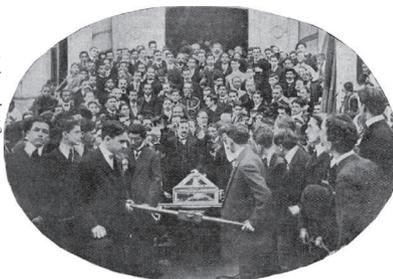
Acervo Sr. Samuel Gorberg (Reprodução)

Euclides no enterro de Machado de Assis, Rio de Janeiro, 01 out. 1908. Euclides está carregando o caixão, com Olavo Bilac, Graça Aranha, Coelho Netto, Ruy Barbosa, Raymundo Correia, Rodrigo Octavio e Affonso Celso. Pelo acontecimento que foi, o enterro de Machado de Assis foi fartamente fotografado pela imprensa.
Caretta, Rio de Janeiro, ano 1, n. 19, 10 out. 1908.



Acervo Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho (Senado Federal), Brasília/DF (Reprodução)

Euclides no enterro de Machado de Assis, Rio de Janeiro, 01 out. 1908 (outra versão).
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 02 out. 1908.



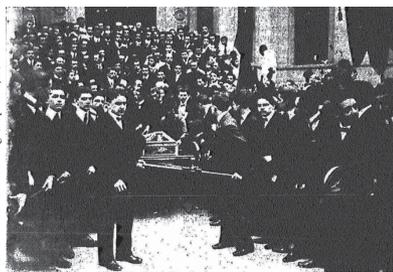
Acervo Sr. Samuel Gorberg (Reprodução)

Euclides no enterro de Machado de Assis, Rio de Janeiro, 01 out. 1908 (outra versão), por Loureiro.
O Malho, Rio de Janeiro, ano 7, n. 317, 10 out. 1908.



Acervo Sr. Samuel Gorberg (Reprodução)

Euclides no enterro de Machado de Assis, Rio de Janeiro, 01 out. 1908 (outras versões), por Brun. Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano 2, n. 27, 10 out. 1908.



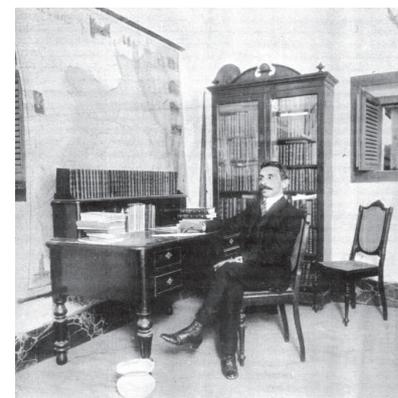
Acervo Sr. Samuel Gorberg (Reprodução)

Euclides no enterro de Machado de Assis, Rio de Janeiro, 01 out. 1908 (outra versão).
Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano 9, n. 439, 11 out. 1908.



Acervo Felipe Pereira Rizzato (Reprodução)

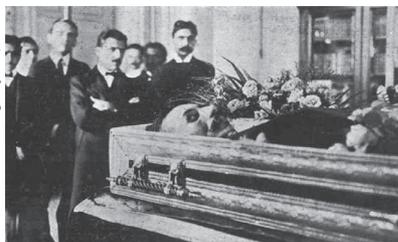
Euclides no “melhor de seus retratos” segundo Francisco Venâncio Filho, fotografado por Bernardino Bastos e Felicindo Dias, da casa Bastos Dias e/ou por Brun, Rio de Janeiro, 1909.
Revista do Grêmio Euclides da Cunha, Rio de Janeiro, 15 ago. 1916.



Euclides no gabinete de sua residência em Copacabana, Rio de Janeiro, 1909.
A Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 99, 15 ago. 1909.

Felizmente muito já se escreveu sobre Euclides da Cunha. Em inúmeros destes escritos, esparsos em livros, jornais, revistas, edições especiais e outros, encontram-se estampadas diversas fotografias suas.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



Acervo Sr. Samuel Goldberg (Reprodução)

Velório de Euclides na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 16 ago. 1909 (outra versão, semelhante à anterior). Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano 10, n. 484, 22 ago. 1909.



Acervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo/SP

Solon (em pé) e Euclides Filho, fotografados por Joseph Vollsack, São Paulo [189-]. Infelizmente a dedicatória está roída. Revista do Livro, Rio de Janeiro, ano 4, n. 15, set. 1959. Dedicada a Euclides.



Acervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo/SP

Anna da Cunha grávida de Manoel Affonso (Afonsinho); Euclides Filho e Solon (agachado), no quintal de casa em São José do Rio Pardo, São Paulo (atualmente, Casa Euclidiana), 1900. (Foto feita por Euclides). In: BRANDÃO, Adelino; TOSTES, Joel Bicalho. Águas de Amargura: o drama de Euclides da Cunha e Anna. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.

Acervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo/SP



Euclides Filho (em pé) e Solon (no triciclo), no quintal da casa em São José do Rio Pardo, São Paulo, no mesmo dia da fotografia anterior, 1900.

In: ELUF, Luiza Nagib. Matar ou morrer: o caso Euclides da Cunha. São Paulo: Saraiva, 2009.



Acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil, Rio de Janeiro/RJ

Manoel Affonso (sentado), Solon (ao centro) e Euclides Filho, fotografados por Bernardino Bastos e Felcindo Dias, da casa Bastos Dias, Rio de Janeiro, 1906.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 05 jul. 1916.



Acervo Sr. Joel Bicalho Torres

Manoel Affonso (A) com a esposa Albertina (B), suas filhas Maria Auxiliadora (C), Norma (D) e Eliethe (E), seus sogros (José e Preciosa), cunhados e sobrinhos. Manoel Affonso foi o único filho de Euclides que deixou descendentes. Cordeiro, Rio de Janeiro, [1928].

Gazeta do Rio Pardo, São José do Rio Pardo, 08 abr. 2006.



Acervo Sr. Joel Bicalho Torres

Solon e Euclides Filho (sentados) com José Carlos Rodrigues Filho (de terno escuro), Rio de Janeiro, [191-].

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 05 jul. 1916 (somente a imagem de Quidinho).

In: BRANDÃO, Adelino; TOSTES, Joel Bicalho. Águas de Amargura: o drama de Euclides da Cunha e Anna. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.



Acervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo/SP

Manoel Affonso num time de futebol (provavelmente Fluminense Atlético Clube) de Cordeiro, Rio de Janeiro, 15 ago. 1924. Fotografia realizada pela Photographia Allemá, de Friburgo/RJ. Manoel Affonso está agachado, ao centro, com a mão direita sobre um dos ombros do goleiro.

In: BRANDÃO, Adelino; TOSTES, Joel Bicalho. Águas de Amargura: o drama de Euclides da Cunha e Anna. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1990.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

65



Aervo Sra. Albertina Janaína Franco da Cunha

Euclides da Cunha Neto, o mais jovem dos netos de Euclides da Cunha, formado em Direito pela Universidade Federal Fluminense, fotografado por Anusse, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, [19--].

In: CUNHA, Albertina Janaína Franco da. Fotos. Disponível em: <janainadacunha7.spaces.live.com>. Acesso em: 15/11/2005.



Aervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Eudóxia Alves Moreira da Cunha, mãe de Euclides, [186-].

(Única fotografia de que se tem notícia).

Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano 10, n. 439/40, p. 18, maio 1946. Especial de Aniversário, dedicado a Euclides.



Aervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Da esquerda para a direita: José Pimenta da Cunha (tio de Euclides), Octaviano da Costa Vieira (cunhado de Euclides) e Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, [190-].

In: VENÂNCIO FILHO, Francisco. Euclides da Cunha a seus amigos. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.



Aervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Anna Emília Ribeiro da Cunha, supostamente quando ainda era esposa de Euclides, [190-]. MUSEU de Arte de São Paulo. "Os Sertões": 80 anos de publicação. São Paulo: Imprensa Oficial, 1983.



Aervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, pai de Euclides, [18--].

Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano 10, n. 439/40, p. 17, maio 1946. Especial de Aniversário, dedicado a Euclides.



Aervo Felipe Pereira Rissato (Reprodução)

Joaquim Alves Moreira, avô materno de Euclides, [18--].

Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano 10, n. 439/40, p. 18, maio 1946. Especial de Aniversário, dedicado a Euclides.



Aervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Adélia da Cunha Vieira, irmã única de Euclides, fotografada por F. Pérez & Comp., São Carlos do Pinhal, São Paulo.

Revista do Livro, Rio de Janeiro, ano 4, n. 15, set. 1959. Dedicada a Euclides.



Aervo Casa de Cultura Euclides da Cunha, São José do Rio Preto/SP

Teresa Maria de Jesus Viana da Cunha, avó paterna de Euclides, fotografada por Lopes & Cia., Salvador, Bahia, [18--].

Dom Casmurro, Rio de Janeiro, ano 10, n. 439/40, p. 17, maio 1946. Especial de Aniversário, dedicado a Euclides.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

MAIS FOTOGRAFIAS

Conforme explicado anteriormente, pelo menos três fotografias inéditas de Euclides ficaram de fora desta pesquisa. São as seguintes:

Euclides com a família do poeta Filinto de Almeida, na residência deste em Santa Tereza, Rio de Janeiro, [190-].

Esta fotografia foi apenas citada no volume “Por protesto e adoração: in memoriam de Euclides da Cunha”, editado pelo Grêmio Euclides da Cunha em 1919; no livro “Euclides da Cunha: ensaio bio-bibliográfico”, de Francisco Venâncio Filho, em 1931, e n° “A Glória de Euclides da Cunha”, também de Francisco Venâncio Filho, em 1940. Neste último livro, Venâncio Filho a referenciou como sendo de “Arquivo” [do Grêmio], mas atualmente ela não se encontra em nenhum acervo. Além da família de Euclides da Cunha, a família de Filinto de Almeida também desconhece o seu paradeiro.

Euclides, com uniforme de Tenente, juntamente com colegas na Escola Militar da Praia Vermelha. Rio de Janeiro, [189-].

Esta fotografia foi leiloada em Petrópolis em 2002. Infelizmente o arrematante não a encontrou em sua coleção, mas afirmou ser diferente das fotografias 04 e 05.

Fotografia de Euclides com dedicatória a então sua noiva Anna, 1890.

Somente de Euclides vivo, até o momento foram arroladas 46 fotografias diferentes, todas aqui abordadas. Entretanto, o número de fotografias encontradas chega a 67, contando duplicatas com dedicatórias distintas, sem contar outras três fotografias que, apesar de se saber, não foram localizadas.

Tudo indica que não deve ser a conhecida fotografia onde Euclides contava apenas 20 anos (Foto 03); nem a fotografia com o quepe de 1º Tenente (Foto 06), visto ter atingido este posto somente em 1892. É mais uma fotografia desaparecida, encontrada na carteira do escritor após o seu assassinato, mas não arrolada nos autos do processo criminal.

Além disso, o pesquisador Joel Bicalho Tostes há tempos procura, em vão, pelo menos uma fotografia que registre o casamento de Euclides com Anna. Segundo ele, deve existir esse registro fotográfico, muito embora não haja nos jornais uma simples nota sobre a cerimônia; o que é estranho, pois naquela época (1890), Euclides não tinha a projeção que alcançaria 12 anos mais tarde com o lançamento de “Os Sertões”, mas já ficara famoso com o ato de desacato ao Ministro da Guerra do Império, um ano antes da proclamação da República; ato que teve certa repercussão na imprensa, resultando na sua expulsão do exército, ao qual foi reintegrado após a proclamação. Sem falar que Anna era filha do major Solon Ri-

beiro, republicano influente que entregou a ordem de banimento à família imperial.

Preferi, por razões éticas, não incluir as duas fotografias de Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, mortalmente ferido, sobre a maca da Assistência Municipal do Rio de Janeiro, publicadas no jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, em 04 jul. 1916, nos jornais *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *O Imparcial*, Rio de Janeiro, em 05 jul. 1916 e nas revistas *Careta*, *O Malho* e *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, em 08 jul. 1916.

É dever ressaltar o trabalho feito por Francisco Venâncio Filho n° “A Glória de Euclides da Cunha”, observando a existência de fotografias que não estão registradas nem mesmo em bibliografias posteriores. Das 49 fotografias diferentes de Euclides vivo (até hoje sabidamente existentes), Venâncio Filho registrou a existência de 29 fotografias.

Com efeito, pode ser que ainda haja outras fotografias a serem descobertas, deixando cada vez mais rica a belíssima Iconografia Euclidiana.

O MECANISMO VITIMÁRIO EM *JUDAS ABSVERUS*

The victimary mechanism in Judas Absverus

Maria Olívia Garcia Ribeiro de Arruda

Doutora em Teoria e História Literária, pela UNICAMP (Universidade de Campinas); professora de Comunicação e Expressão, Teoria da Lírica e Literaturas Brasileira e Portuguesa, na UNIP-Rio Pardo (SP), nos cursos de Letras, Psicologia e Computação. Articulista do jornal Democrata, de São José do Rio Pardo-SP; coordenadora e professora do Ciclo de Estudos da Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo.
E-mail: livgarcia@uol.com.br

Recebido em julho de 2009 e selecionado em julho de 2009

RESUMO

Neste artigo fazemos uma leitura de *Judas Absverus*, de Euclides da Cunha, fundamentada na teoria do “bode expiatório”, de René Girard, pois Euclides narra o rito sacrificial celebrado pelo seringueiro da Amazônia, no sábado de Aleluia, sendo esse ritual uma variante da malhação de Judas, porém de forma inusitada: o Judas, feito à imagem e semelhança do seringueiro, torna-se errante, a descer o rio em uma barca, enquanto recebe tiros das armas dos outros habitantes do seringal. É o homem assumindo a responsabilidade pelo infortúnio em seu destino pessoal.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. *Judas Absverus*. René Girard. Amazônia.

ABSTRACT

In this article we interpret Euclides da Cunha's Judas Absverus based in René Girard's "scapegoat mechanism" theory, as Euclides

shows the sacrificing rite celebrated by the Amazonian "seringueiro", on Holy Saturday, being this rite only one variant of the Judas's effigy spanking ritual, but in an unusual way: The effigy, based on the image of the rubber tapper, becomes an errant, and navigates along the river while being shot by the inhabitants of the rubber plantation. Judas, thus, represents man assuming the responsibility for the misfortune in his personal destiny.

Keywords: Euclides da Cunha. *Judas Absverus*. René Girard. *The Amazon*.

INTRODUÇÃO

Entre os mais belos textos escritos por Euclides da Cunha está, sem sombra de dúvida, um artigo da sua obra póstuma, *À margem da História*. Esta obra é consequência da viagem do escritor ao Acre, para chefiar a delegação brasileira na Comissão de Reconhecimento do Alto Purus. Euclides partiu do Rio de Janeiro no início de dezembro de 1904 e chegou a Manaus em 30

do mesmo mês, após uma viagem de 17 dias. Ansioso para iniciar logo a missão de reconhecimento, teve de se submeter à morosidade da burocracia governamental e arriscar-se a sair para o Purus na pior época, que era a da vazante.

Iniciou, enfim, a missão em 7 de abril de 1905, acompanhado por D. Pedro Buenaño. Sofreu de tudo, até um naufrágio, falta de mantimentos, teve hemoptise e a malária também o subjugou.

O escritor, cuja saúde era bastante frágil, sofreu um “*débâcle*”, ou seja, piorou consideravelmente nessa viagem, muitos o abandonaram, por medo e por falta de alimentos, porém ele seguiu firme, até o final. Ficou praticamente um ano distante da família, da qual não recebia notícias, o que muito o preocupava.

Ao regressar ao Rio de Janeiro, debilitado por seu esforço sobre-humano, não teve o reconhecimento merecido, continuou sem um emprego seguro, apenas como adido ao Ministério do Exterior, realizando serviços para Rio Branco.

Mas, na Amazônia, Euclides descobriu o regime de semiescravi-

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

dão que era imposto aos seringueiros, e esta seria a denúncia do seu segundo “livro-vingador”, como ele mesmo afirmou, ao qual pretendia chamar de “Um Paraíso perdido”. Pelas correspondências que ele enviava aos amigos, pedindo obras que tratassem dos aspectos geográficos daquela região, temos a impressão de que a estrutura dessa obra seria semelhante à de *Os sertões*, ou seja, uma parte sobre a terra, outra sobre o homem e a terceira, para a qual ele necessitava de um fato, a fim de criar a narrativa, seria também nos moldes da que publicara da Guerra de Canudos, *Os sertões*.

O fato, porém, não veio... E um dia o escritor desabafa a um amigo, dizendo que necessitava de um fato para escrever, assim como a ave precisa de um arbusto para alçar voo.

Não saiu o Paraíso perdido, porém os artigos referentes a essa viagem à Amazônia foram reunidos em *À margem da História*, obra que foi publicada postumamente, embora o próprio autor a tenha enviado para a edição e determinado a sequência dos capítulos, encerrando a obra com o enigmático “Estrelas indecifráveis”.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, no início de 1906, Euclides publicou um artigo no Jornal do Comércio. É Olavo Bilac que nos dá a melhor visão do que aconteceu após essa publicação:

Não teve a repercussão que devia ter o magnífico artigo de Euclides da Cunha,

há dias, no Jornal do Comércio, sobre a Amazônia. Há, nesse artigo, – que é um grito de alarme, e um aviso generoso aos poderes públicos por uma alma reta e digna – revelações que horrorizam. Os homens, que se engajam para trabalhar nos seringais, são escravos, verdadeiros escravos, tão dignos de compaixão como os que outrora eram comprados e vendidos para trabalhar nas fazendas.¹

E Bilac transcreve um trecho que Euclides depois incluiria em *À margem da História*:

O seringueiro é um degredado que se degrada. Longe do solo nativo que deixou num lance de aventureiro, o próprio afastamento, e a grande cópia de desilusões que o salteiam, acabam por transmutá-lo. Obliteram-se-lhe os mais fortes e generosos sentimentos. Mas isto está longe de ter a generalidade e a fixidez de um atributo social. É um acidente, digamos mesmo, uma doença aguda, mas transitória – e provém quase toda da mais falsa, da mais revoltante e da mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais absorvente egoísmo. De feito, o seringueiro (e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das “estradas”), o seringueiro realiza uma triste anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.²

Bilac mostra-se impressionado com o artigo euclidiano, pois comenta que o engenheiro-escritor

mostrava o que eram os “contratos” firmados naquela selva distante, entre patrões e trabalhadores que não tinham o amparo da lei, nem alguma segurança de vida...

O conhecido poeta e cronista encerra, então, o seu texto, dizendo: “Tal é a situação dos brasileiros *livres*, que trabalham naquele ponto do Brasil republicano! Não admira que haja quem deseje ver restabelecido no Brasil o “preconceito de cor”, triste legado da escravidão, quando há quem restabeleça a escravidão...”³

Mas os seringueiros encontram uma forma de viver em paz consigo mesmos, na aceitação silenciosa da triste sina que os aguardava após cruzar a Ilha de Marapatá, por eles tão propriamente apelidada de “Lazareto de almas”. Nada entendiam da função catártica da representação mímica de uma tragédia, porém haviam criado um ritual que a ela se assemelhava: a malhação de Judas, bastante peculiar, em que a própria figura de um seringueiro era dada a uma espécie de sacrifício.

Nesse ritual, exorcizavam aquele “outro” presente neles que, pelo impulso da ambição (em verdade, apenas uma tentativa de sobrevivência longe da seca), era o responsável pelo fato de o indivíduo haver-se ali desterrado.

Neste artigo propomos uma leitura de Judas Ahsverus, um dos textos inseridos em *À margem da História*, através da teoria de René Girard a respeito da vítima sacrificial, explicitada em *O bode expiatório*.⁴

¹BILAC, Olavo. Crônica de 21 de janeiro de 1906, publicada em A Gazeta de Notícias. Apud DIMAS, Antonio. Bilac, o jornalista. Crônicas – vol. I. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, EDUSP, Editora da UNICAMP, 2006, p.775.

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ GIRARD, René. O bode expiatório. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

René Girard alicerça sua teoria na figura do “bode expiatório”, ou seja, a vítima inocente de uma multidão enfurecida, em busca de alguém que possa simbolizar o perigo, cuja morte ou marginalização tem efeito catártico e auxilia a extravasar todas as tensões acumuladas ameaçadoras da unidade social.

Conforme esse pensador, os ódios e tensões surgem da impossibilidade de conciliar os desejos humanos, por ser mimética a natureza do próprio desejo. Explicando: as pessoas não desejariam, então, as coisas ou mesmo outras pessoas apenas pela beleza ou pela necessidade; só é desejável aquilo que se faz objeto de desejo também de outro ser humano. O fato de alguém desejar algo que já é desejado por outros determina o valor desse objeto de desejo.

Girard expõe essa teoria através de análises de obras literárias de grandes escritores que, para ele, revelam esse mecanismo mimético. Na literatura, o mimetismo é tema recorrente, uma vez que a tragédia antiga girava em torno desse “bode expiatório”.

Toda instituição humana é fundada sobre um rito sacrificial, e sobre ele ergueram-se os poderes políticos e judiciários. A vítima é, geralmente, alguém que não possui vingadores, sua morte irá aplacar a ira popular e deter o ciclo de retaliação mútua e essa espécie de “cordeiro” sacrificial geralmente é escolhida entre os diferentes da maioria (por qualquer motivo, seja ele físico ou moral), os estrangeiros, os de raça ou cor diferentes, etc.

O sacrifício restabelece na comunidade a paz, no entanto ela é provisória, pois logo surgirão novas desavenças, novas crises e a simples recordação do sacrifício não será mais suficiente para restabelecer a ordem anterior. Porém, enquanto essa vítima for objeto de culto, como divindade ou herói cultural, sua força será de apaziguar a multidão, que se considera “vingada”. Mas Girard afirma que, ao perder essa força, as tensões renascem, a violência se espalha e, se não for encontrada nova vítima para imolação, reinará o caos e a ruína, pois a sociedade humana ergue-se sobre uma violência originária, que é ao mesmo tempo encoberta e reproduzida pelo rito.

O problema é que os alicerces desse ritual são ilusórios; o sacrifício não pode gerar os efeitos benéficos que aparenta, pois estes são produzidos pela crença generalizada de que o rito aplacaria uma sede de vingança irracional que vem da própria sociedade, mas que ela atribui a um deus. Esta crença, por sua vez, é originada pelo desejo mimético que, “se escolhe por objeto uma miragem, pode satisfazer-se igualmente com uma miragem de causa quando se trata de explicar a origem dos males humanos.”⁵

Em resumo, o mecanismo é circular: o mimetismo causa a insatisfação, que provoca as rivalidades e os ódios; estes ameaçam a ordem social, que só é restaurada mediante o sacrifício de um “bode expiatório”, que acaba se tornando mais um herói, santo ou deus “no panteão do engano universal”.⁶

A polêmica maior instalada por Girard surge quando ele afirma que esse ciclo sacrificial é rompido apenas uma vez na história humana, com Cristo tomando o partido das vítimas, denunciando a inocuidade dos sacrifícios e a ideia ilusória e falsa de um deus vingador, substituindo, assim, a vingança social pelo arrependimento individual, restabelecendo o nexos racional entre o ato e a consequência.

Daí surge a consciência moral autônoma e a possibilidade do conhecimento objetivo da natureza. Cristo inicia a primeira civilização que aprendeu haver mais justiça no perdão do que na vingança, mais verdade nas relações entre causas e efeitos do que na atribuição de um poder maligno aos que o povo deseja destruir.

Se analisarmos a nossa sociedade sob a luz dessa teoria, concluiremos que, se vivemos em um mundo que rejeitou o antigo sistema mitológico sacrificial, mas também não aceita o cristianismo, caminharemos, então, para um regime de totalitarismo, cuja única saída que se apresenta no momento é o retorno à matança de vítimas inocentes, sob os rótulos de “burgueses”, “judeus”, “reacionários”, “impuros”, “corruptos” e outros mais que forem sendo inventados conforme o momento e a necessidade de vencer a multidão.

Em *À margem da História*, Judas Ahsverus é o quinto artigo da primeira parte – “Terra sem história”. Esta parte contém as impressões sobre o clima, observações sobre os “rios em abandono”, sobre os cau-

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

cheiros, a proposta de uma ferrovia – a Transacreana – , “a única estrada de ferro urgente e indispensável no Território do Acre”⁷, conforme o escritor.

O texto que abordaremos aqui fala de uma tradição existente entre os seringueiros: o ritual do sábado de Aleluia, a “malhação do Judas”. O que nos levou a estabelecer esse paralelo com as ideias de Girard foi a forma de abordagem do assunto escolhida por Euclides, que identifica na figura de Judas um tipo de “bode expiatório” do sofrimento dos seringueiros, que nela “desforram-se de seus dias tristes”.

Euclides percebe que o seringueiro tem como sua vítima sacrificial simbólica ele mesmo, ou seja, é como se o homem reconhecesse nele mesmo o “outro”, o “estrangeiro” que existe no mais íntimo de cada ser humano. Como funcionaria, neste caso, o mecanismo vitimário proposto por Girard? Teria Euclides percebido esse mecanismo? São estas as questões que nos instigaram a um aprofundamento no texto euclidiano, em busca das respostas.

O narrador observa e descreve as ações e sentimentos tanto dos seringueiros quanto de um Deus imaginado por ele, portanto essa narrativa não é objetiva, pois mostra marcas de subjetividade, de pontos de vista desse sujeito que conta a história.

Tudo acontece no sábado de Aleluia, em que os seringueiros desforram-se de seus dias tristes; o ritual lhes proporciona um “desafo-

go”. Como aqueles homens possuíam uma “concepção rudimentar da vida”, creem que, naquele dia, seja possível purgar todos os pecados, ou seja, “acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizos.”⁸

E ele revela ao leitor um Deus mais próximo do humano, bem-humorado, que “sorri, complacentemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo.” Há, no entanto, um motivo para essa alegria divina que comunga com a algazarra humana. É que, “nas alturas, o Homem-Deus” se encontrava “sob o encanto da vinda do filho ressurreto”. É interessante observar que Euclides não imagina um deus sem os sentimentos humanos, pois mesmo sendo o Pai, é também “Homem-Deus”.

Esse “Homem” nos leva ao mito de Hércules e a outras explicações semelhantes. É o “Hércules”, aquele que venceu todos os obstáculos até se tornar um deus. Um conceito, portanto, não-cristão da divindade. O filho que renasce e volta aos céus é motivo de alegria ao Pai, pois ele está livre das limitações do ser humano, particularmente das traições: “despeado das insídias humanas”.

Em uma época em que a Semana Santa era tempo de silêncio, jejum e sacrifícios, os seringueiros a celebram de modo oposto, “vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.”⁹

Essa crença em um ritual centrado no castigo coletivo da vítima escolhida está de acordo com o pensamento de Girard: ou a socie-

dade escolhe o sistema mitológico sacrificial, ou faz a opção pela filosofia cristã. Neste caso, porém, a opção é diferente, original, pois os seringueiros elegem para o “sacrifício” uma imagem de si mesmos. Na verdade, é a necessidade da própria expurgação.

O texto mostra, ainda, que para eles não há um “deus vingador”, mas que o sofrimento por que passa aquela comunidade é consequência de seus próprios atos e – o que é mais incrível – o seringueiro acredita que a culpa é dele mesmo, da opção que fez ao seguir em busca de uma vida melhor, porque a falta de cultura não lhe permite perceber que ali o espera “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desacomodado egoísmo¹⁰”, pois o “seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.”

Outro aspecto que podemos pontuar nesse cruzamento entre a tese de Girard e o texto euclidiano é a reação que esse mecanismo provoca na massa em transe, em uma “alegria feroz que arrebenta cá embaixo.” Essa “alegria feroz” muito nos lembra da “multidão ensandecida”, de Girard. Tanto que Euclides acrescenta: E “os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.” Essa “vingança” se faz através da catarse, de que ele tanto necessita para suportar mais um ano naquela vida de trabalho solitário e escravo.

O olhar do narrador-observador vai apontando as diferenças entre

⁷ Ibidem., p.123.

⁸ CUNHA, Euclides da. À margem da História. Porto, Pt: Livraria Chardron, 1926, p. 85.

⁹ Ibidem.

¹⁰ CUNHA, Euclides da. Impressões gerais. Op. cit., p. 23.

os ritos da Semana Santa obedecidos pela civilização urbana: “missas solenes, procissões luxuosas, lavapés tocantes, prédicas comovidas”, necessários à preparação dos fiéis para que o rito sacrificial (a repetição da paixão de Cristo) tivesse o efeito de manter a ordem social.

Ali na selva, no entanto, a Semana Santa inteira corria na “mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável sexta-feira da Paixão, a estirarse, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora.”

O seringueiro, na verdade, era visto como o próprio “bode expiatório” durante o ano todo, restando-lhe apenas um dia – o sábado de Aleluia – para que a sua comunidade extravasasse as tensões e o ódio acumulado. Mas Euclides também compreende por que aquela comunidade não se rebelava: o seringueiro pouco convive com os iguais, seu trabalho é solitário, assim como sua vida: só tem mesmo a companhia da família, após o dia de trabalho exaustivo e ingrato.¹¹

Alguns daqueles pobres homens ainda se lembravam das cerimônias litúrgicas que duravam a semana toda, pois as haviam presenciado em sua terra natal, mas eram apenas sete dias de tristeza que se diferenciavam da alegria natural do ano todo. Naqueles poucos dias as “gentes entristecidas se associavam

à mágoa prodigiosa de Deus.” Os pobres “consideram, absortos,” que ali no seringal os dias de penúria são, para eles, “a existência inteira, monótona, obscura, dolorosíssima e anônima, a girar acabrunhadamente na via dolorosa e inalterável, sem princípio nem fim, no círculo das ‘estradas’”¹².

Conforme o texto, os pobres homens concluem que não foram redimidos por Deus, mas esquecidos para sempre, ou então esse deus não os via, pois se achavam marginalizados à beira do “rio solitário, que no volver de suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfrequentados rincões.”¹³ E o narrador observa, ainda, que eles não se rebelam nem blasfemam, não abusam da “bondade de seu deus desmandando-se em convívios”, como faz o “italiano artista”. Aqui surge uma questão: por que Euclides considera o rude seringueiro mais forte e mais digno do que o italiano? E a que “italiano artista” se refere? Se pensarmos na ordem direta – o artista italiano – parece uma metáfora para o Papa, ou seja, como se a sua figura fosse de um ator representando em um palco.

O próprio texto nos revela, sutilmente, que o escritor considera as preces e as ladainhas como verdadeiros atos de revolta, de murmúrio e lamentação, sinal de que a insatisfação com o seu deus pode levar a civilização ao caos a qualquer momento, a menos que surja uma vítima sacrificial.

O sertanejo “resignou-se à desdita. Não murmura. Não reza. As preces ansiosas sobem por vezes ao céu, levando disfarçadamente o travo de um ressentimento contra a divindade, e ele não se queixa.”¹⁴

Está implícita aqui a ideia de Euclides a respeito do ritual da missa: é a repetição do sacrifício do cordeiro imolado, necessária para que o povo se lembre de que houve uma vítima inocente sacrificada, e essa constante repetição da liturgia da missa é que garante a ordem social, uma vez que leva os fiéis à emoção e à catarse toda vez que dela participam. Ou seja: o ritual da missa, conforme o texto lido pela ótica das ideias de Girard, revela ser o grande motivo de sustentação da Igreja Católica através dos tempos.

Enquanto esse ritual for sustentado, a instituição permanecerá firme. O que não sabemos é se o próprio Girard concordaria com esta interpretação, embora ela confirme a teoria de que toda instituição se edifica sobre um rito sacrificial.

Continuando com a análise do texto euclidiano, vemos que nele o seringueiro “tem a noção prática, tangível, sem raciocínios, sem diluições metafísicas, maciça e inexorável” da fatalidade, e o reconhecimento do fato é “um grande peso a esmagar-lhe inteiramente a vida”. Mas submete-se a essa fatalidade sem se esconder “na covardia de um pedido, com os joelhos dobrados,” pois reconhece que isso seria um “esforço inútil.”

¹¹ Para compreender melhor a realidade do seringueiro naquela época e a visão genial de Euclides, é imprescindível a leitura de Impressões gerais, o texto de abertura de *A margem da história*.

¹² *Ib.*, p. 86.

¹³ *Ib.*, p. 86.

¹⁴ *Ib.*, p. 87.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

Aquele indivíduo, condenado a morrer na extração do látex em condições precárias, acredita-se “um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens; e os grandes olhos de Deus não podem descer até aqueles brejais, manchando-se.”¹⁵

Este pensamento nega a onipotência divina e coloca no texto um deus visto pela ótica preconceituosa e hierarquizante do ser humano. De qualquer modo, ele é bastante revelador da posição que o escritor assumia em relação à Igreja.

Não acredita que valha a pena fazer penitência, pois já se reconhece como vítima sacrificial. O texto volta a afirmar que a penitência também é uma forma de rebelião à vontade divina, “reclamando uma promoção na escala indefinida da bem-aventurança.” Aqui, novamente, a ironia de Euclides revela a sua visão a respeito dos preceitos da Igreja, particularmente o da confissão.

E o texto continua revelando o refinamento a que chegara o catolicismo para persuadir os fiéis à crença na “presença viva” da vítima sacrificial e no efeito dessa cerimônia do ritual do sacrifício: o seringueiro sabe que não será ouvido por nenhum deus, pois nas capelas, nas catedrais e nas cidades ricas haveria, certamente, “concorrentes mais felizes, mais bem-protegidos, mais vistos.” Com esta gradação, Euclides denuncia a injustiça social existente mesmo dentro da religião católica, onde “se estadeia o faus-

to do sofrimento uniformizado de preto, ou fulgindo na irradiação das lágrimas e galhardeando tristezas...”¹⁶ - ou seja, desta forma, o clero se institui neste discurso como elite, cujos representantes são, em grande parte, hipócritas, pois não vivem aquilo que pregam.

Até aqui uma questão essencial à teoria de Girard se impõe: qual seria o objeto do desejo mimético dos seringueiros? O próprio texto nos dá a resposta: uma vez estabelecido no seringal, tudo o que o homem deseja é a liberdade, pois se reconhece preso ali para sempre.

No entanto, essa situação de vítima é consequência de outro desejo mimético antecedente: a ambição. Citando o texto euclidiano: “só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, manietado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem – e este pecado é o seu próprio castigo, transmudando-lhe a vida numa interminável penitência.” A única saída para eles, conforme Euclides, é mostrar essa realidade à civilização que a ignora.

Mas essa atitude seria também uma espécie de rebeldia, o que desmontaria aquela organização criminosa de trabalho. Então, para mantê-la, “a Igreja dá-lhe um emissor sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança.”¹⁷ Estas últimas palavras,

“divinização da vingança”, estão em perfeita sintonia com a teoria de Girard a respeito do rito sacrificial: “a violência é o dado invariável do religioso. A religião é a forma pela qual o homem controla o excesso de violência, característico da humanidade”.¹⁸

A ausência de um distanciamento social favorece a imitação recíproca das pessoas semelhantes, diz Girard, fator essencial para que o mecanismo estudado por ele se desencadeie, tanto que, no caso dos seringueiros, o distanciamento entre eles, pelo próprio isolamento imposto pela geografia amazônica, faz com que esse processo mimético tenha como objeto de desejo não algum cargo ou alguma pessoa, pois ali todos vivem a mesma miséria, não há diferenças; o alvo do desejo passa a ser, então, a situação oposta, que é a de liberdade. Gostaríamos de observar que, mais recentemente, quando um seringueiro começou a se destacar entre os iguais, como foi o caso de Chico Mendes, foi eliminado para não perturbar a ordem social injusta que ali reina até hoje.

A inveja não tem poder nenhum nas sociedades humanas se os homens não tiverem tendência a imitar reciprocamente seus desejos, afirma Girard, pois esse sentimento nada mais é do que um empréstimo recíproco dos desejos, mas só ocorre onde há condições suficientes de igualdade para assegurar o desenvolvimento das rivalidades miméticas, e entre os seringueiros

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ib., p. 87.

¹⁷ Ib., p. 88.

¹⁸ O bode expiatório apazigua a violência da sociedade. Entrevista concedida por René Girard a Leneide Duarte. Documento em meio eletrônico, in <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2000/12/22/joride20001222005.html>

que Euclides observa não há essas condições, porém mesmo assim a necessidade de sacrificar um bode expiatório se manifesta, para que seja possível a continuidade de existência da comunidade.

O seringueiro que ali vive abandonado à própria sorte, pelas instituições públicas, não parece crer em Deus; há o “eu” de um narrador que se projeta na narrativa, concluindo que “o Redentor universal não os redimiu, esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário”¹⁹. Esta afirmação vai contra o dogma da onisciência divina; ali estão os “esquecidos de Deus, no entanto não rezam nem blasfemam”.

A Amazônia, para Euclides, é mesmo um lugar de exílio, pois até o rio vivia em eterna fuga do local, correndo sempre para o litoral. O rio é tão humano quanto o homem, pois aparece personificado, através do adjetivo “solitário”, e do verbo “fugir”, que lhe conferem atitudes de um ser vivo.

O seringueiro é visto como um homem superior aos nativos, enfoque criticado por Milton Hatoum em debate promovido pelo jornal O Estado de São Paulo, em 14 de agosto de 2009. Aquele não blasfema, não tem a conduta semelhante à do “italiano artista”, ou seja, não “abusa da bondade de seu deus desmandando-se em convívios.” Aqui não se fala dos outros habitantes nem dos nativos; a compreensão desse trecho está ligada ao sentido do “italiano artista”, ou seja, qual seria o italiano artista e que lança

calúnias a seu deus? Seria uma alusão ao clero?

O homem do seringal não se queixa por ter a “noção prática, tangível, sem raciocínios, sem diluições metafísicas”, da fatalidade, aceitando-a com extrema resignação. Ele não se faz de covarde, dobrando os joelhos para implorar a seu deus. Com esta afirmação do narrador, o autor deixa implícito que orar de joelhos não é nada mais do que covardia.

Ali a natureza é tão grandiosa que exige um grande e constante esforço de sobrevivência, portanto o homem ainda a teme. Além disso, ela reforça-lhe a convicção de que ele é um “excomungado pela própria distância que o afasta dos homens”²⁰

É interessante observar que esse enfoque na narrativa revela também um olhar do trágico predominando no texto, com dois fortes elementos da tragédia, que são o Destino e a Fatalidade. É um retorno aos valores clássicos, como fizeram, na mesma época, outros escritores, hoje totalmente esquecidos.

Há outra observação importante neste trecho: através do recurso de nominalização – “atentados”, “balbúrdias”, “turbulência”, “divinização” – o texto figurativiza a ressurreição de Cristo como o resultado de momentos de rebeldia. Girard afirma que o “novo” dos Evangelhos está justamente na denúncia desse mecanismo vitimário, que é feita através da ressurreição.

De início, a ideia também nos pareceu estranha, mas, após uma

leitura cuidadosa dos trechos bíblicos que falam desse acontecimento, a nossa interpretação dessa teoria de Girard é que o Cristo, o cordeiro sacrificado, revela que de nada adianta descarregar o ódio na vítima inocente, pois o “bode expiatório” em pouco tempo irá “reerguer-se, restabelecer-se, reanimar-se, recomeçar”²¹.

É o que parece estar implícito no texto de Euclides: a ressurreição do Cristo é a revelação de que o mecanismo do bode expiatório irá recomeçar assim que houver uma convulsão social, como esclarece também a teoria de Girard. Obviamente, esta é apenas uma das leituras possíveis, mas é a que constrói o sentido desse trecho, conforme nossa análise.

A partir dessa construção de sentidos, compreendemos por que os discípulos de Emaús não reconheceram o Cristo, pois o que se restabelece é a vítima sacrificial; entendemos também por que um deles pergunta: “Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias?”²² – na figura do “estrangeiro” se reanima o bode expiatório; e igualmente por que lhe dizem: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina.” (Lc 24,29) – ou seja, a noite, a escuridão já vem. As trevas, para Girard, são sempre relacionadas ao domínio de Satanás. É na escuridão que a multidão ensandecida inicia o processo do mecanismo vitimário.

O mesmo ocorre quando Cristo aparece a Tomé e aos outros

¹⁹ CUNHA, Euclides da. À margem da História. Op. Cit., p. 86.

²⁰ Ibidem, p. 87.

²¹ Esses são os significados etimológicos de “ressurgir”, cf. o Dicionário Eletrônico Houaiss. In <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ressurgir>

²² Lucas, 24: 13-35. São Paulo: Edições Paulinas, 1973, p.p. 1376-1377.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

apóstolos, que também não reconhecem aquele cordeiro que ressurgia; ou seja, aquele instante em que a nova vítima era escolhida e o processo começava a se desencadear. As únicas que identificaram o momento foram as mulheres: Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, a adúltera perdoada, e outras duas, exatamente por serem mais sensíveis do que os homens, pois estes não acreditaram nelas.

Voltando à análise do texto euclidiano, cada seringueiro faz o seu Judas, porém não como aquele “monstrengo de palha, trivialíssimo”²³, já conhecido em todos os tempos e lugares. É necessário “acentuar-lhe as linhas mais vivas e cruéis”²⁴ e, no rosto de pano, pintar a carvão uma expressão de trágica tortura, bem realista, para que

[...] o eterno condenado pareça ressuscitar ao mesmo tempo que a sua divina vítima, de modo a desafiar uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas ressentidas dos crentes, com a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das suas agonias terríveis.²⁵

Quem já leu Girard imediatamente relaciona o cruzamento de sua teoria com esse trecho citado acima: o mecanismo que vitimou o Cristo também se repete na figura do judeu errante, como também na do seringueiro escravizado e mar-

ginalizado pela sociedade, como o foi igualmente Antônio Conselheiro. Arriscaríamos dizer que Euclides, antes mesmo de Girard, apontou essa mórbida necessidade, nas sociedades organizadas, do rito sacrificial.

O seringueiro determina a massa do corpo do boneco – e aqui podemos, também, comprovar a busca pelo vocabulário preciso no texto: “abalança-se”, dá forma ao corpo “dessa maravilha que representa a figura toda de um homem”, (...) auxiliado pelos filhos pequeninos, que deliram, “exaltam-se, barulhentos, mas sem risos”, a correr por toda a banda, em busca das palhas esparsas “e da mistura recusada de velhas roupas que já não se prestavam ao uso..”. E estavam “encantados com a tarefa funambulesca”, ou seja, ridícula, que de alguma maneira lhes quebrava aquela monotonia triste de uma vida silenciosa e sem graça.

Fizeram o Judas como de hábito: “um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosidos, cheios de palhiças e mulambos; braços horizontais, abertos, e pernas em ângulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, aprumando-se espantadamente, empalado, no centro do terreiro”²⁶. A escolha do vocábulo *empalado* reforça a ideia do seringueiro como vítima, figurativizada no Judas. A cabeça do “monstrengo” era uma bola desgraciosa, ainda não havia adquirido a redentora identidade.

Torna-se, então, o “manequim vulgar, que surge em toda a parte

e satisfaz à maioria das gentes.” Só que ainda não basta ao seringueiro, não se dá por satisfeito: “É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estátua, que é a sua obra-prima, a criação espantosa” daquele talento bruto, longamente trabalhado pelas contrariedades, onde “outros talvez distingam traços admiráveis de uma ironia sutilíssima, mas que é para ele apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa.”

O criador começa a dar feição àquela bola disforme, o que o texto descreve cinematograficamente: “salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta, pinta-lhe as sobranceiras, e abre-lhe os dois riscos demorados, pacientemente, os olhos em geral tristes e cheios de um olhar misterioso” – aqui, novamente, o trecho espelha na imagem do Judas as características do seringueiro – “desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda servíveis, calça-lhe umas botas velhas”²⁷, trocadas.

Enquanto o escultor se afasta para contemplar a obra, é rodeado pela filharada, em silêncio, cheia de expectativa, maravilhada com a criação. O homem ainda cuida dos detalhes: retoca uma pálpebra, melhora um traço de expressão na arqueadura do lábio, “sombria-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o;

²³ IB., p. 88.

²⁴ Ib., p. 89.

²⁵ CUNHA, Euclides da. Judas Ahsverus. Op. cit., p. 89.

²⁶ Ibidem, p. 89.

²⁷ Ibidem, p. 89.

ajeita-lhe melhor a cabeça, arqueia-lhe os braços, repuxa e reifica-lhe as vestes...”²⁸

Então o “monstro” vai, vagarosamente, transformando-se, sem que o percebam, e começa a tomar “vida”. Agora é um homem – *Ecce homo!*. Foi realizada a transmutação do fantoche para o indivíduo, e deste para a classe que representa. Ali está o próprio seringueiro, pronto para enfrentar aquela cerimônia que poderá redimi-lo de sua ganância. É um exemplo perfeito de autopunição. Na sua simplicidade, a evasão não acontece pela reza, mas pelo suplício.

E o momento dessa fusão entre o particular e o coletivo está em uma comparação inusitada: o *Parla!*, de Michelângelo, naquele instante mágico da obra concluída e no desejo de perfeição de seu autor: “arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça do Judas, e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto de seu próprio pai”²⁹

Além do desejo da perfeição, a vontade louca de evadir-se, seguir rio afora, como o boneco estranho. “É um doloroso triunfo”, pois, ao mesmo tempo em que o homem contempla o seu poder criador, toma consciência de seus limites, da sua pequenez diante do esquema traiçoeiro que o aprisiona e de sua impotência contra aquelas imensidões alagadas, daquele rio que, às vezes, parece “se divertir em malfa-

zer a gente obstinada do vale”. E o sertanejo “esculpiu o maldito à sua imagem.”

“Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e “desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia”. O sertanejo possui, também, a consciência de que se acovarda diante da luta monstruosa que seria a tentativa de se rebelar contra os que o mantêm escravizado, “recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu escravo”³⁰ – o adjetivo *infantil* reforça a argumentação de Euclides em favor do seringueiro: era um ingênuo, por isso fora manipulado.

Mas nem assim o sertanejo se satisfaz. Aquela imagem de sua desgraça materializada não poderia ficar ali, na inutilidade, longe de outros olhos, “afogado na espessura impenetrável, que furta o quadro de suas mágoas, perpetuamente anônimas aos próprios olhos de Deus.”³¹

O rio é a saída, a porta para o mundo que ele não tem coragem de ultrapassar, mas a sua desdita consegue fazê-lo. É necessário que todos saibam do seu sofrimento, estampado no Judas. O homem vai até a jangada construída na véspera, que “aguarda o viajante macabro”. Leva o boneco, arrastando-o, por vezes, “pelo viés dos barrancos avergoados de enxurros”.

Em um breve percurso, “a figura demoníaca apruma-se, especia-

da, à popa da embarcação ligeira.” Este trecho nos remete a uma outra obra de Girard: *Je voir Satan tomber comme l'éclair*³², em que ele mostra Satanás como o semeador de escândalos, o que colhe a tempestade das crises miméticas. E o seu mais desconcertante poder é que ele expulsa a si mesmo e restabelece a ordem nas comunidades humanas.

“Satanás expulsa Satanás” (Mateus 12:26) – como aparece no evangelho de Marcos – pois ele é o “príncipe da ordem no mesmo tempo que o da desordem.”³³ Satanás é o mimetismo que leva toda a comunidade a crer que o bode expiatório é realmente culpado. Ele é o sedutor e o acusador, é o “princípio de acusação sistemática que surge do mimetismo exasperado pelos escândalos.”³⁴

A vítima acaba por substituir todas as tensões existentes na comunidade, portanto todos se unem contra ela, que, uma vez perseguida, expulsa, aniquilada, cessa a hostilidade da multidão, que se vê privada de um inimigo. Todos se sentem “purificados”, assim como ocorre com a singular malhação de Judas entre os seringueiros.

“Ainda mais uma vez lhe arruma as vestes; coloca-lhe às costas um saco com pedregulhos, põe-lhe à algibeira uma pistola inútil, enferrujada, sem fechos”, ou uma faca velha, “fazendo-lhe curiosas recomendações, ou dando-lhe os mais singulares conselhos” – na verdade, era consigo mesmo que

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem, p. 90.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

³² Tradução para o português: Vasco Farinha. Eu via Satanás cair do céu como um raio. Lisboa, Pt: Instituto Piaget, 2002.

³³ GIRARD, René. Op. cit., p. 56.

³⁴ Ibidem.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

falava – “impele, ao cabo, a jangada fantástica para o fio da corrente.” O Judas, feito errante, vai avançando vagarosamente para o meio do rio. No alto dos barrancos, os vizinhos curiosos já esperam com “repetidas descargas de rifles aquele botafora.”³⁵

Seus tiros acertam a água, a jangada e “atingem o tripulante espantoso; trespassam-no.” E ele oscila no seu “pedestal flutuante, pela força dos tiros, sem saber que rumo tomar, até que alcança a correnteza. E lá se vai aquela figura desgraciosa, trágica, arpepiadoramente burlesca, com seus gestos desmanchados, de demônio e de truão, desafiando maldições e risadas.”

O boneco adquire a força que o sertanejo gostaria de possuir. Ocorre, então, a metamorfose de todo rito sacrificial: aquele mamulengo se transforma na vítima imolada.

“Lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas” – exatamente como vive aquele povo esquecido – *de bubuia*³⁶ sobre as grandes águas”.

Porém, ao contrário do sertanejo, o Judas é firme:

Não para mais. Vai espalhando em roda a desolação e o terror: as aves, retransidas de medo, acolhem-se, mudas, ao recesso das frondes, os pesados anfíbios mergulham cantos, nas profunduras, espavoridos por aquela sombra que ao cair das tardes e ao subir das manhãs se de-

saba estirando-se lutuamente pela superfície do rio; os homens correm às armas e numa fúria recortada de espantos, fazendo o “pelo sinal” e aperrando os gatilhos, alvejam-nos desapiedadamente,³⁷

pois o desejo de vingança daquele destino cruel precisa ser saciado. Não há lugar por que passe despercebidamente. A cada sarai-vada ele agita os braços, como a “agradecer em canhestras mesuras as manifestações rancorosas em que tempesteiavam tiros, e gritos, sarcasmos pungentes e sobretudo maldições”. É, “na palavra descansada dos matutos”, ecoa há vinte anos uma excomunhão: “Caminha, desgraçado!” É o sertanejo ordenando a si mesmo: “Anda, infeliz!”

Mas o Judas se livra dos perseguidores e continua, em silêncio, por algum trecho sem curvas e longo. Segue o contorno de uma praia deserta e, de repente, encontra outras mulheres e crianças em “prantos e clamores.” E mais tiros vindo do alto, mais afrontas e zombarias. Mas continua fugindo, e descendo...

Encontra, “na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio, outros aleijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminutas” (assim como a vida daqueles pobres e como a vida da vítima sacrificada), que vão surgindo e juntando-se a ele. E não são todos iguais: “vários no aspecto e nos gestos”, como os sertanejos, há os mais rijos e os mais fracos, que oscilam ao menor balanço da jangada, como bêbados, há os “fatídicos, braços alçados,

ameaçadores”, como o seu criador gostaria de ter sido – “amaldiçoando” os que deles riem.

Outros, mais humildes, curvados em tristeza profunda e os mais “deploráveis”: os enforcados, balançando, presos ao mastro. Estes desistiram da luta. Às vezes esses “fantasmas vagabundos” aproximam-se ao caírem em um redemoinho formado pelo rio, e param, por momentos.

Rodeiam-se em lentas e silenciosas revistas. Cruzam então pela primeira vez os olhares imóveis e falsos de seus olhos fingidos; e baralham-se-lhes numa agitação revolta os gestos paralisados e as estaturas rígidas. Há a ilusão de um estupendo tumulto sem ruídos e de um estranho conciliábulo, agitadoíssimo, travando-se em segredos, num abafamento de vozes inaudíveis,

como se fossem o clamor uníssono de todas as vítimas inocentes. Esse trecho sugere que às vezes há uma tentativa de rebeldia, por parte dos sertanejos, mas que logo se arrefece.

“Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espiral dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo...” Terminado o ritual, todos voltam à vida de sempre, aliviados, purificados com o sacrifício, mesmo que apenas simbólico.

³⁵ CUNHA, Euclides da. À margem da História. Op.cit., p. 91.

³⁶ Regionalismo, Amazônia: boiando.

³⁷ CUNHA, Euclides da. À margem da História. Op.cit., p. 92.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

_____. *Shakespeare, les feux de l'envie*. Traduit de l'anglais par Bernard Vincent. Paris, France: Bernard Grasset, 1990.

TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

DOCUMENTOS EM MEIO ELETRÔNICO:

CÂMARA, Hélder. *Bobby "Ahasverus" Fischer*. In <http://www.hcamara.com.br/atualidades30.htm>, acessado em 20/05/2006, às 14h00. *René Girard*. In <http://www.cottet.org./girard/desir5.htm>

CARVALHO, Olavo de. *René Girard: a revolução*. Revista *Bravo!*, junho de 1998. In: <http://www.oindividuo.com/entrevista/girard2.htm>, acessado em 20/05/2006, às 14h20.

DUARTE, Leneide. *O bode expiatório apazigua a violência da sociedade*. In: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2000/12/22/joride20001222003.html>, acessado em 20/05/2006, às 14h300.

ROLANDEAU, Yannick. *René Girard ou le mécanisme victimaire*. In: <http://membres.lycos.fr/LITTERA/GIRARD/girard.htm>, acessado em 20/05/2006, às 14h50. *René Girard. Site Violence et Sacré*. In: http://agora.qc.ca/mot.nsf/Dossiers/Rene_Girard, acessado em 20/05/2006, às 14h55.

WILLIAMS, James G. *René Girard, a Biographical Sketch*. Published in *The Girard Reader*. Edited by James G. Williams. New York: Crossroad, 1996, 1-6. In: http://theol.uibk.ac.at/cover/girard_biography.html, acessado em 20/05/2006, às 15h00.

René Girard, philosopher and anthropologist: What Is Occurring Today Is a Mimetic Rivalry on a Planetary Scale. An Interview by Henri Tincq, *LE MONDE*, November 6, 2001. Translated for COV&R by Jim Williams. In: http://theol.uibk.ac.at/cover/girard_le_monde_interview.html, acessado em 20/05/2006, às 15h100.

René Girard: Violence, Victims and Christianity. The D'Arcy Lecture. November 5, 1997

at Oxford University/UK. RealVideo, 52 minutes. In: http://theol.uibk.ac.at/cover/girard_oxford_video.html, acessado em 20/05/2006, às 16h00.

SERRES, Michel. *Réponse de Michel Serres au discours de René Girard. La religion contre le sacrifice*. Paris, France: *Le Monde*, 16/12/2005, 14h24. In: <http://66.102.7.104/search?q=cache:63JbapGNtYwJ:scf.objectis.net/serres.doc+%22ren%C3%A9+girard%22&hl=pt-BR>, acessado em 20/05/2006, às 16h30.

La violence et le sacré. Forum, édition du 19 AVRIL 2004, VOL.. 38, N° 28. IN <http://www.iforum.umontreal.ca/Forum/ArchivesForum/2003-2004/040419/article3470.htm>, acessado em 20/05/2006, às 16h30.,

CHERRAD, Karim. *Les boucs émissaires selon René Girard. M.rax.be*. In: http://www.mrax.be/article.php3?id_article=48, acessado em 20/05/2006, às 16h50.

DURBAN, J.C. *René Girard: un nouveau Tocqueville ? Le Monde*. Paris, France: 25 décembre 2005. In: http://jcdurbant.blog.lemonde.fr/jcdurbant/2005/12/ren_girard_un_n.htm, acessado em 20/05/2006, às 17h00.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

[...] símiles que se emparelhavam na mesma selvaticueza. A rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro. E a guerra de Canudos era, por assim dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral. O homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventura mais perigosos. (Euclides da Cunha, 1897.)

A RUA DO OUVIDOR – TURUNAS E QUIXOTES PELAS “QUEBRADAS”¹ CARIOCAS.



Aquarela de Richard Bates (1809): primeiro documento iconográfico da Rua do Ouvidor.

O primeiro nome da Rua do Ouvidor foi “Rua do Aleixo Manuel”, em homenagem ao primeiro magistrado da Capitania, que lá

residiu (conforme depoimento de José de Alencar). A partir de meados do século XVIII, começaram a vir de Portugal os primeiros “Ouvidores”, que se estabeleceriam, por conta da Câmara, exatamente “pelas bandas do Aleixo Manuel”, fazendo esquina com a Rua Direita (hoje, 1.º de Março) e com a Rua da Quitanda, no trecho em que era jocosamente chamada de Rua do Sucussará...² O nome “Rua do Ouvidor” começa, então, a se impor e se perpetuar, mesmo que a administração local ainda tenha insistido, de 1897 a 1916, que a rua se chamasse “Coronel Moreira César”, morto como comandante do Exército Brasileiro na 3.ª expedição contra Antônio Conselheiro e seu séquito, em Canudos.³

Com a vinda da família real para o Brasil, a Rua do Ouvidor se transformou numa espécie de “centro mercantil” e cultural da cidade. Com a “abertura dos portos às nações amigas”, ingleses e franceses, mais do que outros estrangeiros, estabeleceram-se na Ouvidor, como atacadistas ou importadores, especializando-se em cambraias, sedas, chapelaria, barretes para os eclesiásticos, perfumes, objetos de fantasia e de moda para as senhoras, jóias, alfaias de luxo e livros. Além dos comerciantes, a Rua do Ouvidor passou a abrigar modis-



Foto de Marc Ferrez – Rua do Ouvidor, 1885.

tas (“*maisons*” ou, numa linguagem atualizada, “grifes” famosas da época), cabeleireiros, doceiros, sorveteiros, exibindo seus produtos em armações de jacarandá, que seriam as precursoras tanto das vitrines modernas quanto das práticas “banquinhas” dos camelôs – que ainda continuam presentes no cenário do centro do Rio, até hoje, e da própria Ouvidor...

E foi assim que, de uma precária viela, com os lentíssimos carros de boi a percorrer o calçamento desigual e feito em alvenaria, com seus frequentes empoçamentos e sua paupérrima iluminação a azeite de peixe, a Rua do Ouvidor passou a oferecer certas “comodidades” aos novos frequentadores – a realeza e seus abonados acompanhantes... Calçamento melhorado, trânsito restrito a determinadas horas do dia, para os carros de boi, substituição dos lampiões de azeite por bicos de gás, pelo Barão de Mauá, em 1854⁴, paralelepípedos (quando na

¹ Na gíria carioca atual, “quebradas” quer dizer “caminhos estreitos”, “becos”, ou quaisquer lugares frequentados pela marginalidade ou pela boemia.

² A Rua do Sucussará recebeu esse nome em virtude de um fato no mínimo prosaico: conta-se que morava nesta rua um tal comerciante português que, sofrendo de hemorróidas e já desesperançado com os variados tratamentos a que vinha se submetendo, sem sucesso, acabou por se “acertar” com um médico inglês que atendia por aquelas bandas. Diz-se que o doutor procurava reanimar o português, dizendo uma certa frase que, de tanto ser repetida, de boca em boca, pelos moradores e conhecidos de ambos os personagens desta história, acabou por se converter em uma referência para o trecho da rua onde o nobre e obeso patricio “assentava”, confiante nas reconfortantes palavras do médico bretão: “Sucussará”... Ver mais detalhes in: GERSON, Brasil. História das ruas do Rio; e da sua liderança na histórica política do Brasil. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Lacerda, 2000. p. 80

³ Curiosa é a história de Artur Neiva, que, em uma de suas viagens, travara contato com um australiano que se queixava das diferenças entre o falar e o escrever na língua portuguesa: “- Pois no Rio de Janeiro o nome da rua principal, escrito nas placas, é Moreira César: aqui está nos meus apontamentos. Mas para todos os brasileiros a sua pronúncia é Rua do Ouvidor...” in: GERSON, B. (2000) p. 42

⁴ A memória popular guardou musicalmente este acontecimento através de uma modinha de lundu: “Estamos no século das luzes/ Não podemos duvidar/ Anda gás por toda a parte/ Para nos alumiar...” in: GERSON, B. (2000) p. 44

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

cata – que ficava num prédio em cujo andar superior teve escritório o Senador e General Francisco Glicério, um dos chefes do Partido Republicano Federal e mentor da resistência aos remanescentes do florianismo ao governo de Prudente de Moraes. Havia, ainda, a Cabaça Grande e o Minho, onde o Barão do Rio Branco saboreava vetustas peixadas. Na esquina da Ouvidor com a Gonçalves Dias, ficava o Café Papagaio, predileto dos “turunas” ligados a Lima Barreto. Lá se ouviam com frequência as composições de Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazaré, além de o lugar funcionar, no carnaval, como “refúgio de Momo” – uma espécie de rancho ou bloco carnavalesco. Conta-se que o nome do café foi dado em reverência a um papagaio chamado Bocage, que era considerado uma mascote do grupo, uma vez que dizia de cor os palavrões mais impublicáveis e os versinhos mais pornográficos que lhe ditavam os boêmios, tendo logo se transformando em atração da casa

Foram estes grupos e cafés que começaram a conformar a identidade do modernismo carioca, na origem marcado pela pluralidade de tendências e motivações

– e em caso de polícia: a ave foi apreendida, “em nome da moral e dos bons costumes”... Os melhores charutos cubanos eram vendidos na Loja do Bernardo, entre cujos fregueses se destacava o Duque de Caxias. O Hotel Europa servia de *rendez-vous* aos barões do café do interior, assim como outras pequenas pensões nas imediações, onde o idioma oficial era o francês... Muitos nobres fazendeiros acabaram por “constituir residência” nos hotéis da capital, para melhor gerenciar suas posses e experimentar a hospitalidade franco-carioca.

O primeiro elevador do Brasil foi instalado numa famosa joalheria, na Rua do Ouvidor, a Mappin & Webb: de procedência inglesa, o elevador, além de muito lento e com engrenagens complicadíssimas, possuía alavancas em formato de braços, para que seus cabineiros pudessem movimentá-lo no caso de pane. Uma frustrada tentativa de assalto a uma outra joalheria na Ouvidor também entraria para os anais do anedotário carioca: os ladrões cavaram um túnel que daria exatamente embaixo do assoalho da loja dos irmãos Domingos e César Farani; mas desistiram da empresa ao ouvirem ruídos “estranhos”, que vinham da joalheria – talvez um dos famosos “serões noturnos”, patrocinados pelos irmãos solteirões, para os quais eram convidados somente artistas estrangeiros de teatro e destacados homens das letras brasileiros, entre eles os que brilhavam na política e no jornalismo. O dono do primeiro automóvel do Rio também deu umas “voltinhas” pelas imediações da Ouvidor. José do Patrocínio trouxera de Paris um Peugeot, com o qual atravessou a

Rua 1.º de Março, causando comoção nos transeuntes. Mal sabia ele que, dias depois, seu amigo Bilac, tão pouco íntimo do traquejo com o volante quanto ele, acabaria protagonizando o primeiro acidente automobilístico do país, como nos conta Ruy Castro:

(...) Patrocínio afastara-se da Rua do Ouvidor e só às vezes zanzava pelos cafés com seu jeito gingado de andar, tomando uns copos. Não se sabia como, havia alguns meses, no Natal de 1902, dera um pulo até Paris. Na volta, trouxera um carro. Era o primeiro automóvel do Rio – um Peugeot preto que soltava os traques mais explosivos e constrangedores. Desembarçado o carro no cais do porto, Patrocínio girou a manivela e entrou nele, de quepe e guarda-pó, sob aplausos e apupos da multidão. A custo de vários desmaios e mortes do motor, atravessou a Rua Primeiro de Março a dez quilômetros por hora e conseguiu levar a furreca até sua casa, no Engenho de Dentro. Dias depois, convidou Olavo Bilac a dar uma volta. E este, peralta como ele só, também quis dirigir a geringonça. O próprio Patrocínio mal sabia fazer o carro andar em linha reta, mas achava-se com ciência para instruir Bilac. Os dois passaram por cima um do outro no assento e trocaram de lugar. Patrocínio mostrou-lhe como dar a partida e Bilac, sem controle dos pés e das mãos, pisou na tábua até o fundo, com o ímpeto de quem esmaga uma lacraia. O carro soltou dois ou três puns ribombantes, disparou em ziguezague pela até então pacata ruela suburbana e, cem metros depois, achatou-se contra a única árvore à vista. Por milagre, nenhum dos

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



raro se enfrentando por causa desta ou daquela frase dita por este ou aquele baluarte dos liberais ou dos conservadores... No Café do Brito bebericavam e pitavam os monarquistas; no de Londres, os republicanos. O célebre pintor Manet, de passagem pelo Rio, em 1849, bem pode ter testemunhado uma dessas muitas “arruaças” que a rua mais mundana, jornalística e literária do Rio ofereceu à posteridade.

Neste ambiente totalmente carioca, precursor do modernismo cultural que balançaria a capital e as estruturas de poder que ali se desenvolveram, achamos as principais livrarias e editoras daquele momento: os Laemmert, que chegaram ao país por volta de 1850; Luís Batista Garnier, vindo da França em 1844, que construiu um edifício cujo andar térreo foi todo adaptado para a exposição de livros – e que Rui Barbosa visitava quase todos os dias, depois da sessão do Senado Federal; a Livraria Francisco Alves e a Confeitaria Cailtau, pioneira da nossa literatura didática; ou então a Casa Crashley, importadora de livros e revistas estrangeiros, que tinha em Machado de Assis um dos seus frequentes mais diletos.

Em 1896, o italiano Pascoal Segreto instalou na Ouvidor o primeiro “kinetoscópio” ou “animatógrafo” ou, ainda, “omniógrafo” – como era conhecido o cinema nos seus primórdios, na última década do século XIX, exibindo imagens pitorescas, como as de uma mulher “*agindo em variadas posições*” e uma briga de galos ao vivo. A “mágica” era conseguida projetando-se imagens extraídas de fotos que, postas em sequência veloz, adquiriam determinados movimentos. Segreto deu também impulso ao ramo dos espetáculos de palco, patrocinando a famosa ilusionista “Inana” (cujas espalhafatosas apresentações gravaram para sempre, na memória popular, o famoso bordão “*Olha a Inana!*...”) e a importação dos primeiros fonógrafos ingleses, “*a repetirem discursos e músicas que impecavelmente eram enlatados, como se não tivessem vida*”.⁹ As duas primeiras salas de cinema inauguradas na Ouvidor, em 1910, foram a “Ouvidor” e a “Kab-Kab”, seguidas pelo “Palace”, dos Irmãos Labanca. O *Jornal do Brasil* registrou assim uma das primeiras exhibições cinematográficas feitas no Rio, em 1897: “*Como um caso estupendo, conta a Bíblia que Josué fez parar o sol e, entretanto, o Cinematógrafo Super Lumière, no Paris-Rio, fã-lo dançar maxixe. Imagine-se o astro rei caído nos requebros exagerados da nossa dança, como qualquer turuna da Cidade Nova. É impagável!*”.¹⁰

Vários movimentos literários tiveram berço na Rua do Ouvidor, como o simbolista, surgido na redação da *Folha Popular*, onde



Rua do Ouvidor, 1950.

Emiliano Pernetta, seu chefe, deu o primeiro emprego a Cruz e Sousa. A própria Academia Brasileira de Letras é filha da Ouvidor, tendo nascido na redação da *Revista Brasileira*, em 1896 (e reaparecendo na Travessa do Ouvidor, depois de 1890, com a colaboração de Machado de Assis, Sílvio Romero, José Veríssimo, Visconde de Taunay e Joaquim Nabuco). Mas a abertura da Avenida Rio Branco, nos primeiros anos do século XX, viria a tirar da Rua do Ouvidor o *status* de “rua líder”, que conseguiu manter por quase um século inteiro. O “Rio-do-bota-abaixo”, do Prefeito Pereira Passos, convivía agora com picaretas e remodelações urbanísticas, obras faraônicas no cais do porto (sinalizadas na imprensa, com grande alarde), seguindo o projeto saneador que as elites (políticas e até intelectuais) sonhavam para a cidade: fazê-la ser, ao feito parisiense, uma espécie de cidade-luz dos trópicos, com capacidade de atrair investimentos externos. O poeta Oscar Lopes, num soneto satírico, assim lamentava a decadência da rua que se tornara o reduto da intelectualidade carioca:

⁹ in: GERSON, B. (2000) p. 50

¹⁰ apud: VELLOSO, Mônica Pimenta. Modernismo no Rio de Janeiro; turunas e quixotes. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 48

“Cabeça da cidade que seria cortada ao meio por uma espada feroz”¹¹. E à Ouvidor restou funcionar, de madrugada, como via de escoamento da produção agrícola e dos carros bovinos; pela hora do almoço, como lugar de sesta para os comerciantes, que punham nas calçadas suas cadeiras e aguardavam pelos fregueses; e à tarde, como passarela para a elegância dos privilegiados e para a miséria dos menos favorecidos, numa mistura de retratos vivos de uma nação que construía, a passos bêbedos, a sua própria identidade, em tempos modernos.

EUCLIDES NA RUA DO OUVIDOR: O(S) (PRÉ-) MODERNISMO(S).

É lugar-comum atribuir-se a origem e o desenvolvimento do movimento conhecido por Modernismo à esfera da intelectualidade paulista. São Paulo, a partir deste ponto de vista hegemônico, seria mais do que simplesmente a cidade responsável por sediar a Semana de Arte Moderna de 22, mas aquela que teria dado curso a uma série de rupturas artístico-culturais que inaugurariam a modernidade no pensamento brasileiro.

Em parte, através desta visão unilateral, que punha o grupo paulista como símbolo do vanguardismo estético e político, acabou-se colaborando para uma certa desqualificação do Rio de Janeiro – então, Capital Federal – em relação a São Paulo. Não são raros os clichês que giraram (e, de alguma forma, continuam cir-

culando) na tentativa de patentear a falta de vocação para a liderança da cidade do Rio: 1. o clichê do “clima” – cidades tropicais seriam avessas à ordem política, intelectual e cultural; 2. o clichê do “esbanjamento” – sem disciplina econômica, o Rio seria um centro de desordem administrativo-financeira; 3. o clichê do “desvio cultural” – os cariocas só pensariam em samba, praia e carnaval. Essa “dispersão” das forças produtivas não combinaria, segundo os intelectuais paulistas, com o papel de cidade-sede do país, que o Rio de Janeiro vinha protagonizando desde 1763, ainda nos tempos do Brasil-Colônia.

Não vamos tratar, aqui, da lendária “rivalidade” entre Rio e São Paulo, mas tentar desmistificar essa visão estereotipada segundo a qual: 1. o Rio de Janeiro não é uma cidade séria – ou, em última análise, questionar os porquês de a cultura do riso, da ironia e do humor ser desconsiderada como forma de pensar a cidade e seus espaços de interação social; 2. não teria havido modernismo no Rio de Janeiro, mas tão-somente em São Paulo, como postulavam os ideólogos do grupo paulista Verde-amarelo – dentre eles Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia. Em suma, averiguaremos de que forma São Paulo se impôs como versão apolínea da *urbe*, enquanto ao Rio coube a imagem dionisíaca, que fatalmente se confunde com uma tal marginalidade que nenhum projeto cultural hegemônico pode comportar.

Se, como dizia o poeta de Vila Isabel, Noel Rosa, “*São Paulo dá*

café, Minas dá leite e a Vila dá samba”, vamos buscar valorizar certos aspectos desta “cultura marginal” carioca que foram decisivos para a conformação do conceito de nacionalidade, sem prejuízo do trabalho vanguardista desenvolvido pelo grupo de São Paulo. Compreenderemos, portanto, o quanto o grupo do Rio envolveu-se no processo de modernização da própria cidade, na efervescência cultural da *belle époque*, atuando em frentes aparentemente contraditórias – ora com uma visão cética sobre a modernidade, ora ironizando-a, justamente por não poder encará-la como “coisa séria”, conforme sugeriam os paulistas.

Isto nos levará a pensar não em modernismo, mas em modernismos, e sem necessariamente estipulá-lo(s) como invenção exclusiva da Semana de 22. Depois disto, nos encontraremos com Euclides da Cunha, nos cafés da Rua do Ouvidor, paradigmaticamente inserido (ainda que “por empréstimo”¹²) neste sentido moderno “à carioca”, de caráter fragmentário e alternativo: acolhendo a dinâmica acidentada do cotidiano daquela rua e daquela cidade, que lhe permitiram metaforizar-se como mais um “quixote” à procura de sua(s) causa(s), e tendo a literatura como missão.

OS CAFÉS DA OUVIDOR – INTELLECTUALIDADE E RESISTÊNCIA.

Frequentar os cafés da Rua do Ouvidor e imediações significava,

¹¹ apud: VELLOSO, M. (1996) p. 79

¹² Euclides da Cunha não era carioca, mas fluminense: nasceu na cidade de Cantagalo, na região centro-norte do Estado do Rio, mas participou de eventos importantes na Capital, ainda como cadete da Escola Militar da Praia Vermelha e, mais tarde, como escritor consagrado e membro da Academia Brasileira de Letras.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

para os intelectuais que se reuniam naqueles tempos de burburinho (últimos anos do século XIX e primeiros do século XX), uma forma de resistência aos planos da elite política, que queria “modernizar” o Rio à força de um discurso saneador, como vimos. Exatamente por não haver contemplado os intelectuais e as camadas populares da população, esse discurso não deu conta de instaurar, sozinho, o clima moderno que se exigia da Capital Federal, antes mesmo de 1922. Escritores, artistas, políticos, ativistas, “quixotes” e “turunas”, então, compartilhavam, nas animadas mesas e tertúlias¹³ da Ouvidor, de um sentimento de exclusão que lhes foi extremamente produtivo. Debruçaram-se sobre canecos de chope e sobre o submundo da cidade, na tentativa de captar o “ethos” carioca – e, quem sabe, o sentido mais original do “ser brasileiro”.

Num primeiro momento, homens de letras e de copos como Lima Barreto e João do Rio chegam mesmo a manifestar-se severamente contra a tal “modernidade”, que destrói lugares afetivos (como quando da abertura da Avenida Central, que descaracterizaria parcialmente o traçado da Ouvidor). Toda a obra desses escritores, por exemplo, é uma ode à paisagem citadina, descrevendo com vivacidade e nostalgia os becos (“quebradas”), os murais e vitrais dos bares,

as sonoridades de cada esquina, os trapeiros, tatuadores e artistas mambembes. Lima Barreto traduz bem essa identificação do artista com as ruas: “*A cidade mora em mim e eu nela.*”¹⁴ É um brado de inconformismo e espontaneidade, em nome de uma realidade cotidiana que se mantinha incógnita para a República modernizadora.

Os literatos cariocas, então, acabam por refutar a ideia de um movimento estético organizado, pulverizando suas linhas de atuação – talvez por considerarem negativa a imagem de uma literatura protocolar, ligada à vida oficial e burocrática¹⁵. Na opinião destes intelectuais, qualquer projeto “sistemático” de renovação artística eliminaria, por extensão, a dose de rebeldia que o fazer literário demanda. Daí, não ter havido exclusividade na condução das propostas “modernistas” no contexto do Rio de Janeiro: numa acepção baudelaireana, o conceito de “artista moderno”, para os cariocas, foi identificado com a capacidade de interação entre “ideias” e “ruas”, “arte” e “povo”.

Neste sentido, não procede falarmos de uma “inauguração” do modernismo nesta ou naquela cidade, muito menos de “pré-modernismo” ou “vazio cultural”, antes de 22; o que devemos intuir é um processo dinâmico, que começa bem antes de 22, justamente porque já estava ins-

Neste sentido, não procede falarmos de uma “inauguração” do modernismo nesta ou naquela cidade, muito menos de “pré-modernismo” ou “vazio cultural”, antes de 22; o que devemos intuir é um processo dinâmico, que começa bem antes de 22, justamente porque já estava inscrito na tradição cultural e no pensamento filosófico brasileiro, para os quais os homens de letras da Ouvidor contribuíram enormemente

¹³ Tratava-se de pequenos improvisos performáticos, que “fechavam” cafés para discursos e declamações dos poetas e intelectuais da época, e reuniam grande público, interessado nos “jornais falados” e nos desafios lançados entre os próprios pares do evento. Como registra Mônica Velloso, “Das tertúlias literárias nasciam frequentemente revistas, cujas folhas provocativas antecipavam, pressagiavam e polemizavam ideias.” in: VELLOSO, M. (1996) p. 49

¹⁴ apud: VELLOSO, M. (1996) p. 29

¹⁵ Muito embora vários destes intelectuais terem sobrevivido graças a empregos públicos e/ou burocráticos, como relata Mônica Velloso: “Para nossos intelectuais a cisão entre o trabalho e o prazer é marcante. Boa parte do grupo está vinculada ao funcionalismo público. Lima Barreto e Domingos Ribeiro Filho trabalham na diretoria da Secretaria da Guerra, Kalixto é funcionário na Imprensa Nacional e professor de desenho em escolas públicas. Raul Pederneiras ocupa inicialmente o cargo de delegado de polícia e depois torna-se professor da Escola Nacional de Belas-Artes e da Faculdade de Direito. (...)” in: VELLOSO, M. (1996) pp. 46-7

critico na tradição cultural e no pensamento filosófico brasileiro, para os quais os homens de letras da Ouvidor contribuíram enormemente. Se, em São Paulo, as crônicas de Juo Bananére já davam conta dessa dinâmica social, muito antes dos Andrades, por que não dizer que o entrecruzamento de experiências, no Rio, de um Lima Barreto e de um Euclides (cada um a seu modo) já configuraria a própria construção do imaginário moderno?

Imaginemos, portanto, uma outra República, que, no Rio, se oferecia como alternativa à de Floriano Peixoto e sua desconcertante crise de legitimidade: trata-se da “República das Letras”, que tinha seus “ministérios” bem constituídos, de acordo com a preferência do freguês. Ia-se à Livraria Garnier, e lá estava Machado de Assis, cultivando sua roda de poucos e seletos amigos¹⁶; os simbolistas ou nefelibatas reuniam-se em torno de Cruz e Sousa; os boêmios, em torno dos tonéis de chope alemão e de Paula Nei. É claro que, como todo “governo paralelo”, esses grupos sofreriam perseguição política, em menor ou maior escala, nesta ordem (José do Patrocínio é deportado; Bilac refugia-se em Minas Gerais; Paula Nei desaparece dos cafés depois da morte de Pardal Mallet, seu amigo e polemista). Porém, toda repressão supõe uma reação, ainda que subterrânea – o

que não foi o caso do grupo do Rio. A República das Letras instituiu-se para valer, nas rodas dos cafés, nas livrarias, nas confeitarias, nas revistas, nos salões da Rua do Ouvidor e na Academia Brasileira de Letras. Seu estatuto tinha, como parágrafo único, a delimitação do espaço de luta e de criatividade do intelectual, que já intuía não ser bem aquela *outra* (a de Floriano) a República de seus sonhos.

Esta visão cética e desencantada da realidade está presente nas obras de autores tão distintos quanto Machado de Assis e Euclides da Cunha. Enquanto este faz de seus escritos um libelo contra o “atraso” dos sertões e das selvas, através do ensaio científico misturado à descrição quase épico-poética do “*cautério das secas*”, aquele investe na linguagem sardônica de quem se emparelha com a subjetividade e o intimismo, para extrair do caos circundante a própria criatividade. Dados ao positivismo ou ao simbolismo, estes e outros escritores que circulavam pela Rua do Ouvidor estavam, cada qual a seu modo, imersos numa indagação crucial, quanto ao papel de seu fazer literário frente às questões prementes da nossa nacionalidade.

A histórica questão que põe, de um lado, “homens de ciência” e, de outro, “homens de arte” não representou empecilho para a moderni-

dade carioca. Na verdade, essa dicotomia nos foi legada pela própria tradição do pensamento ocidental, historicamente marcado pelo veto às formas de narrativa ficcionais como leituras reflexivas, tanto quanto o discurso científico. Ao longo do século XIX, a ciência apresentou-se como a linguagem única, capaz de traduzir a formação de nossa nacionalidade, deixando à literatura a pecha do mero entretenimento. Sem a legitimação do pensamento científico, qualquer discurso passava a cair no vazio, não tendo força representativa para designar o quanto nós, brasileiros éramos “modernos” e estávamos na dianteira da formação do nosso próprio imaginário de “maturidade cultural”. Alguns de nossos melhores romances naturalistas enxergam e ampliam essa necessidade de sermos (ou, ao menos, parecermos...) crescidos, sérios, ou, em uma palavra, “científicos”.

Daí, observarmos duas diferentes concepções de “modernidade”, convivendo lado a lado, e dando margem a que os escritores optassem por uma ou outra ou, até, que escolhessem pelo “entrelugar” – o que aconteceu com Euclides da Cunha. No caso da obra euclidiana, coexistem os discursos da *moderno-ciência* e da *moderno-estética*, no embate titânico entre o engenheiro e o homem de letras. O autor de *Os Sertões* transita entre o grupo dos

¹⁶ Embora Euclides da Cunha tenha formalmente apresentado sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, isto não significou que tivesse se identificado totalmente com a roda literária de Machado de Assis – presidente da instituição e ardoroso defensor de que à Academia interessasse o exame das questões estritamente literárias, corrente mais forte e poderosa, no momento em que Euclides é eleito (1903). Em seu próprio discurso de posse, o escritor expressa a dificuldade de passar a fazer parte de um círculo de “homens de letras”, sendo ele um “homem de ciência”, e sobretudo um intelectual preocupado com as questões sociais de seu tempo. Esta posição o aproximava mais do grupo de Sílvio Romero, desafeto de Machado na Academia, e responsável por fazer o discurso de recepção de Euclides – no qual não desperdiçou a oportunidade de confronto com o presidente. Assim, sob a aquiescência de Machado de Assis, de um lado, e adorado pelos imortais de discurso social, de outro, Euclides entra para a Academia Brasileira de Letras em virtude de seu próprio mérito, e depois do sucesso estrondoso de *Os sertões*, descrevendo a trajetória pessoal de um egresso do interior que, embora fosse avesso a compadrios e “filiações” a rodas, soube dialogar com os frequentadores dos cafés da Rua do Ouvidor – homens que, como ele, gostariam que se conferisse um outro estatuto (talvez, “moderno”, no sentido de comprometido com o progresso da sociedade) para as artes no Brasil.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

88

intelectuais que se postam à frente de uma causa, defensores que são do progresso político da nação e críticos dos que se eximem de fazê-lo, a bem do discurso onírico da literatura; mas não deixa de caminhar com os que acreditam no poder da palavra como forma de mediação entre um presente imediato e um projeto que contemple, para o futuro do pensamento sobre a civilidade e a nacionalidade, os caminhos do sujeito histórico (e, por que não dizer, do *sujeito enunciador* dessa mesma história, reinventando o discurso científico-positivista, ao inseri-lo como possibilidade na categoria ficcional).

Ao finalizar seu “livro-vingador” com o aforismo “*Canudos foi um crime. Denunciemo-lo.*”, Euclides nos dá conta de seu mal-estar (e isso não era exclusividade sua...) com o universo da ciência positivista, consoante a qual tivera toda a sua formação intelectual. O escritor não precisou nem tanto aprofundar as suas conversas

nos cafés cariocas para avaliar que o modelo científico que a República lhe apresentava não conseguia explicar, muito menos legitimar os eventos trágicos que sucederam nos sertões baianos, naqueles idos anos do final do século XIX. Seria pré-moderno o discurso euclidiano? Talvez, muito mais do que isto: trata-se de uma experiência da modernidade à luz da tragédia, da heroicidade e do tom desencantado que o pensamento nietzcheano, por exemplo, já se propunha a apontar, também por aquele momento. Neste sentido, Euclides se faz “turuna” e “quixote”, num esforço prometeico



Euclides (à direita), com Coelho Netto (ao centro) e Goulart de Andrade, à saída do Cinema Ouvidor, onde assistiram ao filme de faroeste “A noiva do mexicano” (também conhecido como “A noiva do cowboy”). Rio de Janeiro, 13 ago. 1909.

(Foi esta a famosa ocasião em que, ao ver no filme o marido ultrajado vingar-se a tiros, Euclides levantou-se e bradou: “É assim que eu compreendo!”. Esta foi sua última fotografia feita em vida).

pela modernização social do Brasil: “*Ou progredimos ou desaparecemos.*” – dita, malandramente, a voz do escritor-mosqueteiro, que ainda ecoa nas ruas do Ouvidor de nossa memória.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Rocco/Funarte, 1998.

CASTRO, Ruy. *Bilac vê estrelas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Col. Literatura ou Morte.)

CUNHA, Euclides da. *Os sertões (campanha de Canudos)*. Edição crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na histórica política do Brasil*; notas, introdução e fixação do texto por Alexei Bueno. 5.ª ed. remodelada e definitiva. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro; turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LÍNGUA, IDENTIDADE E RECONHECIMENTO: A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Language, identity and recognition: considering the education of the deaf

*Michele da Silva Ferreira

Proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa/LIBRAS.
Professora das séries iniciais, atuando com alunos surdos desde fevereiro de 2006.
Intérprete de LIBRAS.

Licenciatura plena em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Cursando Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Especial: deficiência auditiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: silfermichele@gmail.com

Material recebido em abril de 2009 e selecionado em junho de 2009

RESUMO

O presente trabalho possui como pressuposto a problematização do processo sócio-histórico da Educação de Surdos, bem como a tentativa de investigação das consequências políticas e subjetivas da negação da comunidade ouvinte em relação à Língua de Sinais e seu processo de constituição. São observados e analisados, por meio de uma pesquisa de campo, os mecanismos intrínsecos ao processo de inclusão do sujeito surdo na rede regular de ensino. Conclui-se o trabalho não com uma resposta simplista e acabada em relação às problemáticas trazidas nesse estudo, mas com questões que tendem ao desenvolvimento de novas pesquisas referentes à Educação de Surdos. No entanto, pode-se constatar a necessidade em repensar os processos desencadeados em uma escola regular para a efetivação e real processo de inclusão dos estudantes surdos e *garantia*

dos direitos linguísticos, culturais e identitários.

Palavras-Chave: Educação de Surdos. Língua de sinais. Inclusão.

ABSTRACT

This work presupposes the problematization of the socio-historical process of Deaf Education; it also attempts to investigate the subjective and political consequences of the denial on the part of the hearing community in relation to sign language and its formation process. The mechanisms that are intrinsic to the process of inclusion of the deaf subject in the regular education network are observed and analyzed through field research. The work doesn't produce a simplistic and complete answer to the questions brought by the study, but it brings issues that tend to the development of new researches about Deaf Education. However, it is possible to see the need to rethink the processes initiated in

a regular school towards a real and effective process of inclusion of deaf students and the "guarantee" of their linguistic, cultural and identity rights.

Keywords: Deaf Education. Sign Language. Inclusion.

INTRODUÇÃO

A Educação de Surdos é capaz de provocar inúmeras questões que envolvem a maneira como foi desenvolvida e encarada no transcorrer da história, tendo em vista as dificuldades e propostas que configuraram toda a sua constituição. Os impactos de um histórico permeado de estigmas normalizadores tendem a caracterizar o sujeito surdo ainda nos dias atuais. Percebe-se então que, ao ser reconhecida a Língua de Sinais como língua própria do sujeito surdo, muitos dos estereótipos cristalizados nesse processo histórico são desmistificados, inclusive no contexto educacional desses sujeitos.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Percebe-se uma exigência em reabilitar os surdos, por meio de uma suposta superação de sua surdez, sendo os mesmos obrigados a aprender a falar. Tal atitude demonstra a imposição de uma língua majoritária como forma de naturalização de uma identidade contrária à do sujeito surdo. Pretendia-se reprimir tudo o que fizesse recordar que os surdos não poderiam falar como os ouvintes. Foi imposta a oralização para que os surdos fossem aceitos socialmente, e esse processo limitava o desenvolvimento pessoal e de inserção na sociedade.

Segundo Skliar (2005), nas últimas décadas novas propostas e práticas educacionais relacionadas à Educação do Surdo têm surgido na tentativa de integração desses indivíduos à sociedade. As ideias que permearam o universo dos surdos nos últimos cem anos, ainda observadas nos dias atuais, demonstram uma concepção de dominação baseada em um modelo clínico da surdez, ou seja, a normalização dos surdos em sujeitos mais aceitáveis pela sociedade, acarretando representações da surdez no campo da deficiência.

CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

As questões que envolvem as contradições pelas quais a Educação de Surdos foi constituída são nitidamente marcadas por mecanismos de poder e subjugação, tendo em vista a inserção e inclusão desses sujeitos na sociedade e no contexto educacional. Através dos conceitos e *pré-conceitos* dirigidos a esses sujeitos, no decorrer da

história, é possível compreender o contexto atual concernente à escolarização dos surdos e os dispositivos coercitivos que se estabelecem por meio da articulação de todo o processo constituído.

Verifica-se que o ideário referente à anormalidade desencadeou, durante longos anos do período histórico, uma “noção de deficiência como um grande espetáculo” (FRANCO, 2003, p.27). As ideologias que perpassam a configuração entre normalidade e anormalidade apontam um território de cristalização dessas suposições e dispositivos em *uma história de longa duração*, que se utiliza do *discurso multiculturalista* para perpetuação de uma *inclusão* que é iniciada por um pressuposto intrínseco de uma exclusão invisível. Como afirma Franco, “o que se consolida de fato é uma exclusão velada e uma violenta forma de regulação social e de homogeneização” (2003, p. 15).

A Educação de Surdos perpassa um contexto inegável de contradições e resistências, principalmente no que se refere ao reconhecimento da Língua de Sinais enquanto *marco* da identidade e cultura surda. Nessa perspectiva, os contextos sociais e políticos que subsidiam as relações entre os sujeitos surdos ainda são, muitas vezes, marcados pela determinação de estereótipos estabelecidos pela sociedade ouvinte e a negação da existência de uma língua própria nessas comunidades linguísticas.

É possível verificar que, apesar de o Congresso de Milão de 1880 marcar de forma decisiva a implantação do oralismo na Educação de Surdos, é constituído o reconhecimento, por parte dos surdos, da

relevância da sua língua. Observa-se, ainda, o conhecimento do valor linguístico e importância da mesma no âmbito educacional para, inclusive, a perpetuação de sua cultura.

Verifica-se então a postulação de metodologias e pressupostos filosóficos que marcam esse processo. Embora o caráter inicial dessas concepções estivesse voltado para a humanização do sujeito surdo e sua inserção nas diversas esferas da sociedade em geral, as tentativas de normalização e *ouvintização* desses indivíduos encontram-se mascaradas em interesses hegemônicos. Entretanto, mesmo cercados por uma rede de poderes e ideologias, na maioria das vezes de forma arbitrária, os surdos foram conquistando seu espaço na sociedade a partir de um processo intensamente conturbado, agindo em meio a mecanismos hegemônicos de representações de sua identidade.

É inegável que a implantação do oralismo, por volta da Idade Moderna, encontra-se intimamente vinculada a uma estruturação de poder e subjugação dos surdos, então considerados *incapacitados*, colocados à margem da sociedade e excluídos de qualquer participação na mesma. A oralização desses indivíduos tem como subterfúgio a humanização; entretanto, existe uma rede de poder que se estabelece, marcada pela monopolização de métodos de ensino que “visavam o lucro e o prestígio social” (MOURA, 2000, p. 21).

O trabalho de habilitação fonoaudiológica encontra-se intimamente ligado à *negação da língua de sinais*. Difundia-se uma perspectiva baseada na centralização

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

91

da linguagem oral enquanto única capacidade de percepção e compreensão da realidade, legitimando o controle social da vida dos surdos por intermédio da compreensão da linguagem.

[...] utilizar o tempo e o espaço de busca e da construção do conhecimento para a tentativa de capacitar o surdo para o uso (não-natural), quando há uma língua natural disponível na comunidade, é uma forma de negar o conhecimento, de colonizar o surdo com aquilo que se supõe ser bom para ele. Na verdade, é desconsiderar sua história, sua cultura, sua língua e até seus anseios.” (SÁ, 2006, p. 317)

O imperativo oralista apresentou fracassos que legitimaram sua insuficiência. A tentativa de normalizar os surdos moldando-os como sujeitos *falantes*, mais aceitos pela sociedade e cada vez mais próximos da maioria ouvinte, cedeu lugar à *produção* de indivíduos desprovidos de identidade ou espaço que respeitasse suas peculiaridades. Ao “priorizar o ensino da fala como centralidade do trabalho pedagógico” (SALLES, 2007, p. 55), negou-se-lhes o respeito e a oportunidade de escolha pela metodologia que mais se adequasse ao *jeito surdo de ser* desses sujeitos.

A *comunicação total* pode ser compreendida enquanto filosofia, não como um método em si. Carregada de preceitos, não exclui a Língua de Sinais de sua perspectiva, diferentemente do oralismo. Nesse contexto de novas abordagens metodológicas, verifica-se a expressividade desencadeada pelo *método combinado*.

A compreensão e definição do bilinguismo na Educação de Surdos encontra-se intimamente ligada a questões culturais desse grupo. A partir dos conceitos relacionados ao multiculturalismo e início do movimento surdo, pode-se perceber a constatação da valorização e defesa de uma cultura surda que surge na tentativa de recuperar as peculiaridades desse grupo.

Apesar da arbitrariedade com que eram impostas essas situações aos surdos, a língua de sinais continuou sendo utilizada nessa comunidade. Embora excluídos, esses indivíduos mantinham sua identidade, que permeava de forma sucinta a sociedade com seus padrões *ouvintistas*. Os surdos constituíam uma comunidade própria e tentavam se estabelecer como grupo minoritário, sendo então aceito numa perspectiva multicultural.

Por volta da década de 1960, são observadas novas concepções que, de certa forma, demonstram *avanços* no que se refere à Educação de Surdos. O resultado de pesquisas linguísticas, por exemplo, comprova que a utilização da *comunicação gestual* não interfere no potencial do sujeito surdo, ao contrário, potencializa seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. Esse processo de desmistificação do atraso, pregado pelos oralistas, de utilização de *gestos* com vista à comunicação entre surdos, contribuiu ainda para o reconhecimento da estrutura e gramática da linguagem gestual (LUCHESSI, 2000).

Essa dinâmica no estabelecimento e reconhecimento da cultura, comunidade e identidade surdas constitui-se enquanto marco sócio-

Com referência à Educação de Surdos, são necessárias novas formas de atuação que reflitam as necessidades educacionais e linguísticas dos estudantes surdos

histórico para redimensionar essas questões no campo educacional. A educação de surdos é *contemplada* com uma nova abordagem metodológica, que tem uma perspectiva voltada para a autenticação do espaço do sujeito surdo na sociedade e a utilização/valorização de um meio próprio e singular de se comunicar e experienciar o ambiente: o bilinguismo.

Arelada ao reconhecimento sócio-histórico das especificidades linguísticas e identitárias dos surdos, tem-se a profissionalização do tradutor e intérprete da Língua de Sinais e do monitor surdo, indissoluvelmente associada aos movimentos surdos em todo o mundo. À medida que a Língua de Sinais foi sendo reconhecida em seus aspectos específicos em cada país, surgiu a necessidade da garantia de acessibilidade por meio desse profissional. Da mesma forma surgiu a necessidade da inserção de surdos fluentes na Língua de Sinais, principalmente no contexto educacional, ou seja, os monitores ou instrutores surdos.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

É importante salientar que a presença do intérprete de Língua de Sinais e do instrutor surdo não é suficiente para a constituição de um ambiente realmente *inclusivo*. São necessárias outras medidas de caráter metodológico e curricular que atendam às especificidades linguísticas e culturais dos educandos surdos.

INCLUSÃO: RELATOS TEÓRICO-PRÁTICOS DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NA REDE REGULAR DE ENSINO

O processo de inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino torna-se uma realidade cada vez mais comum em instituições escolares. A partir desta pesquisa pretende-se verificar os dispositivos de poder e naturalização de uma cultura hegemônica sobre uma minoria linguística baseada em experiências em uma escola regular.

A organização administrativa da escola em questão é bem delimitada e estruturada entre diretores e equipe de orientadores pedagógicos e educacionais. Tendo em vista sua conceituação no município em relação aos seus ideais inclusivos, atendendo a alunos com necessidades educacionais especiais, a escola conta com uma sala de recursos com professor habilitado, instrutor surdo para ensino e sistematização do ensino da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) aos alunos surdos, além de intérpretes dessa linguagem.

Foram realizadas visitas à escola, tendo como principal objetivo a observação dos alunos surdos nessa instituição de ensino. As experiências vivenciadas durante a pesquisa foram gratificantes e contribuíram de forma significativa para o fazer pedagógico. Embora já existisse conhecimento relacionado ao trabalho desenvolvido pela instituição, ao nos colocarmos como observadora dos processos então desencadeados, foi despertado um olhar mais sistemático e voltado para a dinâmica do processo de escolarização dos sujeitos surdos incluídos.

Durante a pesquisa, foi possível conversar ainda com uma das orientadoras pedagógicas da escola, responsável pelas questões de educação inclusiva e educação de surdos. Foram expostas questões concernentes à dinâmica de trabalho em sala de aula e projetos extraescolares que complementam o processo de aprendizagem desses sujeitos.

A proposta metodológica de ensino, na referida escola, para os estudantes surdos é de uma abordagem bilíngue. Entende-se a educação bilíngue para surdos enquanto abordagem metodológica que prioriza a construção linguística da Língua de Sinais, a percepção desta como forma mais adequada de inserir e desenvolver nesses sujeitos mecanismos que, de fato, os incluam no processo educativo, valorizando suas particularidades não apenas linguísticas mas culturais. (SALLES, 2007)

De fato a escola trabalha com a proposta bilíngue. Os professores regentes das salas pesquisadas são fluentes na língua de sinais, proporcionando condições para o aprendizado, por parte dos edu-

candos, das temáticas abordadas nesse contexto, além de sistematização do ensino da LIBRAS com instrutor surdo uma vez por semana. Entretanto, percebe-se a necessidade do apoio do instrutor surdo, usuário da Língua de Sinais, em outros momentos, o que proporcionaria maior acesso dos sujeitos surdos, de maneira mais efetiva, no contexto da sala de aula, auxiliando na constituição de novos saberes e conhecimentos em sua primeira língua.

Tendo em vista a dinâmica específica de exploração dos assuntos e temáticas abordadas em sala de aula, é possível constatar, muitas vezes, a dificuldade em conciliar a atenção e as informações aos dois grupos linguísticos (surdos e ouvintes), tratando-se das classes regulares. Com isso, é possível questionar até que ponto conhecimentos podem ser perdidos por esses sujeitos, uma vez que o desenvolvimento dos assuntos tratados são divididos e articulados, cada um no seu tempo e língua diferente. Por mais que exista uma preocupação dos professores em proporcionar um ambiente que supra as necessidades dos grupos que ali se encontram, nem sempre é possível atingir essas questões. Além disso, pode-se pensar no desenvolvimento de mecanismos de poder que tentem privilegiar uma língua em detrimento da outra, ou seja, a hierarquização da língua majoritária (língua portuguesa) sobre a língua pertencente à minoria linguística.

Foi verificado que os professores inovam a prática docente com atividades e trabalhos envolvendo interpretação e desenho, concretizando a sistematização dos reais

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

93

interesses e necessidades desses educandos. Verifica-se, então, que os professores compreendem a necessidade do olhar voltado para as experiências que o aluno constrói na modalidade escrita da língua portuguesa. No que se refere à avaliação, são constituídas estratégias em considerar as especificidades do sujeito surdo no que tange à modalidade escrita da língua portuguesa.

Durante diálogo, foram questionadas as adaptações curriculares estabelecidas pela escola para atender as especificidades dos alunos surdos, tendo em vista sua língua e cultura própria, e de quem seriam essas atribuições e em que circunstâncias ocorreriam. De acordo com a orientadora, foram realizadas adaptações de grande e pequeno porte na instituição.

Uma problemática percebida no contexto educacional da instituição relaciona-se aos surdos adultos incluídos na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Com tempo reduzido para a escolarização, verificam-se limitações na construção efetiva de conhecimentos e saberes que venham a contribuir para a formação de cidadãos críticos e ativos na sociedade. Como é observado em todo, ou em grande parte, do contexto da Educação de Jovens e Adultos, o paradigma compensatório cede lugar a um ensino que visa à aceleração e, de fato, à compensação dos anos escolares perdidos por esses sujeitos. Dessa forma, os *saberes* desenvolvidos em sala de aula limitam-se aos conteúdos propostos pelo currículo, de modo a *repor* o conhecimento que não foi estruturado e construído no tempo/espaço vistos como apropriados para tal (DI PIERRO, 2005).

Arelados a essa problemática, encontramos os sujeitos surdos que por vezes inserem-se no sistema educacional sem ao menos possuir uma língua estruturada e compreensível por todos, ou seja, surdos que, além de iniciarem seu processo de ensino-aprendizagem de forma tardia, não possuem uma língua e enquadram-se na EJA, não conseguindo, muitas vezes, alcançar um nível de letramento. Com isso, cristaliza-se todo um contexto de exclusão referente à Educação de Surdos, sendo destinado a esses sujeitos um quadro de analfabetos funcionais que não atingem os níveis mínimos de letramento ou compreensão desse contexto.

Verifica-se que as estratégias e metodologias de ensino que são desencadeadas tendem a desenvolver nesses educandos conhecimentos significativos que os levem a reconhecer sua língua própria, a Língua de Sinais, e a valorizem nos espaços/tempos de construção desses saberes, tendo em vista que o ambiente *inclusivo* em uma sala de aula propõe-se atender a educandos surdos e ouvintes. Nesse sentido, articula-se toda uma rede de poderes nesses sujeitos, bem como a identificação de processos normalizadores que interferem na escolarização desses educandos no tempo equivalente ao seu desenvolvimento linguístico. Vale ressaltar que muitos surdos iniciam seu processo de escolarização sem a obtenção de uma forma de linguagem, o que pode acarretar o comprometimento da constituição de conhecimentos por esses sujeitos.

Dessa forma, percebem-se as dificuldades encontradas por parte do corpo docente e do discen-

te em conciliar um ambiente que de fato proporcione mecanismos de ensino-aprendizagem, com as reais necessidades dos educandos envolvidos. Consta-se o grande desafio em garantir um ambiente educacional problematizador, uma vez que a EJA insere-se em um contexto voltado para a aceleração dos estudos, deixando a desejar no que se refere ao desenvolvimento de sujeitos críticos e envolvidos em questões sociais.

Tendo em vista a reflexão inerente à Educação de Surdos na escola regular, observa-se, segundo Perlin e Quadros, que

Enquanto escola regular, nós precisamos refletir, avaliar e propor princípios e objetivos que garantam o desenvolvimento do aluno no seu processo educacional. Isso exige a elaboração de propostas educacionais e tomada de decisões que devem ser feitas pela comunidade escolar, ou seja, profissionais (pesquisadores, professores surdos, professores em geral, funcionários), familiares e comunidade surda (representantes de associações de surdos e outras organizações) (PERLIN; QUADROS, 1994, p. 36).

É necessário considerar o permanente diálogo entre os grupos aos quais são destinadas essas relações de ensino-aprendizagem, de modo a garantir uma educação que coopere com o real desenvolvimento dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Outro fator importante a ser considerado é a questão da atuação dos intérpretes de LIBRAS a partir do 6.º ano do ensino fundamental. As dificuldades de co-

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

municação/interação entre alunos surdos, desses segmentos, com os professores regentes podem ser amenizadas com a atuação desse profissional, que, além de atuar em sala de aula, participa de relações fora desse ambiente. O intérprete posiciona-se como um mediador na interação social dos sujeitos envolvidos. Certifica-se então que a presença do intérprete nesses espaços pode ser percebida enquanto *garantia* de interação dos sujeitos surdos nos distintos espaços da instituição.

Entretanto, a dependência da intervenção do intérprete nas relações educacionais pode, de certa forma, acarretar o fato de serem destinadas a ele funções alheias ao seu papel. Essa questão tem sido repensada na instituição, sendo uma reconstrução em que os professores têm se posicionado de modo a articular sua prática. Nessa perspectiva, percebe-se ainda a necessidade dos docentes em aprender a língua de sinais para que a interação professor-aluno não fique limitada à postura do intérprete.

Sendo assim, o processo de escolarização dos estudantes surdos, no ensino regular, aponta para um processo que se encontra em construção. Apesar dos avanços presenciados e observados na instituição, no que se refere ao próprio processo de inclusão dos educandos surdos, verifica-se a necessidade de contínuas ressignificações e reconstruções referentes à Educação de Surdos.

É importante salientar a necessidade da disponibilização de oportunidades que modifiquem os conceitos preconcebidos de oferta de ensino a esses sujeitos, envolven-

do aspectos fundamentais, sejam eles linguísticos, sociais, afetivos, identitários, que se desenvolvem articulados nas interações que se sucedem nesse contexto.

A experiência da inclusão, de fato, coopera para todo o sistema educacional, seja para educandos (surdos e ouvintes), docentes e demais indivíduos que participam das relações que se estabelecem, uma vez que todos têm a oportunidade de conviver com a *diferença*. A partir desse pressuposto, pode-se melhor elaborar os conceitos sobre a surdez, a língua de sinais e a comunidade surda, constituindo um ambiente voltado para a ressignificação de estereótipos cristalizados e processos de *ouvintização* ou normalização dos sujeitos surdos. Pode-se pensar em novas possibilidades, na possível transformação de saberes que de fato problematize as relações concernentes às peculiaridades linguísticas e culturais dos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contradições existentes entre as propostas educacionais das escolas inclusivas e o que ocorre na realidade torna-se uma problemática cada vez mais próxima da Educação de Surdos. Por mais que exista um comprometimento com a educação e suas formas de atuação, verificam-se lacunas no que se refere ao processo inclusivo de fato.

Com referência à Educação de Surdos, são necessárias novas formas de atuação que reflitam as necessidades educacionais e linguísticas dos estudantes surdos, ou seja, mudanças substanciais de

caráter metodológico e curricular. Sabe-se que a proposta bilíngue configura-se como metodologia mais *adequada* ao processo de ensino-aprendizagem do surdo, seja da Língua de Sinais ou da língua portuguesa. Contudo, a aquisição dessa abordagem não é suficiente para a garantia de uma educação que vise à valorização e sistematização da primeira língua pelo sujeito surdo. É necessário que toda a equipe pedagógica, incluindo docentes de todas as áreas de conhecimentos, esteja ciente dos processos metodológicos de ensino para surdos, de modo a viabilizar uma real inserção desses sujeitos no processo de educação inclusiva.

É inegável que a presente pesquisa suscitou inúmeras questões que não foram tratadas no presente trabalho. Percebe-se o caráter inacabado e em constante modificação nas mais distintas áreas do processo educacional, desencadeando possibilidades de novos trabalhos.

Tendo em vista a Educação de Surdos na rede regular, pode-se observar a inclusão dos educandos surdos na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Entende-se que os desafios inerentes a essa modalidade de ensino encontram-se voltados para a valorização e realização de uma educação que tende a promover um ambiente questionador, que restaure e ressignifique as práticas sociais excludentes vivenciadas por esses sujeitos. Nesse contexto, observam-se as turmas de surdos incluídos enquanto espaços de construções e reconstruções de conceitos e aprendizagens que ultrapassam os espaços escolares e atingem, de certa forma, as

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

95

vivências dos educandos e educadores envolvidos.

As questões apresentadas neste estudo demonstram o quanto um modelo, considerado inclusivo por seus participantes, deve ser articulado de modo a assegurar um ambiente inclusivo não ape-

nas nos dispositivos teóricos, mas em todo o seu processo prático-metodológico. Os sujeitos surdos não devem se enquadrar nesse *modelo* apenas como resultado de uma política de *repeito às diferenças* e resultado de uma *inclusão* que é sistematicamente praticada

de maneira eficaz. É necessário pensar no processo de inclusão do surdo na escola regular como resposta às lutas e conflitos desencadeados pelas comunidades surdas, em todo o processo sócio-histórico, pelo reconhecimento de direitos linguísticos e culturais.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da Identidade e das Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: *Educação e Sociedade*, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18.pdf> Acesso em: 25/6/2009.

DORZIAT, Ana. *Metodologias específicas ao ensino de surdos: análise crítica*. Disponível em: http://www.ines.gov.br/ines_livros/13/13_PRINCIPAL.HTM Acesso em: 11/5/2009.

FRANCO, M. M. Os freakshows na contemporaneidade: os deficientes em imagens e a inclusão escolar. In: *As redes de conhecimentos e a tecnologia: imagem e cidadania*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. Escola Inclusiva: caminhos da norma ou da individuação? In: ROBER, C. *O Direito do Deficiente*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999.

LACERDA, C. B. F. de. *A Inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf> Acesso em: 20/7/2009.

LOUREIRO, V. R. A política de inclusão escolar no Brasil: pensando o caso dos surdos. In: *Espaço: informativo técnico-científico do INES*, Rio de Janeiro, n. 25, 2006.

LUCHESE, M. R. C. *Educação de pessoas surdas: experiências vividas, histórias narradas*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

LUNARDI, M. L. Inclusão/Exclusão: duas faces da mesma moeda. In: *Revista do Centro de Educação*, 2001, Santa Maria. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/>. Acesso em: 10/07/2008.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

MASUTTI, M. L.; SANTOS, S. A. dos. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R. M. de. (Org.) *Estudos Surdos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

MOREIRA, F. W. de S. Concepções de normalidade e patologia em educação especial. In: *Espaço: informativo técnico-científico do INES*, Rio de Janeiro, n. 18-19, dez. 2002/ jan. 2003.

MOURA, M. C. de. *O Surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro; São Paulo: Revinter, 2000.

PERLIN, G.; STROBEL, K. *Fundamentos da Educação de Surdos*. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos%20da%20Educa%E7%E3o%20de%20Surdos_Texto-Base.pdf Acesso em: 11 de maio de 2009.

QUADROS, R. M. de; PATERNO, Uéslei. Políticas públicas: o impacto do Decreto 5.626 para os surdos brasileiros. In: *Espaço: informativo técnico-científico do INES*, Rio de Janeiro, n. 25, 2006.

_____; PERLIN, G. *Estudos Surdos II*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007.

_____. (Org.). *Estudos Surdos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

ROCHA, P. S. R. da. Grupo de Familiares de Surdos: espaço de reflexões mediadas por instrutor surdo. In: *Saúde em Revista*. Piracicaba: 2003.

SÁ, N. R. L. de. Discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, C. *Surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SALLES, M. M. Lima et al. *Ensino de Língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica I*. Brasília, DF: MEC, SEESP, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria De Educação Especial. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2004.

SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. (Org.). *Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

SILVA, T. T. da. A política e a epistemologia do corpo normalizado. In: *Espaço*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 3-15, 1997.

SOARES, M. A. L. *A educação do surdo no Brasil*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

STROBEL, K. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Qualificação de mestrado. UFSC, 2005.

OS SENTIDOS DE SER SURDO: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS SURDOS DO INES

The meanings of being deaf: a study of the social representations of the young deaf people at INES

*Simone Conforto

*Professora de História do INES. Mestre em Educação na linha das representações sociais (UNESA)
E-mail: siconforti@uol.com.br sissaconforti@yahoo.com.br

**Helenice Maia Gonçalves

**Doutora em Educação (UFRJ). Professora do Mestrado em Educação da UNESA.
E-mail: helemaia@uol.com.br

Material recebido em maio de 2009 e selecionado em junho de 2009

RESUMO

Este artigo relata como se desenvolveu a pesquisa sobre os sentidos de ser surdo, com enfoque teórico-metodológico nas representações sociais, desenvolvida no Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES), e teve por objetivo buscar indícios das representações sociais de ser surdo, produzidas por alunos do ensino fundamental matriculados neste Instituto.

Palavras-Chave: Surdez. Representações sociais. Ser surdo.

ABSTRACT

This article relates the research on the meanings of being deaf, with a theoretical-methodological approach of the social representations. The research was developed at the National Institute for the Education of the Deaf - INES. The intention of the study was to search indications of the social representations of being deaf,

produced by Fundamental Education (Elementary and Junior High School) students of this institution.

Keywords: Deafness. Social Representations. Being deaf.

1- AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SER SURDO

Um dos objetos que são mais permeáveis ao fenômeno da representação social e, portanto, também, passíveis de análise por essa teoria, são aqueles relativos à classe, gênero, etnia ou alguma forma de diferença social, como, por exemplo, aqueles comumente denominados como *portadores de necessidades especiais*. Isso porque tais conceitos, além de serem por si mesmos uma representação social, dizem respeito tanto à sociedade como um todo, atravessando-a (afinal, necessariamente pertencemos a uma determinada classe, gênero, etnia e, portadores ou não de *necessidades especiais*, estamos todos sob o domínio de

uma norma que determina quem é ou não *portador de uma necessidade especial*).

É nesse contexto que a condição surda torna-se um objeto significativo para a realização de uma análise por meio da teoria da representação social. Foi com esse objetivo que empreendemos uma análise da forma como alunos surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) eram e são vistos pela sociedade brasileira e como aqueles viam e veem-se a si mesmos. Tal pesquisa teve origem a partir do nosso tempo de docência no INES, como professora de história, nas reflexões acerca da língua de sinais (LIBRAS), e dos procedimentos adotados em sala de aula por todos os professores de surdos.

Para isso, serviram-nos de questões norteadoras indagações tais como: – Quais as representações sociais de ser surdo? – Houve mudanças nas representações sociais de ser surdo (durante o curso da pesquisa e das aulas ministradas por nós como professora da instituição)?

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

A partir da prática como professora de história do ensino médio para alunos surdos, relacionando tais questões ao currículo de 5.^a e 6.^a séries, pudemos aproveitar discussões relativas à diferença, identidade e surdez, registrando as manifestações dos alunos nos debates.

Muitas foram as pesquisas que contribuíram para uma melhor análise da questão surda e que, por isso, foram importantes para a elaboração desta pesquisa com alunos do INES. Entre elas, poderíamos mencionar o trabalho de Favorito (2006), investigando que representações são construídas por surdos adultos, tendo como objeto uma turma da Educação de Jovens e Adultos do INES, que concluiu com a observação de que as representações construídas pelos participantes acerca das duas línguas que circulam naquele contexto escolar remetem a um conflito nuclear vivido por todos: a língua de sinais, língua natural dos alunos surdos, importante traço identitário desse grupo. Prosseguindo, Favorito observa que a repercussão desse conflito nas interações entre os participantes e nos diferentes significados que atribuem às línguas ora os insere, ora os desloca dos discursos hegemônicos historicamente construídos sobre os surdos e a surdez calcados na representação matriz da deficiência. É nas brechas desses deslocamentos, presentes nas vozes desses participantes, que esse estudo se apoia, para apontar possíveis saídas em direção a um projeto educativo que incorpore os próprios surdos em sua arquitetura curricular e em suas decisões pedagógicas.

Outros trabalhos também foram importantes, entre os quais a

pesquisa desenvolvida por Silva e Pereira (2003), que analisa a imagem que o professor possui acerca da surdez e a influência dessa imagem na prática pedagógica; a pesquisa de Bettencourt e Montagnoli (2007), que buscou conhecer as representações sociais da surdez e o impacto da surdez no cotidiano de familiares de crianças surdas; a pesquisa de Silva (2007), que analisa a representação social que pais, professores e os próprios alunos surdos fazem da surdez, sob a perspectiva da psicanálise; a pesquisa de Lunardi (2001), que utiliza a noção de normalidade para analisar as práticas de inclusão e exclusão social, consideradas como duas faces de uma mesma moeda; a pesquisa de Félix, Rampelloto e Thoma (1999), que analisa a influência da língua de sinais na educação surda, abordando questões relativas à identidade surda e observando a existência de uma variedade de identidades surdas; o trabalho de Gesueli (2006), que apresenta uma nova abordagem, apontando para uma nova visão em surdez que implica mudanças ideológicas que rompem de vez com o oralismo e com a comunicação total, já que esta, segundo a autora, não fez mudanças substanciais na forma como se utiliza a língua de sinais; o trabalho de Behares (1993), que observa que a aceitação do surdo significa aceitar sua cultura e não apenas uma mudança metodológica de ensino; por fim, o trabalho de Skliar (1998), que vê a surdez como uma concepção, sendo uma experiência visual. Para ele a surdez é, sobretudo, uma experiência visual com identidades múltiplas e multifacetadas. Compartilham

desse entendimento Silva (2000) e Perlin (1998), dentre outros. No entanto, poucos foram os trabalhos que, embora tivessem como objeto as pessoas surdas, tivessem também dado voz a estas, como o que procuramos empreender.

2-A PESQUISA

A primeira fase desta pesquisa consistiu em fazer com os alunos grupos focais, discutindo estes temas. Numa segunda fase, houve aulas-intervenção e, na terceira fase, comparamos e verificamos se houve efetivamente mudanças nas representações sociais de ser surdo a partir das aulas interventivas. A pesquisa se desenvolveu por de três fases distintas, nas quais pudemos comparar e verificar se houve efetivamente uma mudança nas representações de ser surdo a partir dos grupos focais e das aulas-intervenção.

O grupo focal é utilizado na pesquisa para elucidar questões, antes da escolha de outras formas de formulação e aplicação de técnicas e coleta de dados. A organização de um grupo focal é útil para que se levantem interesses, num grupo, acerca de suas expectativas e necessidades em relação ao tema estudado. Os grupos foram filmados, interpretados e traduzidos com auxílio do intérprete, por respeito à cultura surda. Após a análise desses grupos, construímos um quadro organizando as categorias mais recorrentes encontradas, objetivando descobrir os discursos escondidos e marcas utilizadas pelos jovens surdos ao se narrarem e se representarem. Ao final da mesma pesquisa, pudemos verificar de que

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

99

forma os surdos se representam a si mesmos, se essas representações estão ligadas à deficiência ou, ainda, como se sentem em relação à estigmatização, ou se sentem diferentes como usuários de outra língua e, em função disso, de uma certa maneira, participantes de uma cultura específica.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas. Na primeira, foram realizadas quatro sessões de grupo focal (MORGAN, 1998; KRUEGER, 1998; GATTI, 2005) com alunos que cursavam duas turmas de 5.^a e duas turmas de 6.^a séries do ensino fundamental e que estavam matriculados no INES no ano de 2007, um em cada turma. Durante essas sessões, tópicos específicos foram propostos para discussão, com a intenção de apreender informações sobre os sentidos de ser surdo, a partir da interação entre os participantes.

Nesses momentos, pretendemos verificar as expectativas de cada aluno enquanto *ser surdo*, relacionado com a perspectiva de *ser deficiente, não ouvinte e não falante*. O registro simultâneo e posterior das *falas* mais representativas e a gravação em vídeo das sessões permitiram levantar as informações que circulavam no grupo. Foram registradas 111 *falas* que, submetidas à análise categorial temática (BARDIN, 1987), originaram nove categorias (normalidade, solidão, comunicação, maus-tratos, língua de sinais, INES, relacionamento com ouvintes, proteção da família), sendo a de maior frequência a que agrupou *falas* sobre o relacionamento entre ouvintes e não ouvintes. Nessa etapa, foi possível identificar que os jovens ancora-

vam os sentidos de ser surdo no *slogan* divulgado pelo Instituto Meta-Social: *ser diferente é normal*.

Numa segunda etapa, foi realizada uma intervenção, durante as aulas de história, momento em que procuramos realizar a articulação entre os conteúdos desenvolvidos nessa disciplina e diferentes questões relacionadas à cultura surda. Ao estimular a participação dos alunos nos debates promovidos em sala de aula, esperávamos poder verificar se teria havido mudanças em suas manifestações.

As manifestações dos alunos foram coletadas por meio de registro cursivo de todas as aulas ministradas durante quatro meses e de gravação em vídeo de quatro aulas por turma, também durante quatro meses, para análise posterior. Nesse período, foi possível verificar que os alunos possuíam pouca informação sobre: história dos surdos, legislação específica, instituições, associações e fundações que promovem atividades para os surdos ou movimento surdo, tendo sido

possível observar atitudes de revolta e indignação do grupo, quando eram discutidos temas relacionados, por exemplo, à exclusão dos diferentes e à sua participação na sociedade.

Numa terceira etapa, quatro novas sessões de grupo focal foram realizadas com os participantes, para verificar se houve alguma mudança de ideias, saberes, fins, valores e visões de mundo provocada pela intervenção. Para tanto, foram colocados em discussão os mesmos tópicos da rodada inicial para que as manifestações iniciais e finais dos alunos pudessem ser comparadas. Tal comparação permitiria verificar se a intervenção (BRANDÃO, 1981; THIOLLENT, 1985) realizada pôde contribuir para uma transformação das representações sociais de ser surdo (ALVES-MAZZOTTI; WILSON, 2004).

Numa quarta e última etapa, o registro simultâneo e posterior das *falas* mais representativas e a gravação em vídeo das sessões tam-

(...) foi possível verificar que os alunos possuíam pouca informação sobre: história dos surdos, legislação específica, instituições, associações e fundações que promovem atividades para os surdos ou movimento surdo, tendo sido possível observar atitudes de revolta e indignação do grupo, quando eram discutidos temas relacionados, por exemplo, à exclusão dos diferentes e à sua participação na sociedade

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

bém permitiram levantar as informações que agora circulavam no grupo. Foram registradas 101 *falas* que, submetidas à análise categorial temática (BARDIN, 1987), originaram sete categorias (normalidade, comunicação, língua de sinais, INES, relacionamento com ouvintes, proteção da família, associações e cultura surda), sendo a de maior frequência a que agrupou *falas* sobre o relacionamento entre ouvintes e não ouvintes. Aqui, identificou-se que os jovens também ancoravam os sentidos de ser surdo na frase *ser diferente é normal*.

Com a intervenção, o que se esperava era contribuir para o desfazimento da perspectiva patológico-clínica sobre o sujeito surdo e revelar a importância da formação da identidade surda e da cultura surda para o surdo.

3- METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa com enfoque teórico-metodológico nas representações sociais aqui apresentada teve por objetivo buscar indícios das representações sociais de ser surdo, produzidas por 23 moças e 34 rapazes (N = 57) na faixa etária de 12 a 18 anos, alunos de duas turmas de 5.^a série e duas de 6.^a série do ensino fundamental do INES, no Rio de Janeiro, no ano de 2007.

Por entendermos que a abordagem qualitativa é adequada a este estudo, características como: ser realizada no local de origem dos dados; tomar o ambiente natural como fonte direta para obtenção dos dados; ter o pesquisador como seu instrumento fundamental; descrever as situações em seus contex-

tos, tal como ocorreram; e captar o significado que as pessoas dão às coisas e à vida (GODOY, 1995) foram rigorosamente seguidas.

As representações sociais de ser surdo produzidas por moças e rapazes que participaram desse estudo foram buscadas por meio de duas técnicas: observação participante, em que o pesquisador participa das situações instauradas e chega ao conhecimento do grupo a partir de seu interior, e grupo focal, técnica não diretiva, em que o moderador facilita a discussão sobre um tema em foco, sem interferir, e procurando estimular que todos falem.

Como a realização do grupo focal com surdos é relativamente difícil, uma vez que as perguntas precisam ser traduzidas em língua de sinais, foi necessária a presença de um tradutor-intérprete de LIBRAS para que os alunos surdos pudessem compreender o que estava sendo solicitado e serem compreendidos em seus depoimentos. Sua presença visava a garantir, também, que não houvesse dúvidas e mal-entendidos consequentes de problemas de comunicação. Entendemos, como Shirley Vilhalva, que o tradutor-intérprete é um canal que interliga o mundo do ouvinte e o mundo do surdo. Devido a isso, sua presença se torna imprescindível porque ele capta palavras e emoções daquele que fala e as transmite para os surdos e vice-versa. Nas conversações, seu papel era facilitar a discussão e a troca de experiências, contribuindo para que o debate acontecesse da forma mais natural possível.

Como pretendíamos verificar se haveria mudanças nas representações sociais de ser surdo produzidas

pelos alunos após sua participação nas aulas de história, ao construirmos o *design* da pesquisa, consideramos ser possível empreender uma pesquisa do tipo intervenção.

A pesquisa-intervenção vem sendo muito utilizada em diferentes instituições, pois viabiliza “a construção de espaços de problematização coletiva junto às práticas de formação e potencializa a produção de um novo pensar / fazer educação” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 64). Nesse tipo de pesquisa, há uma interferência do pesquisador na realidade pesquisada sem que haja mudança imediata provocada pela ação instituída. A pesquisa empreendida mostrou que os alunos surdos se definem como normais, não deficientes, apenas diferentes. Veem um mundo partido, dividido, antagônico e que os rejeita. Vivem suas carências e as enfrentam como podem, inclusive pelo silêncio, pela sua invisibilidade.

4- CONCLUSÕES

A pesquisa demonstrou que a forma como os alunos surdos do INES se representam não deixa de apresentar a mesma estrutura que a forma como a sociedade ouvinte os representa. Desse modo, em seu esforço por se fazerem integrar e incluir na sociedade, sendo aceitos como tais, os surdos também tendem a recorrer ao mesmo universo categorial carregado de preconceito que é utilizado para os representar. Destarte, uma das categorias que se apresenta com relativa frequência no discurso dos alunos é a de *normal*. No entanto, se inicialmente essa categoria foi utilizada pela

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

101

sociedade para definir os surdos e excluí-los, obrigando-os a se adequarem a uma norma, posteriormente foi empregada para negar essa própria exclusão. Nesse caso, a categoria *norma* deixou de ter uma definição *dura*, restrita, que excluía uma série de diferenças (embora nem toda diferença, como se sugeria, pois isso seria totalmente impossível, uma vez que, no limite, todos somos diferentes!) para apresentar uma definição mais plástica, abrangendo um maior número de diferenças, entre as quais a condição surda. É assim que a afirmação de que ser surdo é normal destaca-se entre as declarações dos alunos, de início, como uma reação ao discurso que os considera (mesmo que implicitamente) como *anormais*.

Num segundo momento, há uma inversão da forma de representação, como que por meio de uma subversão, com os surdos colocando-se como normais, ao mesmo tempo que questionando a normalidade dos ouvintes. Não porque estes não sejam surdos, mas porque, por verem os surdos como *anormais*, acabam por não agir de uma forma correta, e, de uma certa forma, a não agir de acordo com uma norma (uma outra norma) para com os mesmos surdos, que são tão normais como as demais pessoas (vivem e têm tanto direito à vida quanto qualquer um).

Mas a categoria *norma* e seus correlatos (normal, anormal, normalidade, etc.) permeia todo o discurso dos alunos. Com efeito, comparar-se com o que se considera por outrem como normal leva-os a uma solidão que é experimentada concretamente pelos surdos. A relação normalidade-diferença-

solidão é um trinômio que desperta e que o surdo sente como não familiar, ancorando seu sentimento na normalidade para se sentir igual aos demais.

Essa solidão é experimentada, num primeiro momento, por meio da exclusão discursiva, ao não ser considerado como normal. Depois, como alguém que deve se adequar a uma norma que, no entanto, não é adequada a ele. Este é o caso, por exemplo, das tentativas históricas de fazer com que os surdos aprendessem a falar (o oralismo), que vigorou durante tantos anos na educação surda (inclusive no INES) e que tantas marcas deixou na educação e na condição surda. Esse sentimento de solidão decorre ainda do fato de a maioria dos

Mas a categoria *norma* e seus correlatos (normal, anormal, normalidade, etc.) permeia todo o discurso dos alunos. Com efeito, comparar-se com o que se considera por outrem como normal leva-os a uma solidão que é experimentada concretamente pelos surdos.

ouvintes não conhecer a LIBRAS, a língua dos sinais. O surdo, então, sente-se como que numa Torre de Babel, onde cada um fala uma língua mas ninguém se entende. O surdo não é compreendido e, desse modo, novamente, fica excluído e só. Por isso, também a importância da língua de sinais para o surdo e o fato de este acabar por construir uma *comunidade surda*, como uma *pátria*, com vistas, justamente, a romper a incomunicabilidade, a solidão e a exclusão. Afinal, como nos dissera Caetano Veloso, “minha língua é minha pátria!”.

A não aceitação da condição surda como uma normalidade, ou uma diferença dentro de uma normalidade, leva necessariamente ao mau-trato para com os surdos. Afinal, não ser considerado como normal, e, portanto, incluído, integrado, já é um mau-trato. Ademais, sabe-se que para que o mau-trato possa ser realizado sem um arrependimento e uma culpa, torna-se necessário que o objeto (ser) para o qual se dirige esse mau-trato não seja considerado como igual, pois, do contrário, se estaria, pelo menos em tese, admitindo a possibilidade de um igual agir com mau-trato para com outro igual e consigo mesmo. Portanto, faz parte da lógica que fundamenta a prática de maus-tratos para com os surdos o esquema: surdo/diferente/forma da norma/excluído/mau-trato, que é a mesma base para as práticas de racismo e escravização nas mais diferentes formas. Nesse caso, escravização da alma.

Portanto, a forma como o surdo é representado socialmente, com amplas repercussões no modo como ele representa a si mesmo, é

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

bastante semelhante à forma como a sociedade – esta já em si mesma uma Torre de Babel, portanto um conjunto de diferenças – tende a representar a *diferença*. Sob a forma de uma predominância do familiar sobre o não familiar. Portanto, a partir de modelos preconcebidos de identidade, por meio de *diferenças já conhecidas*. É assim que, num primeiro momento, dada a dificuldade de comunicação do surdo com o ouvinte, aquele é identificado como *idiota* ou o *deficiente mental*, de resto já representados de forma preconceituosa. Desse modo, pode-se dizer que a representação ser surdo pela sociedade

apresenta-se, num certo sentido, como uma objetivação potenciada, uma vez que é uma objetivação realizada por meio de algo (a representação do deficiente mental) que já fora anteriormente objetivado. E uma vez objetivado, tende-se a se reificar. O que possui implicações deveras prejudiciais para a educação surda.

É preciso pensar o não lugar do outro, pois todos somos, de certo modo, outros, diferentes. O outro parece ser somente um de fora, um permanente estrangeiro. A relação excluído/incluído ainda persiste. É uma típica representação social de território, de onde foi exercida

pressão para organizar o mundo, a cultura e onde há sujeitos fora do mapa, o que pressupõe necessariamente a existência de sujeitos dentro do mapa: os estabelecidos, os incluídos.

Esse binômio exclusão/inclusão constitui sujeitos, configura pactos, poderes. Assim, o mundo politicamente correto, conforme define Skliar (1998), é o mundo onde se nomeia o surdo, o índio, o negro. Ao não nomeá-los, não dizê-los, mantemos intactas as representações e os olhares sobre eles. E, ao nomeá-los, mantemos a distância entre nós.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE PERNAMBUCO. Para uma cronologia da educação dos surdos. Disponível em: <http://www.asspe.com.br/educacao.php.%20Acesso%20em%2024/06/06>.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BEHARES, L. E. Nuevas corrientes en la educacion del surdo: de los enfoques clinicos a los culturales. In *Cadernos de Educação Especial*, 1 (4), 1993.

CICCONE, M. *A surdez e a pessoa surda: revisão e tópicos básicos*. Rio de Janeiro: Cultura, 1996.

DORZIAT, A. *Metodologias específicas ao ensino de surdos*. Disponível em: http://www.ines.gov.br/ines_livros.%20Acesso%20em%2004/09/2007.

DUARTE, M.; DUSCHATZKY, S. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J. C. (Orgs.) *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

FAVORITO, W. *O difícil são as palavras: representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos surdos*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). UNICAMP, Campinas.

GESUELI, Z. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. In *Educação e Sociedade*, Campinas,

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

103

vol. 27, n. 94, jan/abr 2006, p. 277-292.

FLÔRES, A. C. *Monitor surdo: que sujeito é esse?*. 2005. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de ciências da Saúde e do Ambiente). Centro Universitário Plínio Leite (UNIPLI), Niterói.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GARCIA, B. G. de. O multiculturalismo na educação dos surdos: a resistência e relevância da diversidade para a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

GONÇALVES, L. A. C.; SILVA, P. B. G. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HALL, S. *Identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão In: _____. (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Caderno CEDES*, vol. 19, n. 46, Campinas, set.1998.

LARROSA, J.; SKLIAR, C. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LODI, A. C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 31, n. 3, São Paulo, set./dez. 2005.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In JODELET, D. (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

_____. O fenômeno das representações sociais. In _____ *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre, Artmed, 1997.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

RAMPELOTTO, E.M. *Processo e produção na educação de surdos*. 1993. Tese (Mestrado em Educação) UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul.

SÁ, C. P. de. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SÁ, N. R. L. de. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. *Convite a uma revisão da pedagogia para as minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdo*. Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/espaco18/Atualidade05.pdf>. Acesso em: 24/06/06.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educação e Sociedade*, vol. 26, n. 91, Campinas, mai./ago.2005, p. 565-582. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/>. Acesso em: 23/09/2006.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, A. B. de P. e; PEREIRA, M. C. da C. O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor. *Psicologia: teoria e pesquisa* v. 19, n. 2, Brasília, mai./ago.2003.

SILVA, A. C. A representação do negro no livro didático: o que mudou? Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_representacao_do_negro.asp?f_id_artigo=434. Acesso em: 23/09/2006.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade In SKLIAR, C. (Org.) *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 105-153.

_____. (Org.) *A surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

105

JOÃO RIGO E EUCLIDES DA CUNHA: O ESCULTOR E O ESCRITOR

João Rigo and Euclides da Cunha: the sculptor and the writer

*Solange Maria da Rocha

Doutora em Ciências Humanas - Educação - PUC-RJ. Mestre em Educação Especial - UERJ.

Licenciada e Bacharelada em História - UFF. Professora do INES.

E-mail: solangerocha3@gmail.com

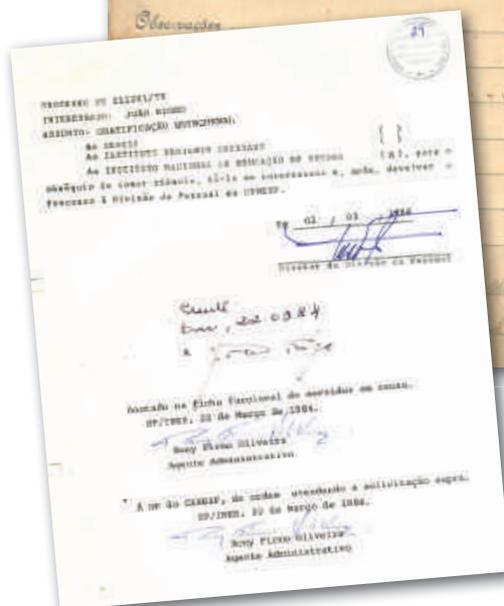
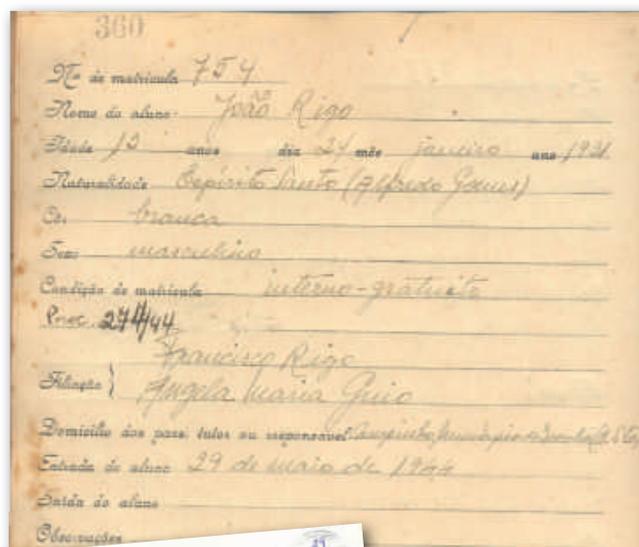
Na esteira das homenagens que a Revista Espaço presta a Euclides da Cunha pelo centenário de sua morte, apresentamos o artista plástico surdo, João Rigo, autor de uma belíssima escultura do escritor, datada de 1958, quando era aluno do Instituto.

João Rigo nasceu no Espírito Santo, em 24 de Janeiro de 1931, era filho de Francisco Rigo e Ângela Maria Guio. Entrou para o Instituto, como aluno, em 24 de maio de 1944. Na década de 1950, mostrou grande talento para escultor, ocasião em que foi aluno do Curso de Artes Plásticas do Instituto, realizado em convênio com o Museu de Belas Artes, sob a responsabilidade da professora e artista plástica Nanci Godoy.

Muitos alunos se destacaram nesse Curso, dentre eles Rigo, que tem outros itens de sua produção artística expostos no Espaço Memória do INES.

Em meados da década de 1950, João Rigo é contratado para trabalhar no Instituto, a princípio como auxiliar de secretaria.

Já no início dos anos 1960 assume a posição de mestre de oficina, ensinando o ofício de escultor aos alunos.





NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

107

CARACTERIZAÇÃO DAS SEÇÕES DA REVISTA ESPAÇO

- **Espaço Aberto:** artigos de relevância teórica pertinentes à área da surdez.
- **Debate:** tema previamente escolhido a ser discutido por diversos autores.
- **Atualidades em Educação:** artigos de relevância teórica pertinentes à área da Educação.
- **Reflexões sobre a Prática:** discussões e relatos de experiências de profissionais sobre sua prática.
- **Produção Acadêmica:** referência a dissertações de mestrado e teses de doutoramento na área da surdez e/ou temas afins realizadas em instituições nacionais e/ou internacionais.
- **Resenha de livros:** apresentação de resumos de obras.
- **Material técnico-pedagógico:** divulgação de materiais.
- **Visitando o acervo do INES:** apresentação de material de relevância histórica constante no acervo do INES.

Os interessados em enviar artigos para a Revista ESPAÇO devem seguir, obrigatoriamente, o seguinte padrão editorial:

1. A **ESPAÇO** aceita para publicação artigos inéditos de autores brasileiros e estrangeiros que tratem de Educação, resultantes de estudos teóricos, pesquisas, reflexões sobre práticas concretas, discussões etc. Excepcionalmente poderão ser publicados artigos de autores brasileiros ou estrangeiros editados anteriormente em livros ou periódicos que tenham circulação restrita no Brasil.
2. Os **ARTIGOS** devem ter no mínimo trinta mil e no máximo cinquenta mil caracteres com espaços, incluindo as referências bibliográficas e as notas (contar com *Ferramentas* do processador de textos *Word* ou *Star Office*, por exemplo).
3. A publicação de **ARTIGOS** está condicionada a dois pareceres de membros do Conselho Editorial ou de colaboradores *ad hoc*. A seleção de artigos para publicação toma como critérios básicos sua contribuição à Educação Geral, à Educação Especial e à Educação de Surdos e áreas afins, bem como a linha editorial da **ESPAÇO**. Contam, também, a originalidade do tema ou do tratamento dado ao mesmo, assim como a consistência e o rigor da abordagem teórico-metodológica. Eventuais modificações de estrutura ou de conteúdo, sugeridas pelos pareceristas ou pela Comissão Editorial, só serão incorporadas mediante concordância dos autores.
4. De acordo com a caracterização das seções, a **ESPAÇO** também publica **REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**, **RESENHAS** e **RESUMOS DE TESES E DISSERTAÇÕES**.
5. As **REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA** não devem ultrapassar vinte mil caracteres com espaço. Os demais requisitos para os artigos também devem ser atendidos.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

6. As RESENHAS não devem ultrapassar oito mil caracteres com espaços e os RESUMOS DE TESES E DISSERTAÇÕES, quatro mil caracteres com espaços. É indispensável a indicação da referência bibliográfica completa da obra resenhada ou comentada; a digitação e a formatação devem obedecer à mesma orientação dada para os artigos. As RESENHAS serão submetidas aos pareceristas *ad hoc*.
7. Textos que tratem de temas polêmicos ou que debatam algum assunto, com defesa de posicionamentos, poderão ser publicados na seção DEBATE. Nesse caso, a **ESPAÇO** procura publicar no mínimo dois artigos com diferentes abordagens. Os textos devem obedecer ao limite de cinquenta mil caracteres e atender aos demais requisitos dos artigos.
8. Os originais poderão ser encaminhados à comissão editorial da **ESPAÇO** (comissaoeditorial@ines.gov.br) ou pelo correio. Nesse último caso, é obrigatório o envio de uma via impressa e do arquivo correspondente em CD.
9. Os artigos e outros textos para publicação devem ser digitados em um dos programas de edição de texto em formato *Word for Windows*. As orientações para formatação estão especificadas ao final destas Normas.
10. As menções a autores, no correr do texto, devem subordinar-se à forma (Autor, data) ou (Autor, data, p.), como nos exemplos: (Ferreira, 2004) ou (Ferreira, 2004, p. 39). Diferentes títulos do mesmo autor, publicados no mesmo ano, deverão ser diferenciados adicionando-se uma letra depois da data, como por exemplo: (Jordan, 2001a), (Jordan, 2001b).
11. As Referências Bibliográficas devem conter exclusivamente os autores e textos citados no trabalho e ser apresentadas ao final do texto, em ordem alfabética, obedecendo às normas atualizadas da ABNT. **Textos que não contenham as referências bibliográficas ou que as apresentem de forma incorreta não serão considerados para exame e publicação.** Observa-se que as bibliotecárias das Universidades estão aptas a oferecer orientações relativas ao seu uso correto. Exemplos da aplicação das normas da ABNT encontram-se ao final destas Normas.
12. As notas de rodapé devem ser exclusivamente explicativas. Todas as notas deverão ser numeradas e aparecer no pé de página (usar comando automático do processador de textos: *Inserir/Notas*).
13. Todos os artigos devem conter, no início, título em português e em inglês, resumo (em português) e **abstract (em inglês)** que não ultrapassem mil caracteres cada, com indicação de pelo menos três palavras-chave e *keywords*. **Não serão aceitos abstracts produzidos por meio de tradutor eletrônico.**
14. **No início do texto, o autor deve também fornecer um minicurrículo com dados relativos à sua maior titulação, instituição e área em que atua, bem como indicar o endereço eletrônico e o endereço postal completo para correspondência.**
15. Os quadros, gráficos, mapas, imagens etc. devem ser apresentados em folhas separadas do texto (indicando-se os locais em que devem ser inseridos), devendo ser numerados e titulados e apresentando-se indicação das fontes correspondentes. Sempre que possível, deverão ser confeccionados para sua reprodução direta.



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

109

16. O envio de qualquer colaboração implica automaticamente a cessão integral dos direitos autorais.

17. A **ESPAÇO** não se obriga a devolver os originais das colaborações enviadas.

Orientação para a formatação dos textos

1. Digitar todo o texto em fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinha simples, sem fontes ou atributos diferentes para títulos e seções.
2. Utilizar negrito e maiúsculas para o título principal, e negrito e maiúsculas e minúsculas nos subtítulos das seções.
3. Assinalar os parágrafos com um único toque de tabulação e dar *Enter* apenas no final do parágrafo;
4. Separar títulos de seções, nome do autor etc. do texto principal com um duplo *Enter*;
5. Para ênfase ou destaque no interior do texto, utilizar apenas itálico.
6. As citações diretas com mais de três linhas devem aparecer em Times New Roman, tamanho 11, separadas do texto principal com duplo *Enter* e introduzidas com recuo de 4 centímetros da margem esquerda, sem as aspas.

Orientação para aplicação das normas da ABNT

A) Nas citações:

1. Citação direta, entre aspas, inserida na frase do articulista:

- a) Se o articulista mencionar em sua frase o nome do autor da citação, logo após esse nome deverá constar, entre parênteses: ano de publicação da obra / vírgula / número(s) da(s) página(s) de que foi retirado o segmento citado.

Exemplo: Fernandes (2007, p. 42) afirma que o fenômeno educacional musical é muito complexo, sendo “um campo onde múltiplas disciplinas se encontram”, ainda sofrendo com a “ausência de técnicas de pesquisa adequadas, escassez de teorias próprias e falta de recursos”.

- b) Se o articulista **não** mencionar em sua frase o nome do autor da citação, logo após essa citação deverá constar, entre parênteses: sobrenome do autor, com todos os caracteres maiúsculos / vírgula / ano de publicação da obra / vírgula / número(s) da(s) página(s) de que foi retirado o segmento citado.

Exemplo: Vale ressaltar que a paralisia cerebral se apresenta em vários níveis de comprometimento, e “embora possa haver múltiplos transtornos associados à disfunção motora, muitas vezes as faculdades intelectuais e muitas outras funções regidas pelo cérebro encontram-se intactas” (COLL et al, 2004, p. 217).

2. Citação direta, com três linhas ou mais, separada do texto:

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Digitar em fonte Times New Roman, tamanho 11, separar do texto principal com duplo *Enter* e introduzir com recuo de 4 centímetros da margem esquerda, sem aspas. Após a citação, colocar um ponto. Em seguida, entre parênteses: sobrenome do autor com todos os caracteres maiúsculos/ vírgula / ano de publicação / vírgula / página(s).

B) Nas Referências Bibliográficas:

1. **Livros:** sobrenome(s) do(s) autor(es) em maiúscula /VÍRGULA/ respectivos nomes em maiúscula e minúscula / nome do livro em itálico seguido de dois pontos e subtítulo (se houver) em fonte normal /PONTO/ nome do tradutor (quando houver e em fonte normal) /PONTO/ edição / local de publicação seguido de dois pontos / editora /VÍRGULA/ ano da publicação /PONTO.

Exemplo: SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução: Laura Teixeira Motta. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

2. **Artigos:** sobrenome(s) do(s) autor(es) em maiúscula /VÍRGULA/ respectivos nomes em maiúscula e minúscula /PONTO/ título do artigo em fonte normal /PONTO/ título do periódico em itálico /VÍRGULA/ volume /VÍRGULA/ número do periódico /VÍRGULA/ páginas correspondente ao artigo /VÍRGULA/ ano da publicação /PONTO.

Exemplo: MACHADO, L.R.S. Cidadania e trabalho no ensino de segundo grau. *Em Aberto*, v. 4, n. 28, p. 35-8, 1985.

3. **Coletâneas:** sobrenome(s) do(s) autor(es) em maiúscula /VÍRGULA/ respectivos nomes em maiúscula e minúscula /PONTO/ título do capítulo em fonte normal /PONTO/ In: /sobrenome do(s) organizador(es) em maiúscula seguido(s) das iniciais dos respectivos nomes / Org(s) entre parênteses / título da coletânea em itálico / dois pontos e subtítulo (se houver) em fonte normal /PONTO/ nome do tradutor (quando houver e em fonte normal) /PONTO/edição/VÍRGULA/local da publicação seguido de dois pontos/ editora /VÍRGULA/ ano da publicação /PONTO.

Exemplo: AZÛA, Félix. Sempre em Babel. In: LARROSA, J. e SKLIAR, C. (Orgs.) *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

4. **Dissertação ou tese acadêmica:** sobrenome do autor em maiúscula /VÍRGULA/ nome em maiúscula e minúscula /PONTO/ título da obra (em itálico) /DOIS PONTOS/ subtítulo, se houver, em fonte normal /PONTO/ ano da defesa /PONTO/ tipo (dissertação ou tese) / grau acadêmico (entre parênteses) /TRAVESSÃO/ Instituição onde foi apresentada /PONTO.

Exemplo: COSTA, Rejane Pinto. *O Ensino de Inglês em uma Ótica Multicultural*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFRJ.

● ● ● ● GUIDELINES FOR SUBMISSION OF ARTICLES FOR PUBLICATION

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

III

CHARACTERIZATION OF THE SECTIONS OF *ESPAÇO*

- *Espaço Aberto*: theoretically relevant articles related to the area of deafness.
- *Debate*: articles with different approaches on a previously chosen theme.
- *Atualidades em Educação*: theoretically relevant articles on Education.
- *Reflexões sobre a prática*: articles describing and discussing professional experiences.
- *Produção Acadêmica*: abstracts of masters dissertations or doctoral theses in the area of or related to deafness, approved by universities in Brazil or abroad.
- *Resenhas*: critical book reviews.
- *Material técnico-pedagógico*: pedagogical material produced by INES.
- *Visitando o acervo do INES*: comments on historically relevant material in the permanent collection of INES.

Format and Preparation of the manuscripts

1. *ESPAÇO* publishes original articles of Brazilian and foreign authors that discuss education based on theoretical studies, research, reflections about concrete practices, as well as polemic discussions and the like. Exceptionally it can publish national or international articles previously edited in books or journals that have narrow circulation in Brazil.
2. The articles should be of the minimum length of thirty thousand and maximum of fifty thousand characters with spaces, including bibliographic references and notes, counted with the Tools of the *Word processor* (either *Word* or *Star Office*, for instance).
3. The publication of articles is conditioned to two appraisals by referees from the Editorial Board and/or by *ad hoc* referees. The selection of articles for publication takes into account its contribution to General Education, Special Education, Education of the Deaf and similar areas and to the editorial line of *ESPAÇO*, as well as the originality of the theme and of its discussion and the rigor and consistency of its theoretical and methodological framework. Any eventual change in structure or content as suggested by either the referees or the Editorial Board is only incorporated into the text with the thorough agreement of the authors.
4. According to the characterization of its sections, *ESPAÇO* also publishes REFLECTIONS ON THE PRACTICE, REVIEWS and THESES AND DISSERTATION ABSTRACTS.
5. REFLECTIONS ON THE PRACTICE should be of the maximum length of twenty thousand characters with spaces and should fulfill all the other requirements.
6. BOOK REVIEWS should not exceed eight thousand characters with spaces and THESES and DISSERTATIONS ABSTRACTS should not consist of more than four thousand. Complete bibliographic references are obligatory for reviewed or commented texts and the typing and formatting should follow the same instructions given for the articles. The BOOK REVIEWS will be submitted to the *ad hoc* referees.
7. Texts that discuss polemic subjects or that debate a particular point of view or opinion on a subject can be published in the section named DEBATE. In this case, *ESPAÇO* tries to publish at least two articles with

GUIDELINES FOR SUBMISSION OF ARTICLES FOR PUBLICATION

different approaches. The texts should not exceed fifty thousand characters with spaces and should fulfill all the other requirements.

8. The original manuscripts can be sent to the Executive Committee of **ESPAÇO** either by mail (including one copy in press and the corresponding file in a CD) or by the e-mail: comissaoeditorial@ines.gov.br
9. The articles and other texts for publication should be typed in one of the programs of text editors in Words for Windows format. Instructions for formatting the manuscripts can be found at the end of this guideline.
10. Citations of authors within the text should be as follows: (Author, date) or (Author, date: page.), as in the following examples: (Ferreira, 2004) or (Ferreira, 2004: p. 39). Different titles of the same author that have been published in the same year should be mentioned with a different letter after the date, as for instance: (Jordan, 2001a), (Jordan, 2001b) and so forth.
11. Bibliographic references should have only the authors and texts cited within the article and should be presented at the end of it, in alphabetic order. **Articles without bibliographic references or works that inappropriately present the references will not be considered for publication.**
12. References at the bottom of the page should be exclusively of a clarifying nature. All of those should be numbered and be presented at the bottom of the page (please use the automatic computer key that reads *Insert/Notes*).
13. All the articles should have, in the beginning, **a title in English and in Portuguese, a summary (in Portuguese) and an abstract (in English)**. Those should not be longer than a thousand characters each, indicating at least three key words.
14. **In the beginning of the paper, the author should also present data relative to his/her highest degree, institution and area of knowledge, as well as full e-mail and postal address for correspondence.**
15. Tables, graphs, maps, images and others should be presented in separate sheets and the places where they should be inserted should be presented. They also should be numbered and have titles attached to them, as well as present their corresponding sources. Whenever possible, they should be available in a direct reproduction mode.
16. Sending an article for publication implies in the cession of copyrights to **ESPAÇO**.
17. **ESPAÇO** is not compelled to give back the manuscripts it has received.

Instructions in order to format the manuscripts

1. The whole manuscript should be typed in Times New Roman, size 12, with simple lines between them, without any special fonts or attributes for titles and sections.
2. Use bold and capital letters for the main title, and bold and capital and normal letters for the sub-titles of sections.
3. For highlighting purposes within the manuscript, use only italics; also, paragraphs should be signaled only with a touch of tabulation and by touching the *Enter* key only.
4. Separate titles of sections, name of the author and so on from the main text with a double *Enter*.
5. For transcriptions, use the same Times New Roman, size 11, separated from main text with a double *Enter* and introduced with two tabulation touches.



Realização

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Secretaria
de Educação
Especial

Ministério da Educação

